

PQ 9261  
.A575 D7

1839

LIBRARY OF CONGRESS

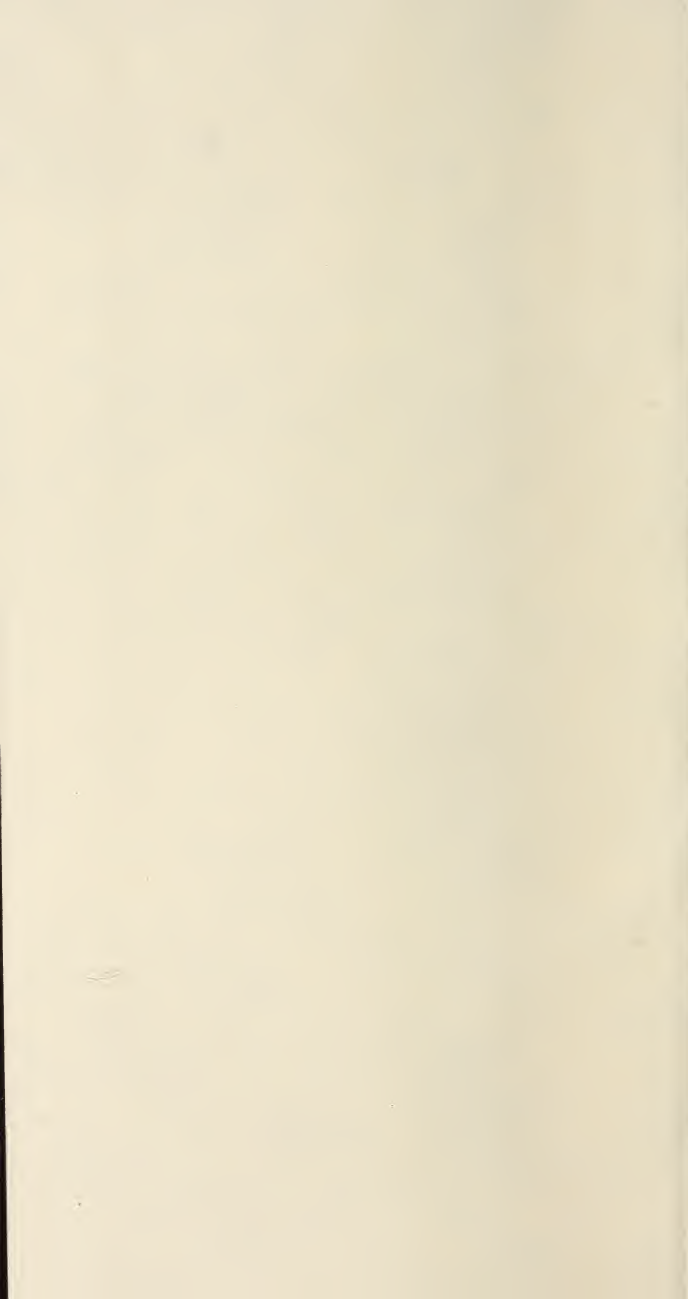


00003183695











meia de Garret  
Silva berta. do Almeida Garret  
Almeida dos

**DONA BRANCA,**

OU

**A CONQUISTA DO ALGARVE,**

*Obra posthuma*

DE

*F. E.*



**BAHIA,**

TYP. CONSTITUCIONAL IMP. G. J. D. BARBUDA.

*Rua do Tijolo casa n. 19. — 1839.*

DOVA BRANCH

PQ9261  
A575D7  
1839

387270  
'29



BRITISH

THE NATIONAL ARCHIVES  
Kew, Surrey TW20 9EX

## PROTESTAÇÃO:

PROTESTO que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, encantamentos, &c. são puramente poéticas. Outro sim que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que taõ propensa he a natureza humana, nunca tive a pecaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos pais. Antes fei meo principal fim n'esta obra mostrar o castigo do vicio, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião. Se a calúmnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas trovas, desde-ja as desminto, e d'ahi lavo minhas mãos. Esta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda vida tive; só depois de minha morte verá luz publica. Mas com quanto a essa hora ja estarei a salvo, no sepulcro, de todas as malevolencias dos homens, desejo comtudo que a memoria (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos seja bemdicta dos bons Portu-

## PROTESTAÇÃO.

guezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deos. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer, no seio da Igreja Catholica, Apostolica, Romana: á ella sujeito meo humilde escripto; e se na minima cousa involuntariamente encontrrei seos preceitos, do coração me desdigo e retracto.

**F. E.**

N. B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscripto, (esse em letra que desconheço) o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte.

O EDITOR,

O assumpto d'este romance he tirado da chronica de D. Afonso III. de Duarte Nunes do Leão.

18  
The first part of the book is devoted to a  
general introduction to the subject of  
the history of the world. It is divided into  
two parts, the first of which is devoted to  
the history of the world from the beginning  
of time to the present day. The second  
part is devoted to the history of the world  
from the present day to the future.

It is a very interesting and useful book  
and is highly recommended to all who  
are interested in the history of the world.



---

# DONA BRANCA,

OU

## A CONQUISTA DO ALGARVE.

---

### CANTO PRIMEIRO.

#### I.

AUREOS numes d'Ascreu, ficções risonhas  
Da culta Grecia amavel, crenga linda  
De Venus bella, Venus mãe d'amores  
Brincões, travessos; — do magano Jove,  
Que do septimo ceo atrás das môças  
Vem andar a correr per este mundo,  
Já niveo touro, ja dourada chuva,  
Já quanto mais lhe apraz; — de Baccho alegre,  
Do louro Apollo, e das fermosas nove  
Castas irmans que nos vergeis do Pindo  
Tecem aos sons da lyra eternos carmes;  
Gentil religião, teu culto abjuro,  
Tuas aras profanas renuncio;  
Professei ontra fé, sigo outro rito,  
E para novo altar meus hymnos canto;.

#### II.

Não rias, bom philosopho Duarte,

Da minha converção, sincera é ella\*:  
 Disse adeus ás ficções do paganismo,  
 E christão vate christãos versos fago.  
 — Irão meus versos ao retiro mystico,  
 Adonde te escondeste, procurar-te;  
 E ao levantar da nevoa matutina  
 Te hão de acordar para contar-te a historia  
 Dos bons tempos que foram. — Ouve, escuta  
 O alaúde romantico, ouve as coplas  
 Do amigo trovador: á nossa terra  
 Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos  
 Embalar as saudades, e dar folga  
 As ancias d'alma co'as ficções do ingenho.

### III.

„ Em hora boa saia a nova esposa  
 „ Per caminho de flores; — saia a bella,  
 „ A casta filha de Sion sagrada  
 „ Para os paços magnificos do esposo.  
 „ Choremos nós, que ella se vai, choremos,  
 „ Que nos deixa e se vai: outro rebanho  
 „ A apascentar caminha em prados novos;  
 „ D'outras ovelhas cuidará solícita,  
 „ Que não de nós: sua coroa mystica  
 „ Outras mãos tecerão da rosa agreste,  
 „ Do lirio das campinas para a frente  
 „ Da pastora sagrada: o bago sancto  
 „ D'outro redil defenderá a entrada.  
 „ Em hora boa saia a nova esposa

\* Veja nota a este verso, no fim.

„ Per caminho de flores; — saia a bella,  
 „ A casta filha de Sion sagrada  
 „ Para os paços magnificos do esposo. „

## IV.

Aberta estava a porta do mosteiro,  
 E as virgens do Senhor este cantavam  
 Hymno de saúdosa despedida  
 A' sua joven prelada, que ora as deixa.  
 Formosa e em viço de florentes annos  
 A real Branca, de Lorrão senhora  
 Alli trocou do seculo as grandezas  
 Pola soidão do claustro: o nobre Afonso  
 Viu com lagrymas pias — não de mágoa,  
 Despir a linda filha a régia purpura  
 Pola estamenha austera. Mõga e bella  
 O baculo empunhou, e o regeu digna  
 De seu sancto mister. — A mais subido,  
 Mais alto grau na hyerarchia a chama  
 O Castelhana rei: — ouvirà a fama  
 De suas virtudes o avô regio; quer-lhe  
 Como a sangue que é seu, e amada filha  
 De Beatriz muito amada: eleita d'Holgas  
 Vai abbadeça a tomar posse agora  
 De seus grandes, riquissimos dominios.

## V.

Cavalleiros cinquenta armados d'aço  
 Lucidas cotas, duras malhas vestem:  
 Alva cruz nos broqueis; e alvo pennacho

No elmo brilhante fluctuando ondeia.  
Alto a viseira está, mas baixos olhos  
O respeito lhes põe; não fita ousada  
A vista do guerreiro as virgens sanctas  
Que o veo do templo separou do mundo.  
Vassallos estes são que as fertes varzeas  
De Burgos teem, e d'Holgas ao mosteiro  
Preito e homenagem dão: custou-lh'armados  
A entrar assim per terras Portuguezas;  
Com muito campeão romperam lanças,  
E em pontes e castellos de senhores  
Houveram que brigar, nem lhes valeram.  
Salvos-conductos do valente Afonso;  
Que o Portuguez cioso não tolera  
O rival Castelhana em terra sua.  
Mas passaram alfim, e a sua bella,  
Real senhora levam. Ja fluctua  
O pendão branco ao vento matutino;  
Dá signal o clarim, viseiras descem,  
Lança em punho. — Alva mula, ajaezada  
Com ricos pannos de ouro e finas telas,  
Monta a formosa infante acompanhada  
De suas donas. Soeiro e Lopo a seguem;  
Soeiro e Lopo, venerandos padres,  
Digno exemplar em lettras e virtudes  
Dos filhos de Bernardo: a consciencia  
Teem a seu cargo da gentil princeza;  
E bulla especial do sancto Padre  
Para caso qualquer o mais difficil,  
Quem nem o agudo Busembàu sonhára,  
Nem o Larraga lhe mettêra o dento.  
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios.

E a Galeno e Averroes deu sóla e basto,  
 Em gorda, russa mula, — e não de physico,  
 De nedeia que é — pesado de aphorismos  
 Grave caminha juncto aos reverendos.  
 Nuno, valente e guapo borda-d'agua,  
 Taful de escaramugas e ciladas  
 Contra arraianos, do Leonez e Mouro  
 Temido como duende que os persegue,  
 Nuno, maucebo experto e cavalleiro  
 De nobres partes, per El-rei mandado  
 A infante fôra a acompanhâ-la a Holgas,  
 Como escudeiro seu. — “ Tam bello pagem  
 A senhora tam môga não cumpria. „  
 Rosnava la comsigo frei Soeiro;  
 Mas o mal que lhe quer, pelo respeito  
 De quem o manda, declarar não ousa.  
 Seguem mordomos, escudeiros, moços,  
 Que, uns duzentos ao todo, cavalgando  
 Vão em marcha vistosa às margens lindas  
 Do suavissimo e placido Mondego.

## VI.

Raro é o veo, alva a touca; e transparecem  
 Pelo veo raro e pela touca alvissima  
 As tranças louras como o sol que nasce  
 Detras do outeiro, como os raios d'elle  
 Luzem quando ligeira os cobre nuvem  
 Diaphana no ceo. — Quem hade os olhos  
 Debuxar! Como o azul do firmamento  
 Em noute pura? — Não, que são mais lindos.  
 Como a saphyra em relicario sancto



A luz das tochas, adorada em tórno  
 Em devota funcção? — Ah! que outro brilho  
 Outra luz teem; e a devoção que inspiram,  
 — Bentas reliquias, perdoae-me o verso —  
 E' mais fervente. Oh! sahem d'esses olhos  
 Languido-azues umas suaves chammas,  
 Um quasi effluvio d'alma, que transpira,  
 Que vem do coração, que doce mana,  
 E o ar, e o peito que o respira, embebe.  
 Seio... — imagine-o amor c'o ôlho atrevido  
 Do perspicaz desejo. — Amor' — que disse!  
 Amor! virgem do altar não sabe amores.  
 Longe, atrevido cubigar profano;  
 E' vedado esse ponto: ai do que o toca!  
 Vel-a o esposo do ceo, ao ceo pertence;  
 Admire-o a terra; mas além é crime  
 Passar de admiração. — Branca, a formosa,  
 A linda Branca, sangue real d'Afonso  
 Tam bella, tam gentil fez de suas graças,  
 De seus incantos sacrificio ás aras.

## VII.

Leda caminha a nobre comitiva;  
 Mas o sol, que declina, lhe poz termo  
 Ao viajar: fadiga sente a joven  
 Princeza a tanto andar, não costumada.  
 E' mister de buscar poisada commoda  
 Para a noute. — Onde? a luz ja vai mingando;  
 Nem tarda o manto a se cubrir das trevas  
 Orphão do dia o ceo. — Dobrar o passo,  
 Que a poucas leguas jaz convento rico  
 De monges negros.



“ Monges' negros. ! „ — disse  
 Frei Soeiro c'um gesto de desprezo. —  
 “ Pernoitar sua Alteza em tal mosteiro!  
 Senhora, grande sancto foi san' Bento,  
 — Meu padre san' Bernado me perdoe. —  
 Mas para tam fidalga companhia,  
 Para vós, real Senhora, sôbretudo,  
 Dos monges brancos honra, flor e nata,  
 Tal poisada buscar' — De nossa regra  
 O mais sancto preceito e veneravel,  
 Querereis infringi-lo? Antes mil vezes  
 Os votos todos tres. E vossa Alteza  
 Me desculpe, porêm uma so noute  
 Sem o cumprir... Não chega a tanto a bulla  
 Do Sanctissimo padre: eu por mim digo,  
 E frei Lopo, quê ahí stá, que me desmintá;  
 Mas absolver não posso esse peccado. „

## VIII.

## INFANTE

“ Que é, padre mestre? Que peccado? — Tremo  
 De vos ouvir. Antes aqui na terra  
 Dura dormir, e ao relento frio,  
 Que tammanho peccado comttermos.  
 Dizei o que é, dizei: que nos empece  
 De ir poisar ao mosteiro de san' Bento?  
 Teem esses padres fama de virtudes;  
 E não sei que lhes falta ... „

“ O que lhes falta ?  
 Disse com voz austera, e tam medonha  
 Frei Soeiro, que a princeza de aterrada

Estiemeceu na sella, e se não fôra  
 Um pagem que lhe accode a segural-a,  
 Da excomunhão, que viu sôbre a cabeça,  
 Fulminada cahira. —

“ O que lhes falta? „  
 Repetiu, sem curar do mal que a afflige:  
 “ O que lhes falta! o que? — falta a *tremenda* \* „

## IX.

Riramos hoje nós, degenerados,  
 Tibios fieis, da emphatica resposta  
 Do rigido Soeiro; e tal magano  
 Haveria de spirito philosopho,  
 Que impio mofasse do zeloso padre,  
 E lhe ousasse dizer: “ Fôra, Bernardo! „  
 Porém n’aquelles tempos de fé viva,  
 Em que ao mais leve incredulo respiro  
 Tremenda excommunhão tapava a bôca,  
 E em caso de mais polpa, um bom milagre;\*  
 — Tempo sancto, que nós não mais veremos;  
 Maldicta seja a ruim philosophia! —  
 N’aquelles tempos de saudosa historia,  
 Que responder a um reverendo padre  
 Confessor, — confessor de sua Alteza?

## X.

Indecisa parou a comitiva;  
 E, os olhos fitos nos dous sanctos filhos

\* Veja nota a estes versos, no fim,

De san'Bernardo, moços, escudeiros,  
 Cavalleiros, a propria Infante aguardam  
 A decisão do caso de consciencia,  
 Que porventura a todos os condemna  
 A dormir ao relento, e mais sem ceia.

## XI.

Sem ceiar! — Este negro pensamento  
 D'azas pesadas esvoaça n'alma  
 Ao theologo austero; anda, desanda,  
 Com todas as ideias se lhe entrava;  
 E a qualquer solução, que lhes desponta  
 No difficil problema, este se aggrega  
 Corolario fatal — sem ceia! — A' parte  
 Os dous graves juizes se retiram  
 A conferenciar, e a voz primeira  
 Que unisonos soltarão foi: — “Sem ceia!”

FR. LOPO.

“Sem ceia, padre mestre!”

FR. SOEIRO.

“E sem tremenda,

Carissimo!”

FR. LOPO.

“Assim é; porêem mais vale

Pouco, que nada.”

FR. SOEIRO.

“E a regra?”

FR. LOPO.

“A regra... — O caso

Intrincado é.”

FR. SOEIRO.

“ E tam arduo, que o não viram  
Igual ainda os casuistas todos. „

FR. LOPO.

„ Caso é este, meu padre, que um capitulo  
Não viera a cabo em decidi-lo ao justo. „

FR. SOEIRO

„ Capitulo, dizeis! — A ser eu papa,  
A concilio chamára a christandade;  
E nem assim. „

FR. LOPO.

“ Mas, padre. se mandassemos  
Alguem adiante a ver se concertava  
O caso co'esses negros monges — negros  
Sejam elles. „

FR. SOEIRO.

“ Que raio de luz esse!  
Inspirou-vos o ceo, ou san'Bernardo.  
Sim, padre, sim, va Vossa charidade,  
E convenha com elles sôbre o modo  
De se cumprir a nossa sancta regra.  
Nós iremos emtanto a passo lento  
Té que resposta da missão nos venha. „

## XII.

Assim se decidiu o grave caso  
De consciencia; e assim a Deus prouvera  
Se decidissem todos. — Deu d'esperas  
A' nedeia mula o sabio conselheiro;  
E informada a princeza e seu cortejo  
De accordam tam prudente, a passo tomam  
O caminho do proximo convento.

## XIII.

Levam tempo disputas ; e as fradescas  
Mais que nenhuma. — Escassa a luz incerta  
Do crepusculo tenue , dubias côres  
Ao vecejar dos campos dava ainda,  
Ao lourejo das messes , e ao verde-alvo  
Dos ferteis olivæes que a estrada bordam.  
Per entre elles ao longo ao longo enfiados ,  
Ia a abbacial cohorte caminhando ;  
E na vasta planicie , onde começam  
A pesar raras as nocturnas sombras ,  
Os olhos com delicia se estendiam.  
— Fecha a maga , saudosa perspectiva  
Ao cabo la , cerrada cordilheira  
De outeiros , cujo verde tachonado  
Co'a pallidez das urzes , que desmaiam  
No ardor do sirio , inda o veo das trevas  
Permitte distinguir. Um so mais calvo ,  
Negro e quasi de solido granito  
N'esse animado quadro parecia  
Em scena tam vivaz quasi squeleto  
De monte , e contraposta imagem funebre  
Da morte , em tanto luxo e flor de vida.  
Como atahude egypcio , que entre os brindes  
E prazer dos festins vem travar gostos  
Co'a lembrança — terrivel ! — do futuro.

## XIV

Escarpado de agudas penedias ,  
Isolado , so , arido , e de pontas



De vivo seixo agudas eriçado  
 Estava o cêrro : como em mar d'areias,  
 Insolúvel theorema a sabios, s'ergue  
 A obra dos Pharaós. — Iam vagando  
 Pelo variado aspêito d'este quadro  
 Os olhos dos viandantes, — quando subite  
 No alto do escuro monte uma luz clara  
 Surdiu, desaparece, — outra vez brilha,  
 E some-se : a luzir volve tranquilla ;  
 Como um phanal em costa mal segura.  
 Ao prudente baixel do p'riço avisa.

## XV.

Maravilhou a todos o espectáculo  
 Inesperado : a timorata infante  
 Caida ja ver de mouras incantadas,  
 De feiticeiras más, de lobishomes  
 Toda a caterva em pêsso a vir sôbre ella ;  
 E não ousava rezar baixó o credo,  
 Nem *vadre retro*, *Satana!* que dizem  
 Nem sempre cousas más se vão com rezas,  
 E ás vezes é peor, porque se assanham.

## XVI.

“ Que será? „ disse emfim um rumor surdo  
 De vozes dos que tremulos pararam,  
 E observam com terror a luz estranha.  
 “ Deos nos acúda! „ baixo diz a infante ;  
 “ E o padre san'Bernardo antes de tudo : „  
 Frei Soeiro emendou,



“ Certo me espanta ,  
 Volve dom Nuno , o pagem da princeza ;  
 “ Certo me espanta este signal estranho ,  
 Que por velas\* de mouros o tomára  
 N’outra paragem. Bem travado co’elles  
 Anda o mestre dom Paio , que os deixasse  
 Passar no Algarve aqui Afé vos digo  
 Que este é o proprio signal que usa em seu campo  
 Aben-Afan.

“ Aben-Afan ! , repetem  
 Em côro a comitiva espavorida  
 Com frigido terror. — O mais tremendo ,  
 E mais temido , acerrimo inimigo  
 Que tinha Portugal , era esse mouro  
 Pelos tempos d’então , Valente , ousado  
 Era elle , e senhor de grandes terras :  
 Todo o Algarve d’aquem o reconhece  
 Como a principe e rei temido e alto.  
 Suas galés innumeras infestam  
 Entre as columnas d’Hercules os máres  
 Envão com seus ardidos cavalleiros  
 Dom Paio , o mestre de Santiago o ataca :  
 Sangue infiel correu e o christão corre ;  
 Mas do queimado Algarve nos castellos ,  
 Firmes inda nas lanças musulmanas ,  
 Profanas luas brillam. — Como as sette  
 Aureas tórres no escudo lusitano  
 D’emtórno ás sanctas Quinas se junctaram ?  
 Como a nobre Tavíra abriu suas portas  
 Ao portuguez ? Como ao singelo titulo

\* Veja nota a este verso , no fim.

Começa de assombrar-se-lhe a consciencia  
 Na ideia de quebrar o mandamento  
 Cardeal dos preceitos bernardescos.  
 Já entre a comitiva mal disposta  
 A acceder aos escrupulos do padre,  
 Murmuravam alguns; e so continha  
 O respeito da infante, que assanhada  
 Não rompesse a questão entre os dous maximos  
 Podêres que este mundo entre si regem....

## XX.

Eia : cobrae alento , animos fortes ,  
 Que , vêdes , Lopo traz a medicina  
 Para escrupulos , fomes , e temores  
 De mal passadas noites , magras ceias ,  
 E o mais que agora em vossas almas pesa.  
 “ Tremenda , padre ; e viva san’Bernardo ! „  
 Gritava ja de longe , esbaforido  
 Do galope em que vem : “ Viva a tremenda ! „  
 Soeiro volve ; e vivas lhes respondem  
 Da companhia alegre co’a mensagem.  
 Dobra-se o passo ; cada qual se apressa ,  
 Com olhos e alma no tinello \* bento.  
 Branca , a formosa Branca de annos tenros  
 A’ tutoria monachal affeita ,  
 E sem vontade sua onde é senhora ,  
 Vai onde a levam , e rezando sempre ,  
 Começa uma novena e tres rosarios ,  
 Que nos p’rigos da estrada promettêra

\* Refectorio.

A não sei quantos sanctos milagrosos ,  
Se á poisada èsta noute a salvo a levam.

## XXI.

Correi, correi, ó nobres cavalleiros ,  
Correi, correi, san'Bento vos espera  
Com farta ceia e regaladas camas.  
Porêm, como os escrupulos cessaram  
Do rigido Soeiro? como poudes  
O destre enviado congragar diff' rengas  
De monges brancos, e de negros monges?  
—Facil não foi; travada houve disputa;  
E a não ser o Abbade, homem prudente,  
Que o bago regedôr metteu em meio  
Da renhida contenda; hoje ao sereno  
Ficâras, linda Bianca delicada,  
E de tuas faces as purpureas rosas  
Amanhan desbotadas não dariam  
Inveja e zelo aos rubins da aurora.  
Esses olhos tam puros, d'onde mana  
Doce arroyo de luz celeste e meiga,  
Olhos, por quem amor dera o seu throno,  
Dera um ceo de prazer e de ventura,  
Se outro ceo, se outro amor já não tomára  
Para si todo, todo esse thesouro;  
Esses olhos pesados do relento,  
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia  
Não brilhariam matutinos raios:  
Qual sóe brilhar no ceo a estrella d'alva,  
Percursora do sol — tam radiante,  
Tam magestosa não, porêm mais bella.

## XXII.

Eis os repiques nas sonoras grompas;  
Eis as tochas, e os canticos: — “ Bem vinda  
“ A filha de Sion, bem vinda seja  
“ A progenie dos reis, a casta esposa  
“ Eleita do Senhor. São os seus olhos  
“ Como os da pomba quando em terno arrullo  
“ Anceia... “ — Os padres bentos o cantavam;  
Não sou eu que o inventei: — e outras mais cousas,  
Excitantes imagens das delicias  
Conjugaes d'alma: hymno exemplar e sancto.  
Extrahido do cantico dos canticos\*.

\* Veja nota a este verso, no fim.

---

# DONA BRANCA.

---

## CANTO SEGUNDO.

### I.

Oh formosura ! oh doce incanto d'olhos.  
Emêvo d'alma, para quê no mundo  
Te debaxou a mão da natureza ?  
Que vieste fazer do Ceo á terra  
Ornato d'anjos, divinal revérbero  
Da face do creador? — A luz da estrella  
No firmamento azul, o alvor da lua  
Frouxo-brillante. e bello como a face  
Da virgem que suspira por amores  
Vagos, que em peito infante lhe depontam ;  
O sorrir meigo da rosada aurora  
Que vem o dia annunciar com flores  
Roxas, colhidas nos jardins do oriente ;  
E o sol, orbe de luz no ceo, radiante,  
Olho, imagem de Deus, clarão e vida,  
Ser, existencia propogando eterno  
Per inumeros orbes suspendidos  
No espaço, — oh ! formosuras sois condignas  
Do edificio magnifico do mundo.  
De taes bellezas adornou sua obra

## XXII.

Eis os repiques nas sonoras glympás;  
Eis as tochas, e os canticos: — “ Bem vinda  
“ A filha de Sion, bem vinda seja  
“ A pro genie dos reis, a casta esposa  
“ Eleita do Senhor. São os seus olhos  
“ Como os da pomba quando em terno arrelho  
“ Anceia... “ — Os padres bentos o cantavam;  
Não sou eu que o inventei: — e outras mais cousas,  
Excitantes imagens das delicias  
Conjugaes d'alma: hymno exemplar e sancto.  
Extrahido do cantico dos canticos\*.

\* Veja nota a este verso, no fim.



---

# DONA BRANCA.

---

## CANTO SEGUNDO.

### I.

Oh formosura! oh doce incanto d'olhos.  
Enêvo d'alma, para quê no mundo  
Te debaxou a mão da natureza?  
Que vieste fazer do Ceo á terra  
Ornato d'anjos, divina! revérbero  
Da face do creador? — A luz da estrella  
No firmamento azul, o alvor da lua  
Frouxo-brillante. e bello como a face  
Da virgem que suspira por amores  
Vagos, que em peito infante lhe deponham;  
O sorrir meigo da rosada aurora  
Que vem o dia anunciar com flores  
Roxas, colhidas nos jardins do oriente;  
E o sol, orbe de luz no ceo, radiante,  
Olho, imagem de Deus, clarão e vida,  
Ser, existencia propogando eterno  
Per ianumeros orbes suspendidos  
No espaço, — oh! formosuras sois condignas  
Do edificio magnifico do mundo.  
De taes bellezas adornoa sua obra

A méo que tudo fez. — A magestosa  
 Architectura do orbe foi traçada  
 Assim, n'um grande rasgo de belleza  
 Simples, sublime e grave, como a ideia  
 Que a concebeu no seio á eternidade.

## II.

Mas, homem, — tu, miserrimo d'os entes  
 Que se arrasta no espago circumscripto  
 De um dos minimos globos do universo,  
 Insecto de um so dia, que nasceste,  
 So para continuar o élo da vida  
 Na cadeia dos seres, que apontaste  
 N'um angulo da scena magestosa  
 Para ve-la, e — morrer: homem, quem póde  
 Comprehender teu fado mysterioso  
 Nos destinos do mundo! — E como aprouve  
 A' natureza — liberal, e avara  
 Contigo, ja mesquiinha, generosa,  
 Ja rica em dons, ja pobre em faculdade,  
 Que te deu, te negou, e assim te ha feito  
 O mais raro phenomeno da terra,  
 Incomprehensivel, unico — homem, como  
 D'êsta sorte lhe aprouve á natureza  
 De ajunctar em teu rosto a formusura:  
 Toda pelo universo repartida!  
 Como tu, vidro obscuro e quebradigo,  
 Em ti so concentraste o prisma inteiro  
 Das bellezas no mundo repartidas!  
 Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo  
 Acêrca do homem, creadora essencia,

## III.

E então da especie na porção mais debil,  
Mais'fragil foi cahir todo esse raio  
De formusura! — E então para compendio  
De bellezas e incantos, escolheste,  
Natureza, a mulher! — De quem teu cofre  
Rico de mimo e graças, confiaste!  
Nossos prazeres todos, nossos gostos,  
Consolações, allivio em mágoa, amparo  
Na infancia, encanto em juventude, e arrimo.  
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:  
Concede-os tu so, ou no-los negas.  
Negas, — e quantas vezes! — Mas tyrannos  
Não somos nós, injustos, oppressores?  
De quantas dores, privações, tormentos  
Lhe não travamos duros a existencia!  
Que sordidos harens, que vis eunuchos  
Tens, Oriente; sepulcros tristes d'ouro,  
Onde geme a virtude, e amor corrido  
Cede á brutal desejo o facho e a venda!  
— Culpas, Europa, o mussulmano barbaro?  
E os teos carceres negros e traidores,  
Onde á innocencia candida, á piedade  
Arma o perfido bonzo o laço astuto,  
Laço, que, eterno, a vida, os gosos d'ella,  
A ventura, o prazer d'um nó separa\*?  
Corta sem dó — crneis! — e até cerceia  
O derradeiro bem d'um desgragado,

\* Veja nota a este verso no fim.

A esperança? — Esperança! nem um viso,  
 Nem um so raio teu penetra os tetos  
 Da escravidão que só tem fim co'a vida;  
 Nem um so raio teu vai bemfazejo  
 Aqueantar corações gelados, mortos!  
 Mortos. — mas palpitando no sepulcro,  
 A que baixaram vivos. — Homem bárbaro,  
 Ingrato e desleal, qual é seu crime?

## IV.

Escrupulos, adrede fomentados.  
 Por ignorancia interesseira e baixa,  
 Quanta victima cega hão conduzido  
 Ao altar profanado de holocaustos  
 Tam sanguinarios, crus! — A patria, amigos,  
 Casa paterna, maternas caricias,  
 Doces futuros d'um esposo amavel,  
 De meigos filhos, sanctos gosos d'alma,  
 Dados de Deus — e tudo abandonado  
 Pela impia creança de que a Deus não prezem,  
 Que impuresa es deturpa, o vicio os mancha,  
 E so do cluastro para o ceo ha estrada.  
 — Dogma fatal, perverso, injurioso  
 A' divindade! — Oh victima innocente,  
 Formosa Branca, de tal êrro foste.  
 Devota, pia, timorata e fraca  
 Temeste o mundo, escolho de virtude,  
 E, sem o conhecer, fagiste o mundo.  
 Pr'igos, cachopos tem o mar da vida,  
 Tredos baixos, procellas tempestuosas:  
 Mas o nauta que timido largasse

O bixel que o conduz á patria cara,  
E dos riscos das ondas aterrado  
Fosse em algoso, ingreme cachopo,  
So, no meio dos mares acolher-se,  
Onde nem doce esp'rança d'almo pôrto,  
Nem confôrto da vida. nem uns longes  
De melhor sorte, mas so ermo triste,  
Mas so a vasta solidão do oceano —  
Prudente o chamarias? — Oh virtude,  
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

## V.

Trazei filhos de Bento, as succulentas,  
Largas postas do nitido cevado;  
Correi devotamente ao dormitorio,  
E em grosso pingue de toucinho gordo  
Me affogae os escrupulos bernardos.  
— Foi lauta a ceia, e vasta: peruns trinta,  
Por cabeça os leitões, adens sem conta.  
Não manjares opiparos, não brandas  
Delicadezas d'exquisito gôsto,  
Mas fartura, abundancia illimitada  
A' portugueza velha. — Comeu pouco,  
De extenuada a mui formosa infante;  
Mas por ella e por si, por um convento  
Comeram os dous padres confessores.  
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal appêrto  
De tentações, podeste recordar-te  
Do fatal *omnis indigestio mala*:  
Texto que em teu systema te confunde,  
Unico em toda a vasta medicina,



Que interpetrà-lo bem não conseguiram  
 Tuas doudas vigílias. — Já repletos  
 Com tal frugal repasto ao leito foram,  
 E no primeiro somno em paz descançam.

## VI.

E ora de cruz alçada, e ceruf'raríos,  
 Em procissão coristas se encaminham  
 Com ingente marmitta ao dormitorio  
 Oõnde jazem os hóspedes bernardos.  
 Supinos jazem, jazendo roncam.  
 Mas ao devoto cheiro da *tremenda*,  
 E ao conhecido canto acordam presto.  
 E assim a procissão andando entoava:

## CÓRO,

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,  
 Esta é a hora *tremenda* e sagrada:  
 Vinde, vinde fazer penitencia,  
 Levantae-vos, que a hora é chegada,

## UMA VOZ.

Macerae essa carne rebelde  
 Co' este gordo, tremendo bocado;  
 Sonhos maus, tentações do diabo,  
 Fique tudo em toucinho affogado,



## CÓRO.

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,  
 Esta é a hora tremenda e sagrada;  
 Vinde, vinde fazer penitencia,  
 Levantae-vos, que a hora é chegada.

## OUTRA VOZ.

Louvor seja ao glorioso Bernardo,  
 Que tam sancto instituto vos deu:  
 Sem *tremenda* quem pôde salvar-se?  
 Com *tremenda* ninguem se perdeu.

## CÓRO.

Sus, ergui-vos, irmãos, que ésta é a hora,  
 Esta è a hora tremenda e sagrada:  
 Vinde, vinde fazer penitencia,  
 Levantae-vos, que a hora é chegada.

## VII.

Co' ésta órgia monachal annunciavam  
 Os irmãos bentos aos irmaos bernardos  
 A respeitavel hora da *tremenda*:  
 Uso antigo, sagrado e inalteravel  
 De monges brancos, e hoje por não vista,  
 Exemplar tolerancia permittido  
 Nos claustros pretos, não sem muito escandalo  
 Dos padres-grayes rigidos da ordem,

Que altamente em capitulo altercaram,  
 Assignaram-seo voto em separado,  
 E protestaram n'acta, Mas o abbade  
 Mais tolerante, ou mais cortezao que elles  
 Relaxou, em respeito da princeza,  
 A monachal, austera anthipathia,  
 E a liberdade franqueou de culto,  
 Por ésta noute so, em seus dominios.  
 — “ E que nos faz a nós que os bons bernardos  
 Comam toucinho, ou não? ( argumentava  
 O philosopho abbade ) ha hi peccado,  
 Ou offensa de Deus? ,—“ Que, padre abbade,  
 ( Torna inflamado em zêlo um reverendo )  
 O que? Indiff'rentismo em taes materias  
 Ha dos peccados todos o mais grave.  
 O que nos faz a nós que comam porco!  
 E Judeus, o que importa que o não comam?  
 Mas para estes ha boas fogueiras;  
 E entao aquelles... ,—“ Basta, padre: á ordem!  
 Por sancta obbediencia vo-lo ordeno.,,  
 — E decidiu-se que a *tremenda* fosse  
 Punctualmente repartida aos hóspedes  
 Com todo o ritual prescripto e usado  
 Entre os gordos bernardi-brancos monges.

## VIII.

A precissão fôra direita á porta  
 Da abbadeça gentil; mas tam cansada  
 Se achava da viagem, que impossivel  
 Lhe era cumprir co' este preceito sancto  
 Da regra — Meiga voz disse de dentro:

“ Dispensae-me hoje , que... não posso. ,,

— “ Como ?

Não posso ! — brada em cuecas acudiado

Gorda , cachaci-pansuda figura ,

Que da fronteira cella a correr veio :

“ Não posso ! o que ? Não chega a tanto a bulla.

Dispensar ! Com dispensas vai perdida

A igreja , e as ordens. Dispensar no caso

Mais grave , no preceito mais restricto

De nossa regra ! — Não , senhora minha :

Heis de tomá-la , ou não sou en frei Soeiro. ,,

E atacava , dizendo , as descozidas

Bragas , que enfiou á pressa arrebatado

De zélo e rigidez.

— “ Esta so noute ,

E’sta só por mercê e por piedade. ,,

— Volve a sonora voz dentro da cella :

“ Todo me doe o corpo fatigado.

Oh ! meu bom patriarcha san’Bernardo ;

Tu o sabes , se eu posso ! ,,

FR. SOEIRO.

“ Embora , embora :

Mais acceita serà a penitencia ,

Quanto mais custe. Vamos : vossa alteza ,

Como prelada que è , deve ao exemplo

Sacrificar seu commodo e vontades.

So assim se mantem a disciplina

Da ordem. ,,

INFANTE.

“ Mas...

FR. SOEIRO.

“ Ver-me-hei pois obrigada  
A fulminar da excommunhão os raios. „

INFANTE.

“ Excommunhão !... não, não: eu abro, eu abra  
Misericórdia ! não, reverendissimo,  
Oh! não me excomungueis. Um porco vivo  
Comerei antes .... antes. „

Uma idosa

Bem apessoada dona abria a porta ;  
E o rigido Soeiro, ainda em cuecas,  
Ponderoso, facão na dextra empunha,  
E em manta enorme atassalhando um naco  
Tal, que a so vista d'elle affugentára  
Synagogas inteiras, triumphante  
C'o gran' poder de sua auctoridade :

FR. SOEIRO.

“ Approximae-vos, abbadeça d'Holgas. „  
E a tímida innocente, a passo lento,  
Ao bruto sacrificio se encaminha.  
C'os lindos olhos mede o desmedido  
Bronco pedaço, que o brutal bernardo  
Para bocca tam breve onsou talbar-lhe ;

E c'um gesto de mágoa tam afflicto ,  
 Mas tam formosa , tam incantadora ,  
 Que abrija compaixão em bronzeos peitos ,  
 Peitos de tigrés — que não fossem frades \* ,  
 A repugnante , enjoosa penitencia ,  
 Resignada e humilde se prepara.

## IX.

Scena era digna do pincel flamengo ,  
 Digna de ti , ó Wan-dorneèr mimoso ,  
 Da natural simpleza íngenuo filho ,  
 E'sta que n'alma agora me debuxa  
 O acceso imaginar : — pinta-me o escuro  
 Fundo dos quadros teus c'um longo e funebre ,  
 Escasso-allumiado dormitorio.  
 Põe-me na luz primeira d'esse quadro  
 Timida e joven , candida beldade  
 Com alvas , longas' roupas , e o veo alvo  
 Erguido , que descobre a face angelica ,  
 Onde a amargura — não de paixões vivas  
 Que o rosto convulsivas desfiguram ,  
 Mas a que o gesto juvenil risonho  
 Contraí á vista do pedante mestre  
 Brandindo austero a ferula temida.  
 Essa , essa angústia da innocencia , altera  
 A suavidade das feições divinas.  
 — Diante d'ella , a comica figura  
 De fradaih o bojudo , encarnigado  
 Co' as grossas , curvas e cevadas fórmãs\*

\* Veja nota a este verso , no fim.

Transparecendo das ligeiras cuecas;  
 Na mão, tremenda posta de toucinho,  
 Que rindo amostra com prazer maligno  
 A' timorata virgem. — Grupos negros,  
 Brancos de monges de diversas côres,  
 Cavalleiros armados d'armas brancas,  
 Brancas sobrepelizes de coristas  
 Em derredor com arte collocados.....  
 Não fóra, se tal quadro debuxasse,  
 Divino Mengs, o teu pincel tam brando,  
 Não fóra, entre os milhares de prodigios  
 De tua escola immortal, o menos bello.

## X.

Novo actor no meu quadro — nota, digo,  
 Figura, pois que fallo a lingua d'arte;  
 Ou então novo actor, porêm na scena:  
 Mestre Gilvaz, que acode ao arruido,  
 Despertando d'um sonho affadigado,  
 Em que se viu, qual Tantalos *inter dapes*,  
 De pasteis, de peruns, de trouxas d'ovos  
 Cercado em tórno, — e a cada mão que estende,  
 A cada ávida boca que escancára,  
 Um livido aphorismo em feia fôrma  
 De alado spectro co'a aza de morcego  
 Lh'o arreda áciente, e o cansa, o atormenta,  
 Como o doutor de Sancho, no banquete,  
 Um depós do outro, os almejados pratos  
 Ao faminto escudeiro denegando.  
 — Acordou do terrivel pesadello,  
 A bulha da tremenda, e mal lembrado



Da verdadeira causa do alvorôto,  
Que a taes deshoras o socêgo quebra  
Da habitação monastica, aturdido  
Ao sítio corre onde o arruido escuta.

## XI.

Estavas, linda branca, n'esse instante  
Resignada á enjoativa penitencia  
Que a teu cebento confessor tam doce,  
Tam deliciosa e branda parecia.  
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando  
As enviscadas palpebras, e rouco,  
Bocejando em hiatos tremendissimos,  
De rebulicio tanto inquire a causa.  
Viu-o a infanta, e cobrando em seu desmaio  
Um alento de esp'rança, os meigos olhos  
Com supplice expressão volve ao galeno;  
E — “ Mestre Gil, oh Mestre Gil ,, exclama:  
“ Valei-me por quem sois. Ai! não, não posso.  
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho  
O estomaga, desde a última doença,  
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,  
Ptisanas, infusões, purgantes, tonicos,  
E não sei que outros mais doutos remedios  
Vosso muito saber me receitara.  
Ai! acudi-me, senão d'êsta morro. ,,

## XII.

Os olhos magistraes de novo esfrega,  
E inda tonto de somno e mal desperto

Chega á princeza, e quasi por instincto  
 Da doutoral natura, a mão estende,  
 E ao niveo pulso gravemente a applica.  
 “Febre (disse) febricola; — está duro,  
 Intermittente, — vivo, e com seu tanto  
 De... — Vejamos a lingua. — E de appetite  
 Como vamos? — Funcções segregaticias  
 Em regra? — Bom: o caso é de importancia,  
 Mas não de p’rigo: a *historia morbi* é simples,  
 E a capitulação *tyronum minimo*  
*Per quam facilis*. — Postoque nos diga  
 O grande mestre, o sabedor dos sabios:  
*Ars longa, vista brevis*; invertido,  
 Com o favor de Deus, ja muitas vezes,  
 Tenho o douto aphorismo: — vida longa  
 Com arte breve; e assim heide emendá-lo  
 Na primeira edição *correctior, auctior*:  
*Ubi ars brevior, erit longior vita*.  
 E que saiam a campo esses doutores  
 Da mula russa; a pé firme os espero  
 C’um syllogismo *em barbara*, outro *ad hominem*  
 E tres cornudos, bifidos dilemmas,  
 Que lh’ hao estopetar as cabelleiras,  
 E fazer comer terra à faculdade.  
 Ignorantões! heide incová-los, —,

INFANTE.

“Vêde.....

Que é urgente.....”

MESTRE GIL.

“Se é urgente! — Biltres,

Sevandijas de borla , vis insectos!  
 Pretender ensinar-me , a mim , ao mestre  
 Gilvaz , doutor pela alma academia  
 De Padua , que tres dias successivos  
 Sustentei a pé firme as minhas theses ,  
 E esgrimi c'os primeiros disputantes  
 De Bolonha e Paris! — A mim , birbantes ,  
 A mim! ,, — E no ardor da dialectica  
 Com pés e mãos fallava , e combatia  
 Imaginarios zoilos , atrevidos ,  
 Petulantes , ignaros aristarchos ,  
 Que . ás langadas de vivos argumentos ,  
 Desmontava do argão , prostrava em terra  
 Na escolastica arena estatelados.  
 Em balde o implora , o chama a gentil Branca ,  
 E a circumstante turba ás gargalhadas  
 Lhe responde aos somnambulicos discursos  
 Que não intende : mais e mais irado  
 Lhes torna : “ Ignorantões , a mim , birbantes! ,”  
 Não esquecendo assim , nem quando em sonhos ,  
 Da faculdade a natural modestia.

## XIII.

Frei Soeiro , emtanto , co'a tremenda em punho ,  
 Insta ; Branca suspira , e encara o doctor ;  
 A fradalhada ri : Gilvaz redobra  
 De enthusiasmo ; o confessor declama ;  
 E em gritaria tal ninguem se intende.  
 Quando um leigo a correr esboforado  
 Vem a gritar : “ Misericordia ! acudam :  
 Misericordia ! Mouros no convento , ,”

— “ Mouros ! ,, repete unisona a caterva ;  
 E os berros de Soeiro , os argumentos  
 De Gilvaz , as risadas dos coristas ,  
 Tudo parou n’um gelido silencio.  
 Como n’harpa festiva os sons alegres  
 Do trovador que feriu setta imiga ,  
 Quando animava co’as canções divinas  
 As danças dos zagaes no flóreo prado ,  
 Mas o cruel archeiro d’alta tórre  
 O mirou certo ao coração , e fria  
 Para a mão , que as vibrou , sonoras cordas .

## XIV.

Mouros ! — Com olhes fixos e pasmados ,  
 De susto e medo atónitos se encaram  
 Uns aos outros , e como que perguntam  
 Em seu mudo fallar : “ O que faremos ? ”  
 Dos cavalleiros a mor parte dorme ;  
 E os que velavam co’a função nocturna  
 Da órgia bacchanal , tomados subito  
 De terror imprevisto , accovardados  
 Sem animo , sem fôrça , irresolutos  
 Em pavor frio como os outros gelam.  
 “ Que faremos ? ,, — “ A’s armas ! gritou Nunõ :  
 Animo ! ás armas , e segui-me todos ,  
 Que eu . . . , — Não bem proferira estas palavras ,  
 Temendo *Alla* soou pelas abobedas  
 Agudas do comprido dormitorio ,  
 E os alfanges nas trevas scintillaram  
 Mal acclarados das nocturnas lampadas ,  
 Luziram finas pedras nos dourados

Broches d'alvos turbantes — *Alla son* ;  
E os frades , o doutor e os cavalleiros  
Se viram n'um instante sôbre os peitos  
Apontadas as duras cimitarras ,  
Cru terror de christãos. — Nem um suspiro ,  
Nem um ai : mãos atrás , e um nó valente  
De rijo esparto. Nuno so , que em tanta  
Desordem conservou cordura e alma ,  
Das mãos do frade toma a cruz que guiava  
A procissão burlesca . e a golpes vivos  
Co'a bandeira da fé á infieis combate.  
Sobre elle alfanges cento a golpes chovem ,  
Se descarregam ponderosas hachas ;  
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro  
Fere , estrue , defende-se , e derruba  
Inerme e so ao Ismaelita armado.  
Não lhe comporta o generoso peito  
Perder , sem disputar , a liberdade ,  
E antes a vida , que a honra , barateia.  
Caminho se abre entre as cerradas turmas  
Das mouriscas espadas — Espartado  
De tanto esforço , e como que vencido  
D'um podêr sup'rior , recua o mouro ;  
E o intrepido mancebo defendendo-se ,  
Retirando se — alfim a escada alcança.  
C'um desesperado golpe e furibundo  
Aterra os que mais proximos o seguem ;  
A pulos desce , atravessou a crasta \* ,  
— Como sulco de luz na tempestade ,  
Que as nuvens rasga , e some-se , — na côrca

\* Claustro.



Entre árvores e o escuro desaparece.

— “ Deixae-o : „ — disse entre os infieis um delles  
 Que em nobre adman, no rico dos vestidos,  
 E no respeito que lhe os outros catam,  
 Seu chefe se demostra : — “ quem tam nobre  
 Assim defende a liberdade e a vida,  
 E' digno de as gosar : ninguem o siga „

### XV.

Quem é este inimigo generoso,  
 Que alma tam nobre em peito infiel encerra ?  
 Quem é este guerreiro musulmano,  
 Que tam gentil, tam majestoso brilha  
 Nas picturescas arabes alfaias,  
 Que o talhe heroico, o altivo porte, a graça  
 Esbelta de marcial belleza arreiam ?  
 Branca emtórno da frente em tresdobradas  
 Voltas o cinge estofa resplendente  
 Como a neve nos picos annuviados  
 Da serra das estrellas : — puras virgens  
 A deduziram em liçados fusos  
 De Alvor nos verdes plainos, e a teceram  
 Ao som das namoradas cantilenas  
 Dos romances do oriente, que as memorias  
 Contam d'avós nas terras apartadas,  
 D'onde vieram ao reclamo tredo  
 Do vingativo pae pola offendida  
 Honra da loura virgem. — Encurvadas  
 Em demi-lanar círculo rebrilham  
 A esmeralda da cór dos verdes campos,  
 E a saphyra que o azul do ceo reflecte,



E as amethystas roxas como a humilde  
Violeta modesta que se esconde  
Do sol creador na flórea primavera.  
Olhos negros — tam negros como as tranças  
Que, ao destoucar-se, a noute esparze longas  
Pelas eburneas costas — vivo lume,  
E o fogo da progenie do deserto  
Do rosto baço, como tochas, lançam  
Accesas no aguçado minarete  
A' hora das preces na mesquita — Baço,  
Baço é o rosto — que o sol crestou as faces  
Ha longas gerações da raça altiva  
Dos filhos do ermo, — porêem bello, e cheio  
De animada expressão; e o vivo realçam  
Carmim das faces crespos fios d'evano,  
Que em anneis romanescos lhe dividem  
O bem fendido, nitido bigode.  
Fórta-lhe o peito cota de aço fino,  
Entalhada em lavor custoso de ouro.  
Longo, pesado e curvo o alfange pende-lhe  
Fiel a esquerda: a morte se ha postado  
Nos gumes d'esse alfange, e dahi colhe  
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrimas  
De viúvas, d'orfãos n'esses feros gumes  
Corrido teem, sem lhe embotar os fios,  
Sem lhe embacear a lamina brilhante,  
Que novo sangue, novos golpes pulem!

## XVI.

E este era o chefe da infiel cohorte,  
Que o sancto asylo a profanar se atreve

Da manachal virtude, Preso o abbade  
 C'o resto de seus monges que dormiam,  
 Com os mais castelhanos cavalleiros,  
 A quem grilhões pesados despertaram  
 Do brando somno, todos manietados,  
 Excepto Nuno, quantos habitavam  
 O mosteiro essa noite malfadada,  
 Ao vencedor seus campões os trazem.

## XVII.

E de ti, linda Branca, de ti bella,  
 Mimososa dama tenra e delicada,  
 Ai! de ti com horror meu canto fuge.  
 Cortada a voz nas cordas do alaúde  
 Teu destino cruel dizer não ousa.  
 Virgem botão, que ao sol desabrochavas  
 Em jardim de virtudes, ai! colheu-te  
 Grosseira mão do salteador dos bosques.  
 Quem te defenderá? Tua virtude?  
 Ceos! a candida rosa da innocencia  
 Nem tem espinhos que do vicio a guardem.  
 Iras, filha de reis, sangue d'Afonso,  
 Ramo augusto d'essa arvore frondosa,  
 Que germinou nos campos da victoria,  
 E co'as raizes no sanguento Ourique  
 Topeta os astros da estellada esphera,  
 Irás pois tu, que os thalamos dourados  
 Dos principes da terra desprezaste,  
 E repoisavas gemedora pomba  
 Nivea no seio do celeste amado,  
 Iras de iamundo harem, victima abjecta,

A prazeres infames, e ao capricho  
 De barbaro senhor fazer escrava?  
 E escrava, oh Deus! do crime e da vergonha!

## XVIII.

Correi, lagrymas tristes, deslaçae-vos  
 Do coração, onde pesais tenazes,  
 Delorosos soluços: âncias cruas,  
 Sahi, terriveis apperturas d'alma,  
 Vinde em máres de pranto aos olhos turvos,  
 Espalhae-vos em nuvens de suspiros,  
 Desaffogae-lhe o peito comprimido:  
 Para um so coração he muita mágoa.  
 — Chora, linda princeza, e teu destino,  
 Sôbre teus dias malfadados chora;  
 Essa flor de belleza, essa virginea  
 Candura de innocencia — Oh!.....

Mas na face  
 Da real donzella que expressão eu vejo?  
 He afflicção, he dor? não — Que! sem medo—  
 Sem horror encarar o gesto impuro  
 Do inimigo da fe! — Que olhar tam doce,  
 Que lhe ella lança! — Crêras que um incanto  
 Acintoso de occulto malandrino  
 Lhe desvairou o coração e os olhos,  
 Que aos do mouro gentil rendidos tendem,  
 Qual tende por incognito feitiço  
 Do norte ao pólo a namorada agulha.  
 Não ha sorriso nos vermelhos labios,  
 Não ha meiguice nos brilhantes olhos,  
 Mas ha não sei que pensamento languido

A ressumbrar de toda essa figura  
Angelica, divina, que o despreso  
Justo, que as sanctas iras não souberam  
Onde, em tanta belleza, debuxar-se.  
Elle o joven traidor; elle o conhece:  
E o que não advinham cubigosas  
Vistas de gentil moço? o que não sabem  
Ler nos de virgem olhos de mancebo?

## XIX.

Quem se ajoelhou antes a real infente?  
O bello mouro foi. Quem lhe protesta  
Respeito e vassallagem? Tu, formoso  
Neto de Agar — Como o escutaste, ó bella  
Filha de Afonso? — Murmurando as cordas  
Da minha cetra... não, christan vergonha  
Não a cusam dizer. As niveas azas  
O anjo guardador desprende, e foge  
Para o ceo d'onde veio, e a triste nova  
Leva ao pastor d'uma perdida ovelha.  
Perdida! — Sim: á torpe voz do mouro  
A's impuras palavras — Branca, a filha  
Dos reis da terra, e do celeste esposa,  
Branca — surria, corou — e a sorrir volve  
O atrevido imprimiu osculo ardente  
Na mão de neve que se entrega ao beijo,  
E — vergonha fatal de ceos a terra! —  
Parece no contacto envenenado  
Estremecer-lhes co'a impressão lasciva,  
E no deleite infando entorpecer lhe  
Alma, sentidos, coração, e a — honra!

— Tal em cheiroso banho aspide amigo  
Voluptuoso suicida applica ás veias ;  
Tal perda a vida em languido lethargo ,  
Que , não transe de morte , mas tranquillo  
Adormecer de vida , e socegado  
Antes dirás repouso da existencia,

## XX.

Um brado o mouro deu : os seus o intendem  
Partem. — Voae , voae , correi ligeiros  
Co'a rica joia que levais roubada ;  
Correi , que atras de vós vingança corre  
De exterminio e de morte vejo armadas  
Lusas phalanges , denodadas hostes....  
— Oh ! defende-os , amor ; pune-os , virtude,  
E que merecem elies ? — O castigo.  
Mas cartigar amor ! — O ceo tem raios ,  
E a crime tal nunca os mandou á terra.

---





---

# DONA BRANCA.

---

## CANTO TERCEIRO.

### I.

Que monta a razão frígida, e o pesado  
Calculo de medidos pensamentos  
Pela bitola compassada, estreita  
D'essa philosophia austera e sêcca,  
Seva tyranna d'alma que em tam brande  
Sonho nos accordou de illusões doces?  
Phantasias embora, — mas tam lindas,  
Tam deleitosas! mas reaes prazeres,  
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos,  
E satisfeitos de soubar dormiamos.  
— Despertos que encontrámos! Nossos olhos,  
Descerrados a luz, que vem, que acharam?

### II.

— Triste realidade da existencia,  
Esqueleto da vida descarnado,  
Que és tu sem as figões que a embellezavam?  
Ficaste como a varzea requeimada  
Do ardor do mnito sol, sem flor, sem relva,

Árida , feia. Mas o sol é vida ,  
 He a luz creadora do universo.  
 Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos ,  
 Nem tanto sol que nos deseque o prado.  
 — Razão , que és d'alma o sol , gyra em nossa alma ,  
 Dá-nos dia e clareza ao pensamento ;  
 Mas de teu carro a ardidos Phaetontes  
 Nas inexpertas mãos não ponhas redeas ;  
 Tocha que foi de luz , será d'incêndio  
 Facho terrível ; — e o calor de vida  
 Labareda vulcanica de morte

### III.

Oh ! magas illusões , oh ! contos lindos ,  
 Que ás longas noites de comprido inverno  
 Nossos avós felizes entretinheis  
 Aopé do amigo lar , e ao crebro estallo  
 Da saltante castanha , e appetitoso  
 Cheiro do grosso lombo , que volvendo  
 Pinga e rechia sobre a braza viva !...  
 Pimponices de andantes cavalleiros  
 Capazes de brigar c'o mundo em pêso ,  
 Malandrinices de Merlin barbudo ,  
 Travessuras de lepidos duendes ,  
 E vós , fermosas mouras encantadas ,  
 Na noute de san' João aopé da fonte  
 Aureas tranças com pentes d'ouro fino  
 Descuidadas penteando , — em quanto o orvalho  
 Nas esparsas madeixas rociando ,  
 Os lucidos anneis de perlas touca...  
 Oh ! magas illusões , porque não posso

Crier-vos eu co'a fé viva d'outra idade ,  
 Em que de boca aberta e sem respiro ,  
 Sem pestanejo um só , de olhos e orelhas  
 No *Castello* escutava a boa Brigida \*  
 Suas longas historias recontando  
 D'almas brancas trepadas per figueiras ,  
 D'expertas bruxas de unto besuntadas  
 Já pelas chemines fazendo vispere ,  
 Já indo , às duzias , em casquinha d'ovo  
 A India de passeio n'uma noute ;  
 E ai ! se o gallo cantou , que a fatal hora  
 Encantos quebram , e o poder lh'acaba .

## IV.

Não gósto de Irminsulfs , nem de Theutates ,  
 Nem das outras theogonicas prosapias  
 De runica ascendencia. As alvas barbas  
 Do padre Ossian ( Macpherson foi seu nome )  
 Tam prezadas do douto Cesarotti ,  
 Tam favoritas do Alexandre corso ,  
 Não me incantam a mim , não me embellecam ,  
 Como aos outros cantores alameda ,  
 Que a nossos doces climas transplantaram  
 Esses gelos do norte , esses brilhantes  
 Caramellos dos topos das montanhas :  
 Do sol do meio dia aos raios vivos  
 Parvos ! — se lhes derretem ; a brancura

\* Pequena quinta que foi da minha casa , na qual passei os primeiros annos da infancia , e ouvia as historias da boa Brigida , velha creada que tinha todo o geito e traça de bruxa , e era chronista mor de feitiços e milagres.

Perdem co'a nitidez, e se convertem  
De lucidos crystaes, em agua chilra.

## V.

Em beldades varia a natureza  
Pelos paizes do orbe; varia a siga  
Em suas fórmãs gentis a arte que a imita.  
Ves essa dama de douradas tranças  
Nas sempre verdes, arrelvadas margens  
Do frígido Thamisa passeiando?  
Ves? na mimosa face alva de neve  
Transparecem-lhe as rosas; um suspiro  
Concentrado no íntimo do peito  
Lhe anceia o coração: talvez a morte  
Lhe cerceou dos gosos da existencia  
A amizade, ou amor n'um caro objecto.  
Magoadã, mas sem lagrymas, — afflicta,  
Mas sem as convulsões que a dor expressam.  
No desespero, no delirio d'alma,  
Que so tuas praías vêem, teus bosques ouvem,  
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,  
Manso Guadalquibir, e flavo Tybre.  
Ve-la? seus olhos côr do ceo resplendem,  
Mas como o ceo resplendê annuviado  
De vapor leve e raro. — Essa belleza,  
Essa dor, esses campos, todo o quadro  
Harmonizam co'a propria natureza.  
Mas dà que inhabil mão teu painel pinte,  
Que olhos negros, vivazes, scintillantes  
A' formosura austral dotasse ignaro;  
Que n'esses labios, onde treme a furto

Suffocado soluço, lhe debuxe  
Desafogada a dor em pranto acerbo,  
Gemidos agudissimos, suspiros,  
Que vão ferir o ceo com agras queixas;  
Que essas tranças tam lindas, que são d'ouro,  
Sem arte não, mas com singelo allinho  
N'alva frente enastradas, lh'as tingisse  
Da côr que poz a noute nos ondados  
Cabellos das donzellas portuguezas,  
E em feigões que debuxam pouco d'alma  
(Que a alma n'esses paizes regelados,  
Toda no coração, não vem ás faces.)  
Expressasse, com arte monstruosa,  
As paixões, cujo incêndio em nossos climas  
He labareda que scintilla, estalla,  
E em chama abrazadora aos ceos se eleva,  
Mas nas regiões do norte é fogo lento,  
Que amortecido á vista, arde e consume,  
Não chammeja, não brilha, mas intenso,  
Occulto lavra, e no intimo devora!  
— A este meu quadro, *credite Pisones*,  
Semelha a parte maxima dos quadros  
Que assoalham por hi trovistas mores  
N'essa feira da ladra de consoantes,  
Que não encaixam cavallar pescosso  
Em humana cabeça, mas caveira  
Burrical orelhuda em corpo d'homem,

## VI.

E eu em críticas, eu poeta humilde,  
Cujo ignorado nome á sombra dorme



Do nada protector, a que me abrigo,  
 Que não tenho, não quero, não procuro  
 Nem Mecenas, a quem dedicar odes,  
 Nem Augustos, de quem *pechinchar* tenças,  
 A dar preceitos eu! -- Perdão vos peço,  
 Laureados habitantes d'esse monte,  
 Onde c'o vosso Pegaso, irmão d'armas  
 (Armas terríveis, que jogais tam mestres!)  
 Pela divina relva andais pastando,  
 E à sacra fonte ides beber com elle,  
 Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,  
 E a cavalios e a vós, e á mais companhia  
 Quadrupedante deixo em paz no Pindo;  
 Em paz — e ás moscas — que assim vai o mundo.

## VII.

Vivam as fadas, seus encantos vivam!  
 Nossas lindas ficções, nossa engenhosa  
 Mythologia nacional e propria  
 Tome em fim o logar que lh'usurparam  
 Na lusitana antiga poesia  
 De suas vivas feiçoens, de sua ingenua  
 Natural formusura despojada  
 Por gregos deoses, por espectros druidicos,  
 E com postiças, emprestadas galas  
 Arreada sem primor, rica sem arte.  
 — Qual a innocente virgem das florestas,  
 Que as lindas tranças de grinalda simples  
 Da musqueta selvagem adornava,  
 Bella, tam bella como a luz que nasce  
 Alva no arraiar d'um puro dia



Do flóreo Abril; se habitador ocioso  
De corrupta cidade em tal brancura  
De singeleza poz nódoa de vicio,  
E maculou c'o halito pestifero  
Esse lirio que foi gloria do prado;  
Estão brocados, então pannos d'ouro,  
Bordadas télas, cortezões donnaies  
Pelo perdido ornato da innocencia  
Se esfoçam — preço vil! — de lh'os dar novos.  
Mas ah! sob essa pompa os não affeitos  
Membros desfinham, e nas faces pallidas  
Arrebique impostor não suppre a rosa,  
Nem os diamantes, que na frente brilham,  
Emprestam luz aos olhos'mortecidos.

## VIII.

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam  
As illusões de nossa prisca idade  
Reaes nascer da propria natureza,  
E co'a verdade unir-se tam estreitas,  
Que as não distinguirás; — teus verdes bosques,  
Teus palmares, teus aridos desertos,  
Tuas rocas ermas, tuas sos areias,  
A' quem, além de varzeas que vicejam,  
De chrystallinas aguas marchetadas,  
Ardente Algarve o são: tu não cantado  
Téqui de nossos vates, em meos versos  
Não insensiveis ás bellezas tuas  
Verás por ti um brado erguer-se á fama,

## IX.

No mar, que Europa d'Africa divide,  
Entra, como a explorar o seio ás ondas  
O saxeo promontorio que de Sagres  
Tem hoje nome. Na moderna historia  
Dos povos do universo, porventura  
Não ha hi ponto no orbe, que assim lembre  
Tanto feito de glória e de heroismo;  
Nem ha padrao erguido por mãos d'homens  
D'alto custo e lavor, que outra recorde  
Epocha tal aos seculos e idades.  
D'alli Henrique aos astros perguntava  
Da eternidade a estrada; e novos mundos  
Novos climas e ceos lhe appareciam.  
D'alli os curvos lenhos desprenderam  
Primeiro voo andaz a ignotos máres.  
Alli o berço foi da lusa glória:  
Crêra-lo hoje sepulcral moimento  
D'essa glória defuncta. Ruinas tristes,  
Esbroados pardeiros — oh, vergonha! —  
São as tórres d'Henrique. Affasta os olhos,  
Viandante, não vejas esse oppróbrio  
Da nação, que a primeira foi no mundo  
Em grandezas — outr'ora... hoje — em miséria.

## X.

Dahi se estende, ao longo pela costa,  
Fertil porém inculto, agreste plaino,  
Jamais pesado boi guiou arado,

Ou conduziu charrua egua ligeira  
Per tam bravía terra; inteira ciêras  
Guarda da criação a virgindade.  
Mas seu aspecto não arido e bruto,  
Não selvagem parece. Alli não mora  
Cardo lanoso, garças espinhosas;  
Nem coroadá de abroihos eriçados,  
Como em dominio seu, sobre a calcada,  
Amarellenta relva se divisa  
Sêca Esterilidade passeiando.  
De viço e fresquidão verdeja o prado,  
E aqui, alli tufados ramilhetes  
Do recendente amargo rosmarinho,  
Do alecrim floreo-azul seu doce aroma  
Com a brisa do mar na terra exhalam.  
Formosos pães cobertos de verdura,  
Outeiros de palmeiras coroados,  
Montes ao longe; alvos areaes a um lado,  
Onde o próvido insecto auxiliando  
Trabalhos d'arte e fôrças da natura,  
A sacarina flor no botão pica,  
E ás carregadas árvores augmenta  
O dulcissimo pêso. — La n'hum alto,  
Entre árvores espessas e copadas,  
Entre gigantes palmas, — dobradiças  
Olatas que os floridos ramos curvam  
Descalhidos, qual dama delicada  
Os lindos braços n'um desmaio languido  
De mimosa descai —; roxos sycomoros,  
E a lorangeira que matiza os pomos  
D'ouro co'a argentea flor: entre este luxo  
De veçojo e fragrancia, — meio vista,

Meio encuberto da ramagem spessa ,  
 Maravilhosa fabrica se erguia  
 De palacio , onde quanto o rico Oriente  
 Tem de pedras e brilho resplandece.

## XI.

Ligeira e leve he a fórma : quasi aerio  
 Paço o crêras de fada enamorada ,  
 Que o ergueu com palavras mysteriosas  
 N'uma escondida nuvem , para estancia  
 De gentil cavalleiro que ha roubado  
 A amores de princezas. — C'um sorriso  
 Desdenhoso observára a architectura  
 D'esse estranho edificio , o allumno rigido  
 Da antiguidade classica : nem jonio  
 Nem dorio , nem italico , nem mixto ;  
 De nenhuma ordem he : menos lhe víras  
 Os gothicos florões , os recortados ,  
 E o grave da saxonica rudeza.  
 Não lhe descobriria o proprio Volney  
 Caldeu vestigio ou nubycos rastejo :  
 Nem tu , famoso Jonnes , conseguíras  
 De lhe dar scientifico interêsee  
 Por indico , indostan , mogol , ou persico.  
 Nada d'isso he , e todavia he bello ,  
 Em que lhe peza sabios , mestres d'arte ,  
 Doutores , antiquarios , dilettaggi ,  
 Virtuosi , amateurs e professores.  
 — Disputa sine fine travariam  
 Sobre elle as duas bell cas phalanges  
 Que ora na arena litteraria pugnam ,

E aos grasnantes jornaes dão thema eterno,  
 Para encher as politicas lacunas.  
 Já se ve que de *classicos*, *romanticos* —  
 Guelphos das letras, gibelinos d'artes —  
 Fallar intendo: paz saja com elles,  
 Assiu como c'os outros disputantes  
 D'este disputativo por essencia,  
 Inquieto mundo, e onde todos ralham  
 E ninguem tem razão. — Eu por mim deixo  
 Jogar as cristas a essa gente toda.  
 Para mim so desejo a paz d'espírito,  
 A consciencia limpa, e as frugaes sopas  
 Ganhas com suor honrado. Esta ventura  
 Góso eu, mercê de Deus, pezar de ingratos.

## XII.

E a minha historia, e o meu lindo palacio?  
 Maldictas reflexões! — Tórno ao meu conto;  
 E quem quizer achar a margarita,  
 Como o pinto da fabula esgravate.  
 — Era pois o tal pago o mais formoso  
 Que se viu nunca; em pedras preciosas  
 Todo encravado, todo reluzente  
 D'ouro e diamantes. — Unica uma grade  
 Tambem de ouro macisso as portas fecha  
 Do pago e dos jardins: velam à entrada  
 Dous enormes leões, que noute e dia  
 Solicitos a guardam, nem se affoita  
 Mortal nenhum ao limiar terrivel.  
 Certo he porém que às vezes fatigados  
 Os leões adormecem: — mas quem sabe



Quando elles dormem ? — Muitos outro tempo ,  
 Vendo-os d'olhos fechados , se atreveram  
 A entrar á porta , e devorados foram  
 Pelas terriveis feras , que dormidas  
 N'esse instante suppunham. Incantado-  
 He este pago ; e os leões de incanto  
 Os olhos , quando dormem , arregalam.

## XIII.

Quem o soubera ! — Um só n'aquelles tempos  
 Sabia este segredo incantadiço ;  
 Do Algarve d'aquem mar era o rei joven ,  
 O bello Aben-Afan. Rumor havia  
 Entre o povo que um dia andando á caça ,  
 Co'esses formosos pagos deparára ,  
 E ou fosse acaso , ou certo conhecesse  
 Quando os leões dormiam , penetrára  
 Sem p'riço alguma pelos jardins defesos ,  
 E de condicção que he , ousado , e amigo  
 De aventuras correr , entrára ardido  
 No palacio e nas salas marchetadas ,  
 Que dizem todos ser de pedras finas  
 E brilhantes recamos d'ouro e seda.  
 Do que elle lá passou ninguem o sabe  
 Mas sabe-se porém que sette dias  
 E sette noutes demorou nos pagos ,  
 E ao septimo voltou triste e pensoso ,  
 Pallido , melancolico , fallando  
 A miude so. — Por vezes , quando em sonhos ;  
 Ou quando solitario passeiando  
 Do alcaçar nos eirados , alta noute ,



Ou no alvor da manhan , ignotos nomes  
Murmura estremecendo , e ora em batalhas ,  
Ora em reinos , victorias e conquistas  
Discorre , e com o alfange denudado  
Meio mundo ameaça ; ora afinando  
O mourisco alaúde , em saudosos  
Requebros , namoradas queixas sólta ,  
Com que parece dar allívio a mágoas  
Que em segredo no íntimo o devoram.

## XIV.

Desde então o terrivel inimigo  
Dos Portuguezes , hoje em guerra viva  
A fogo , ferro e sangue os segue e accossa ,  
Entra per suas terras , leva a morte ,  
O pranto e a confusão por toda a parte ;  
E , sem causa amanha subitamente  
Quasi ao vencido imigo a paz implora ,  
E em ocio vergonhoso inteiras luas  
Passa , como enbebido nas aerias ,  
Vagas ideias que lhe agitam alma.

## XV,

Quasi vai a fechar segunda Egyra  
O círculo lunar , desde que o mestre  
De Sanctiago , ousado cavalleiro ,  
E o mais valente portuguez que a espada  
Jamais cruzou c'o mahometano alfange ,  
Pelas terras do Algarve se affoitára  
Em correrias com seus nobres freires :

Já em Cacella , prego offerecido  
 Por Estombar e Alvor antes ganhadas ,  
 Os pendões da conquista tremolavam ;  
 E Aben-Afan com pouca resistencia  
 Indifferente os ve tallar seus campos ,  
 Tomar suas villas , e arvorar a roxa  
 Cruz da espada nas tórres e castellos ,  
 Que de seu peito são. A guerra trava  
 A mais e mais com furia entre os de Christo  
 E o mussulmano ; mas o rei mancebo  
 Da antiga Sylves no dourado alcaçar  
 So , pensativo tristes dias passa.

### XVI.

He noute . he noute escura , e o ceo tam negro  
 Que nem estrella tem. Abre-te , porta ,  
 Porta de Azoia , ao teu senhor. Seguido  
 Ei-lo vai de seus fortes cavalleiros ,  
 Os mais fieis e os mais intimos d'elle ,  
 Costumados , da infancia , a acompanhá-lo  
 Em suas aventuras. Onde , aonde ,  
 Rei do Algarve , onde vas assim montado  
 No teu corcel querido , cujas pretas  
 Clinas se entrançam com listões de purpura ?  
 Onde assim vas de teus fieis cercado ,  
 E a taes deshoras ? — Snprehender o imigo  
 Em cilada ardilosa ? — a dar soccorro  
 A sitiado castello mal defeso ,  
 Ou de violento golpe entrar nas tendas  
 Dos christãos , e acabar co'a raça impía  
 Dos jurados imigos do Crescente ?

— Quem sabe aonde ! — Véo impenetravel  
Do mysterioso principe os designios  
Encobre a todos. — Já correu metade  
A lua de seu gyro, e ninguem sabe  
De Aben-Afan. — Mas contra os portuguezes  
Não foi elle, que as luas mahometanas,  
Diante a roxa espada vacillando  
De Sanctiago, seu fulgor perderam ;  
E o mestre, da victoria precedido  
Já de Travira ás portas se apresenta.

## XVII.

Mas que phalange he essa de guerreiros  
Que vão, longo do mar, nos corceis férvidos  
Correndo à brida sôlta ? — Um que se eleva  
Sobre os outros — qual se ergue no deserto  
A palmeira coroada sobre a grama  
Que á raiz se lhe acoita, — e que montado  
N'um formoso andaluz da côr da noute  
A comitiva bellica precede ;  
Quem he elle ? — Quem he essa beldade,  
Que d'arção leva e que sustem nos braços ?  
Onde a conduz, e donde a traz roubada ?  
Roubada a traz ! — Mas no formoso gesto  
Da bella não se pinta o desespero  
Cruel da dor : sua nivea frente ingenua  
Poisa no seio do gentil guerreiro,  
E seus olhos do puro azul da esphera  
Volve de quando em quando aos olhos negros  
Do que a leva nos braços. Não afflicto,  
Não he convulso o olhar, mas triste e languido :

Porém, se amor ou mágoa lh'o embrandece,  
 Quem poderá saber. — Suas longas vestes  
 Alvas de neve, sua touca airosa  
 Como de christan virgem dedicada  
 Aos altares, parecem. — Mas na frente  
 Dos que a levam res lende a manta lua  
 No enroscado turbante! .. — Já do outeiro,  
 Onde o brilhante paço se divisa,  
 A costa sobem; a dourada grade  
 Se approximam: abriu se per si mesma,  
 Como incantada que he; e os leões fulvos  
 A juba sacudindo, franca entrada  
 Ao guerreiro gentil e á bella deixam;  
 Mas quando os outros ao lumiar vedado  
 Ousam de se affoitar, — as portas fecham-se  
 Com terrivel fragor, os leões rugem,  
 E os corceis espantados, eriçando  
 De horror as crinas, voltam, e sem freio,  
 Sem governo, com furia partem, voam,  
 E em pulverosa nuvem desaparecem.

## XVIII.

Agora occulta mão tomou as redeas  
 Do fermoso ginete, e o leva ás fartas  
 Cavalharices, que reluzem d'ouro,  
 E são mais ricas do que salas régias  
 Em paços de monarchas opulentos.  
 Agora dando a mão á bella dama  
 O cavalleiro sobe os degraus lucidos,  
 Escadas de diamante que juncavam  
 Mais lindas flores do que a linda rosa.

Mais fragantes que o oleo precioso  
Dos vergeis do Thibet, Agora entrando  
Por galeria longa, taes prodigios,  
Taes maravilhas que seus olhos viram,  
Não ousarão meus versos descrevê-las.  
Mas ao cabo, de solido carbunc'lo  
Fechada porta jaz; le-se em arabigo  
No luminar da porta este letreiro.

AO REI SEM REINO,

E A ESPOSA SEM MARIDO.

ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:

PENSA! — PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES!

Ferem os olhos do guerreiro as lettras  
Fatidicas; e a mão, que ora apertava  
A delicada mão da linda dama,  
Largou-a, e frouxa cai: mudo e co'rosto  
No chão, parece meditar profundo,  
Em penosas ideas concentrado.

### XIX.

“ Sim, resolvi, — clamou, e a mão da bella  
De novo toma, ao coração a leva,  
E — “ Resolvi, — clamou: — “ perca-se tudo,  
Oh! tudo, tudo — e seja Branca minha!,  
— Abre-se a porta, e o joven par he dentro.





---

# DONA BRANCA.

---

## CANTO QUARTO.

### I.

Forravam ricas sedas o apposento ;  
No avelludado , persico tapete  
Brando deslisa o pé ; cassoulas de oiro  
Exhallam es arabicos perfumes ;  
Em vasos transparentes d'alabastro  
Vecejam raras , matizadas flores.  
— Tibia luz , temperada para amantes  
Frouxa allumia , e dá realce ao incanto  
De tam mago deleite que hi respira.  
Como um throno d'amor jazia ao lado  
Foso sophá , que a placido repouso  
( Senão a doce agitação ) convida.  
Entrava n'esta estancia o cavalleiro  
Com a formosa dama : elle inflammado  
De quanto amor , quanto desejo accende  
O deus dos corações em jovens peitos ;  
Ella — como levada de um feitigo ,  
A que não póde resistir , não sabe.

## II.

Convidava o sophá, insta a fadiga ;  
 E a bella reclinou-se ; — não deitada ,  
 Não assentada , mas n'essa indizível  
 E dubia posição que toda he graças ,  
 Desalinho , requêbro , enlêvo d'olhos ,  
 E talisman de lubricos suspiros.  
 Oh ! suspirar , suspira o cavalleiro ;  
 Que a seus pés jaz , que as niveas mãos lhe apperta ,  
 E que lh'as beja com ardentes labios ,  
 Por onde alma em delirio se evapora.  
 Ella tambem — ella tambem suspira ,  
 E nos olhos azues alveja a lagrima  
 Precursora do languido deliquio ,  
 Em que adormece a virgindade , — e espira ,  
 Como expira innocente passarinho  
 N'aza escondendo a languida cabeça.  
 Dos olhos do mancebo fuzilava  
 O raio do prazer ; vivas faíscas  
 Saltavam a atear a chamma ardente  
 No altar , que ao sacrificio se prepara .

## III.

Os vestidos da bella são grosseira  
 Estamenha , e o toucado um só veo lizo :  
 Mas que diamantes , mas que telas d'ouro  
 Tranças tam lindas , corpo tam formoso  
 Encubriram-jamais ? — Uma cruz pende-lhe  
 Entre o scio , que trémulo palpita . . . .

Uma cruz ! — oh sacrilega beldade,  
Naõ vejo eu reluzir mourisca lua  
No turbante que envolve abaga frente  
De teu cego amador ? — Mas , ai fraqueza  
Fatal de nossos miseros sentidos,  
Que não vê mais que amor quem amor sente!

## IV.

Não fallavam os dous , não ; as palavras  
Das linguagens dos homens são mesquinhas ,  
São pobres de expressões , quando alma inteira  
Rompe do coração e accode aos labios.  
Não fallavam , mas diz tudo o silencio ,  
Diz mais que as fallas ; mudos se percebem ,  
Mudos se intendem , mudos se respondem ,  
Nem tem mor eloquencia a natureza ,  
Que a mudez , que o silencio dos amantes.

## V.

Porêm rompeu-se alfim : uma voz dôce ,  
Languida como a frente da papoula  
Que pende o ardor do sol , meiga e suave  
Como o sussuro da aura matutina  
Entre as flores do orvalho rociadas ,  
Uma voz disse ; — “ Oh ! tem de mim piedade ;  
Oh ! não abuses da fraqueza minha.  
Sei que te amo , conheço que impossivel  
Me he não te amar ; mas meu amor he crime ,  
Mas esta cruz . . . , — E a cruz chegou aos labios ,  
E os labios não ousaram a bejá-la.

“ Oh! se aomenos sequer tu a adoráras,  
 Se convertido á fe, comigo eterna  
 Penitencia fizesses d'este crime,  
 Que ambos, ai de mim! — ambos commettemos;  
 Oh! não podéra ser crime tammanho  
 O que ganhasse nma alma como a tua  
 Para : fê verdadeira. ,,

Um ai profundo  
 Do mais íntimo peito lhe responde,  
 E estas vozes o seguem :

“ Que disseste,  
 Oh! filha dos christãos, que me has proposto!  
 Eu que tudo perdi para alcançar-te,  
 Que abandonei por ti quanto homens prezam,  
 Quanto por valioso tem o mundo!  
 Inda exiges de mim mais sacrificios!  
 Desertar do meo culto e meos altares,  
 Renegar do meu Deus! ,,

— “ Teu Deos he falso.

— “ Falso o meu Deus! . . . . E o teu he verdadeiro!  
 Quantos deuses ha pois na natureza?  
 Eu adoro o que fez este universo,  
 O que nos ares suspendeu magnifico  
 Esses orbes de luz que nos acclaram,  
 Que provê nas areias do deserto  
 De orvalho ao sequioso viandante,  
 Que tanto accende o sol, derrama a chuva  
 Para os cedros que se erguem sobre o Libano,  
 Como para a rasteira, humilde grama  
 Que vejeta nos plainos arenosos;  
 O Deus que me creou, que no teu rosto  
 Poz o traslado da bella etherea,

Este, — este he o meo Deus; e falso he elle? „

## VI.

Os thelogos sabem mil respostas,  
 Para sophismas taes; porêm aos olhos  
 Do ignorante são verdades puras  
 Que sua pobre fé debil não ousa,  
 Nem sabe combater\*: callou-se a bella,  
 Mas suspirou, e com profunda mágoa  
 Lhe pende o gesto sobre o niveo seio,  
 E nas formosas mãos formoso o esconde.  
 As lagrymas, que os olhos lhe arrasavam,  
 Per entre os roseos dedos deslizando,  
 A gotta e gotta cahem no regaço;  
 E debulhada em pranto assim parece  
 Alvo lirio do prado, em cujo caliz  
 Chorou a aurora ao despontar do dia.

## VII.

— “ Oh! como te amei eu? Como ha nascido  
 Este amor no meu seio? Separados  
 Por um abysmo, que entre nós cavaram  
 Todas do ceo e terra as potestades,  
 Quem nos uniu assim, que fôrça?.... „  
 — “ A minha „  
 Disse uma voz solemne e retumbante,  
 Que estremeceu nos timidos ouvidos  
 Da donzella christan, como estremece

\* Veja nota a este verso no fim.

O som do bronze conductor da morte  
 Na orelha do pastor que o seo rebanho  
 Pasce longe do campo das batalhas,  
 E acorda ao estampido inesperado,  
 Que os ecos das montanhas lhe repetem.  
 — “Uniu-vos meu podêr:., — a voz dizia  
 “A quem submissos os destinos cedem;  
 E obedece a propria natureza.,,

### VIII.

Mais vivo aroma os vasos recenderam,  
 Animou-se nas flores côr mais bella,  
 E uma longinqua musica suave  
 Se ouviu com harmonias tam aéreas,  
 Tam doces e arrobadas de deleite,  
 Que aos dous amantes alma se estendia  
 A' larga pelo peito de escutá-la.  
 Approximou-se pouco e pouco a magica  
 Melodia suavissima: uma nuvem  
 Se condensou opaca no apposento;  
 A musica cessou, tudo he silencio,  
 Mas breve estes sonoros hymnos se ouvem  
 Ao saúdoso som d'accordes harpas.

### I.

Desabrocha, alva flor, linda murta,  
 Desabrocha, que amor te bafeja:  
 Ja tua folha lustrosa veceja,  
 Ja vermelhos betões véem a brir.  
 Mas no louro, onde o sangue negreja;



Salpicado dos golpes da espada,  
 Seque a folha, desfinhe esmyrrada:  
 Foi a glória vencida d'amor.

## II.

Filha, filha do sangue real,  
 Real he teu amante; não chores.  
 Rosa Branca, flor de Portugal,  
 Brilha, brilha do Algarve entre as flores  
 Aprersae-vos, que o tempo não poisa,  
 Foge a vida nas azas do vento,  
 Chega a morte, descai fria loisa;  
 Tudo acaba no triste moimento.

## III.

Bem fadada, mal fadada  
 O mancebo e a donzella!  
 Emque peze a Sanctiago,  
 Sanctiago de Compostella.  
 Fugir do dia aziago,  
 E do frade do condaõ,  
 E mais fugir dos orvalhos  
 Da noute de san'Joaõ:  
 Que se quebra o incantamento  
 Ao pino da meia noute;  
 Ao cantar do gallo preto  
 Se acaba o contentamento.  
 Bem fadada mal fadada  
 O mancebo e a donzella,  
 Emque peze a Sanctiago  
 Sanctiago de Compostella!

## IX.

As derradeiras notas d'este canto  
Se adelgaçava pouco e pouco a nuvem,  
Té que rara de todo se dissolve,  
E um resplendor de luz na estancia brilha,  
Que mais que humana cousa se amostrava.  
Alados genios e ligeiras fadas  
Abrem cortejo em danza compassada  
A uma, que parece alta rainha  
De todo o imperio do ar. Tunica longa  
De transparente azul-celeste envolve  
Mal recatadas fórmãs, que relewa  
Em parte; e quanto ha bello no universo  
He menos bello que essas magãs fórmãs.  
Alvo de neve um cinto dá realce  
Ao torneio do corpo e á côr da veste.  
Sua estatura mais que humana se ergue  
Em gentil proporção; fóra excessiva  
Em beldades da terra, mas augmenta  
O sobrenatural d'essa beldade,  
Que de mais altas regiões descende.  
Flexivel, curta vara tem na dextra  
E um simples diadema d'alvas perlas,  
Lhe c'roa a frente. O rosto—oh! quem lh'o ha visto?  
Nenhum ôlho mortal: um veo espesso,  
Um veo, que não ergueu mão de homem vivo,  
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto,

## X.

Era Alida, a formosa fada Alida,  
 A rainha dos genios, e a senhora  
 D'esses pagos magnificos. — N'um extasi  
 De pasmo e admiracão era a donzella.  
 E a fada assim fallou.

— ‘Tudo perdeste,  
 Filho de Agar; — na terra tudo, tudo:  
 Mas, se te basta amor, um cco te fica.  
 Desde o dia em que puz na tua escolha  
 As venturas d'amor e as da fortuna,  
 Tua livre eleiçãõ tenho aguardado,  
 E fiel à promessa que te hei feito  
 A Cumpirei á risca. — *Rei do Algarve,*  
 — Te disse eu, quando a este meu palacio  
 Te conduziu o fado — *tu procuras*  
*Aventura na terra: eu t'a prometto;*  
*Mas tem limites meu pôder na sorte;*  
*He forçoso escolher. No orbe que habitas,*  
*Felicidade inteira os fados negam.*  
*Toma estes dous ramos incantados*  
*Com magicas palavras, guarda-os sempre;*  
*N'elles de teu futuro puz a sorte*  
*E ora t'os dou, e em tuas mãos a ponho.*  
*De louro he um, colhido á luz escassa*  
*Do crepusculo pallido da noute*  
*Cõ'a mão direita, e salpicado n'árvore*  
*De sangue d'homem morto na batalha.*  
*De murta he outro, ao pino da meia noute.*  
*Em dia de san'João ao luar colhido,*

*Rociado d'orvalhos, de formosas  
 Lagrymas de donzellas berrifado  
 Tres vezes tres, com tres suspiros d'alma  
 Em cada uma das tres. — Abotoados  
 Ambos estão, e em viço; mas as flores  
 Só as verás desabrochar n'um delles,  
 Quando no outro esmyrrado e resequido  
 Folha e botão cahir. Volve a estes paços  
 Então, que o teu destino está cumprido,  
 E o incanto quebrado. — “ Assim to' eu disse,  
 Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos  
 Do teu fado onde estão? qual d'elles secco.  
 Qual florido me trazes? „*

De seu peito

*Tira dous ramos o gentil mancebo,  
 E c'um gesto de alegre sobressalto,  
 “ Florece a murta „ — diz — “ e Branca he miuba „ „*

## XI.

*A fada lhe tornou: “ Florece a murta,  
 Florece a murta, sim, e Branca he tua;  
 Mas sécca o louro, e a tua gloria he extincta:  
 O teu throno cahiu, cessou teu reino,  
 A tua raza he proscripta; es teus altares  
 Fulmina o raio — Vence um deus estranho,  
 Vence o Deus dos Christãos, e Allí succumbe. „ „  
 Eramudeceu a fada; o rosto bello  
 Do principe destinge esmorecido  
 Descorçoamento, — apos vergonha o córa;  
 E em variada sezão sua alma anceia,*

## XII.

Ja na formosa e candida donzella,  
Que estatica esta scena contemplava,  
Os olhos crava, e todo o amor do peito  
N'essa vista se expande, se dilata,  
E a agitação do espirito lhe acalma.  
— “Eia pois escolhi (clamou, e toma  
A mão da virgem), o meu fado he este,  
Esta a minha ventura, a minha glória.  
Oh! n'este coração reine eu somente,  
E o throno dos Caliphas não invejo,  
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito  
Impere eu só, e o imperio do universo  
Disputem entre si os reis da terra.”

## A FADA.

“Reinas, imperas; Branca he tua, adora-te:  
Eu no seu coração puz tua imagem,  
E a teus olhos rendi seu virgem peito  
No momento em que a viste. Branca he tua;  
E só a perderás, se hallucinado,  
Teu florecido ramo abandonares,  
E o deixares seccar. — Então, não pôde  
Guardar-t'a o meu podêr. O incanto he este;  
E o incanto que eu fiz quebrar não posso.  
— Filha do rei christão, este he teu pago:  
Eu vo-lo cedo, amantes venturosos.  
Nenhum ôho mortal pôde este alcagar  
D'ora avante avistar, nem homem pôde

Vivo na terra penetrar seus muros  
 De nada receeis ; gosae tranquillos  
 As delicias d'amor. O vosso minimo  
 Desejo , no momento em que o formardes ,  
 Vereis cumprido : dae redeas folgadas  
 A' imaginação ; riquezas , festas ,  
 Adornos e manjares — quanto encobrem  
 As entranhas da terra , quanto as aguas  
 Teem no fundo dos mares sepultado ,  
 Tudo ante vós será no proprio instante  
 Que o desejardes. Porém ai se o ramo  
 Da murta definhar . . . . ai ! se o desejo  
 Te pede ver florido o sêcco louro !  
 Oh ! ai de ti , filho de Agar : não pôde  
 Valer-te o meu condão. ,, — N'estas palavras  
 Fez leve aceno co'a varinha ; e subito  
 A formosa visão desaparece.

### XIII.

Ficaram sos os dous amantes. Cheia  
 De espanto ainda e admiração , olhava  
 Para o seu roubador a linda Branca  
 Com olhos onde toda se lhe pinta  
 A confusão do espirito. — “ Explica-me  
 ( Lhe dissé alfim ) explica-me este enigma ,  
 Esta visão , e os mysteriosos dictos  
 Da fada , e as prophecias que te ha feito  
 De teu perdido reino. Por que modo  
 Me conhecêste , como — e este mysterio  
 Por mais occulto o tenho — como pôde  
 Assim meu coração ao teu render-se ?



Como entre nossas almas, que nascidas  
Foram para odiar-se e aborrecer-se,  
Tã̄m dôce amor travou, tam fortes laços?,,

## XIV.

Ao dizer isto, os olhos derretia  
Da namerada virgem o deliquio  
De apaixonado amor: a mão de neve  
Sobre a querida mão poisou do amado.  
Languidamente a face lhe pendia  
Para o seio agitado, em um suspiro  
Sussurrou desmaiado à flor dos labios;  
— Como quando nas aguas chrystallinas  
A viração da tarde branda encrespa  
A lisa superficie. — Não cabia  
No peito a Aben-Afan tam grossa enchente  
De delicia, de gôso: accumulado  
No coração tanto prazer dobrava-lhe  
As pulsações incertas e apressadas.  
Da formosa christan tomou nas suas  
As delicadas mãos, e convulsivo  
Lh'as aperta; acres beijos as devoram  
Voam das mãos às faces, — e das faces  
Descem — ao seio não, que á virgem bella  
Do lubrico desmaio accorda o peijo,  
E ao atrevido mouro não consente  
O veo tenaz erguer desse fechado  
Sacratio de pudor e formosura.

## XV.

Cedeu o amante aos rogos da modestia :  
E he tam grato ceder quando a certeza  
Da victoria de perto nos acena !  
Cedeu : poucos momentos, que retardam  
O gôso do prazer, mais vivo o tornam.  
— Contou-lhe então como perdido um dia  
Na caça deparára co'estes paços  
Da fada Alida, e entrára, sem que ousassem  
Oppor-se-lhes os leões que á porta os guardam.  
Que os jardins incantados discorrêra,  
Vira o brilhante alcaçar, e admirando  
Huma por huma tantas maravilhas  
Longo tempo estivera, té que a fada  
Lhe apparecêra tal como hoje a vira,  
E os dous mysticos ramos lhe entregára,  
Onde encerrado estava o seo destino.

## XVI.

“ Entrei ( disse elle ) entrei cheio d'esp'rança  
Pela vida, que alegre se me abria  
Diante de mim, como horisonte puro  
Sem nuvens, sem negrume : em breve ao throno  
Subi de meos passados : e o diadema  
Tam pesado ! — na frente descuidosa  
Não me avexava, que minha alma, livre  
De paixões, se espraiaava toda ao largo  
Pelo mar da existencia não picado  
Das tempestades que no peito humano

Alevantam desejos, pensamentos,  
Cubiça, ambigões. Os meos fadados  
Ramos todos os dias contemplava,  
E verdes sempre, mas sem flor, os via,  
Começou a infadar-me esta incerteza,  
Este vago tardar de meo destino;  
E solitario, só no meo retiro  
Dias, noutes passei, luas inteiras,  
Suspirando sem causa de tristeza,  
Melancolico, e quasi aborrecido  
Da vida, que tam cheia de prazeres  
Se me antolhava, e que ora tam insipida  
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras  
Entre os christãos e os meos: nossas fronteiras  
Pacificas telli entrou o mestre  
De Sanctiago; e horrído theatro  
Se fizeram de guerra sanguinaria,  
Que não desaffiamos. Sois vós outros;  
Portuguezes, imigos do descanso  
E delicias da paz, viveis no fogo  
Ardente das batalhas, como vive  
No fogo a salamandra. Acudi presto  
Ao reclamo da guerra; e o meo alfange;  
Sabem-no os teos se corta per anneis  
De christãos cavalleiros. Davidosa  
Vacillou a fortuna entre o estandarte  
Da roxa cruz, e entre as douradas Luas.  
Dom Payo que assolára nossos campos,  
Entrára nossas villas precedido  
Da victoria, parou sua marcha rapida,  
E tropeçou na estrada da conquista,  
Que tam facil e plana se lhe abríra.

C'o exemplo de seo rei cobraram ânimo  
 Os povos ; e a antiga independencia  
 O Algarve sustentou. De nossas terras  
 Rechassado o inimigo , me occupava  
 Em guarnecer as praças arruinadas ,  
 Outras edificar , e preparar-me  
 Contra nova invasão , que eu certa a tinha  
 De tam inquietos , bulligosos animos

## XVII.

“ Huma noute prostrado de fadiga  
 Adormeci : era ventosa a noute  
 De outomno : e as folhas sêccas que cahiam  
 Sobre a tenda em que estava , o silvo agudo  
 Dos despregados ventos me embalaram  
 N'um somno mal tranquillo , mal pesado  
 De quebramento e lassidão. Dormia ,  
 Dormia eu , mas escutava o ruído  
 Dos furacões , e o som da tempestade ;  
 De meos sentidos todos só desperto  
 O ouvido , que velava , os reflectia  
 N'alma como rugir de brutas feras ,  
 Sibyllos de dragões , huivos de tigres ,  
 Canticos de demonios malfazejos ,  
 De genios maus , — descompassadas vozes  
 De mortos resurgidos .n'hora aziaga ,  
 E em banquete de horror sobre hum sepulcro  
 Embriagando-se em sangue de parentes ,  
 De amigos , — talvez filhos , que no berço  
 Deixaram quando a morte os tomou sabito. \*

\* Allusão aos vampyros. Veja-se nota a este verso no fim.

## XVIII.

“ O coração no peito comprimido  
 Me anceava afflicto, e o sangue accumulado  
 Sobre elle me pesava, como a barra  
 Do ferro sobre o peito ao criminoso.  
 Não era sonho este, era hum estado  
 Indefinivel; mas não durou muito,  
 Nem, a durar, lhe resistira a vida.  
 Senti coar-me hum balsaño suave  
 Pelas veias, e o sangue dilatar-se  
 Brandamente per ellas: solto e livre  
 O coração senti; e a phantasia  
 Se descobriu da cerração medonha  
 Que a ennegrecia. — Leves, leves fórmas  
 Diaphanas, ligeiras como os ares  
 Me gyravam n’hum quadro transparente  
 De incerta côr, mas bello, mas tam mago,  
 Tam delicioso como fresca aurora  
 Per estiva manhã. Vagas e froixas  
 As fórmas eram; logo mais sensiveis  
 Se relevaram, — pouco e pouco augmentam,  
 E hum paraizo, hum ceo d’ante mim era.

## XIX.

“ Oh! como descrever-t’o! Hum ceo de gória,  
 Hum transparente azul, de estrellas bellas  
 Marchetado, — mil anjos de azas brancas  
 De strella em strella alegres revoavam,  
 Lirios de alvura candida espalhando



Pelo ar embalsemado de fragancia.  
 Huma virgem trajando roupas simples,  
 Que em pureza e candura resplendiam,  
 Huma virgem no meio d'este incanto  
 Apparecer a vi como a rainha  
 D'esse paraizo, como a divindade  
 A quem os anjos todos se humilhavam,  
 E sobre quem seos lirios e boninas  
 Com amor jabilosos desparziam.

## XX.

„ Sentia-me arrobar-se-me a existencia,  
 E o coração voar-me, como os anjos,  
 Para a celeste virgem. De seo peito  
 Huma cruz resplendente lhe pendia,  
 E essa cruz... essa cruz, como inimigo  
 Talisman, afastava da donzella  
 Meo coração que embalde forcejava  
 De approximar-se a tanta formosura.  
 Ella, a virgem huns olhos compassivos  
 Punha em mim, e hum sorriso parecia  
 Em seos divinos labios consolar-me,  
 E ao coração, que ja desanimava,  
 Alentá-la d'esperanças. — Mas a fôrça  
 Do talisman vencia, a cruz terriveil  
 Dardejava fúscas rutilantes,  
 Como a espada do fogo que fulmina  
 Nas mãos do guardador do Eden defeso.



## XXI.

“ Eu suspirava , a angustia me opprimia ,  
E co' esta agitação se dissiparam  
A celeste visão , o sonho. Acórdo ,  
Acórdo , mas metade da existencia  
Não acordou em mim ; ficou no sonho  
A maxima porção da minha vida ;  
Ficou-me o coração apos da virgem  
Correndo embalde. *Embalde* ( exclamo ) *embalde.*  
*E não mais a verei !* — Vinha a arraiada  
Alvorecendo então no roxo oriente :  
Secreta inspiração ( *não sei que d'alma ,*  
Que sente sem a ajuda dos santidos ,  
E parece no íntimo do homem  
Ser cousa alheia , ou mais que a humildade )  
Me fez pensar nos incantdos ramos.  
Brilhou-me d'ante os olhos a esperanga ,  
Corro hum clarão de vida : corro a elles ,  
Observo-os.... oh ! no louro resequidas  
Se esmyraram as folhas , — mas na murta  
Os botões , como perolas do oriente  
Em tranças de sereias , alcejavam ;  
E ja n'alguns leve signal de abrirem  
Se divisava : — como em curvas praias  
Ao subir da maré pintadas conchas  
A medo o rico esmalte descobrindo.

## XXII.

“ De alegria , de júbilo insensato ,  
O arraial despertei ; tendas se levam ,  
Ordens á pressa dou , a Sylves tórno ,

E so no meo alçar longo tempo  
Medito, e mil projectos hum sobre outro,  
A qual mais vago, a qual mais louco, forme  
Sobre o meo sonho, os ramos e o destino,  
Que Alida me fadára. — Alfim hum dia  
Levado assim de impulso repentino  
Deixo a cidade so, e confiando  
A' minha estrella o dirigir-me os passos,  
Redeas sóto ao cavallo, e sigo a estrada  
Que elle de si tomou. Certo caminho  
Foi das fronteiras, correu noute, e dia  
A's margens do Guadiana, pelas terras  
De andaluzia entrou; a Estremadura  
Castelhana atravessa: emfim chegámos  
A hum valle formosissimo, e assombrado  
D'enzinhas altas: per ahi partiam  
Os limites da Beira portugueza;  
Ahi parou. O sol no extremo occaso,  
Como n'hum mar de luzes se affogava;  
Mas no resto do ceo ja raras trevas  
A estender-se começam: voz e esporas  
Emprégo; — não se move o corcel fixo  
No solo, qual se fôra bronzea estatua  
Em pedestal de marmore encravada.  
Longo tempo insisti; cerrada a noute  
Era ja, — desmontei, e n'hum rochedo  
Vizinho me assentei: ahi na mente  
Entre mil pensamentos revolvía.

## XXIII.

“ Mas huma luz, bruxuleando escassa  
Per entre os ramos de viçoso olmedo,

Não longe descubri : certo , que humana  
 Habitação será. — Approximei-me  
 Na intenção de pedir por essa noite  
 Gasalhado , aguardar o desincanto  
 Do meo corcel , e em diversos trages ,  
 Que a pêso d'ouro , e joias hi comprasse ,  
 Apé seguir a incerta romaria  
 De meo peregrinar mysterioso.

## XXIV.

“ Chego ; pequena ermida solitaria  
 Estava entre o arvorêdo : a luz sahia  
 Pelas figas da porta mal fechada.  
 Entrei ; hum sancto horror de meos sentidos  
 Se apoderou : — forravam toda a estancia  
 Ossos de homem , caveiras — brancas humas  
 Do tempo , outras ainda mal cubertas  
 Apedaços de pelle resequida ,  
 De erigados cabellos. Huma tumba  
 Negra jazia ao lado , e em huma cruz tosca  
 No chão cravada: d'essa Cruz pendia  
 Lampada que a luz funebre desaparze  
 N'estes objectos funebres. Absorto  
 Contemplava o terrivel monumento  
 Dos triumphos da morte , quando hum fraco  
 Som quasi extincto ouvi de voz cerrada  
 Dizer : “ *Filho das trevas , tu procuras  
 A claridade ; acha-la-has : mas guarda-te :  
 Abraza a luz amiudo. ,*

“ *Quem me falla ?*

(Tornei eu ) *quem aqui n'esta gelada*

*Habitação de mortos me conhece ?* ,,  
 — “ *Hum que he ja no limiar da eternidade,*  
*Hum moribundo. Segue o teo destino,*  
*Aben-Afan: outr'ora obedeciam-me*  
*Os espiritos todos, e podéra*  
*Mostrar-t'o.... — mus, he tarde; sinto a hora*  
*Derradeira soar-me — expiro... — fexu-me*  
*Os olhos — veste o meo burel -- e entra*  
*Nas terras portuguezas... lu... , — A morte*  
*O colheu; roucos sons balbuciou inda,*  
*E n'hum arranco l'he fugiu a vida.*

## XXV.

“ *Combatido de varios pensamentos*  
*Passei a noute juncto do cadaver.*  
*Mas alfim decidido, e resolutu*  
*A correr todo o meo destino ás cegas;*  
*Acceite-se o legado — disse eu — vista-se*  
*O burel do santão \*, e uente à sorte!*  
*C'o primeiro crepusculo da aurora*  
*Ja, em vez de turbante, me cubria*  
*Capuz agudo a frente. Hum nome escripto*  
*Em hum papel achei no seio ao morto,*  
*Hugo. — Lembrei-me então que n'outro tempo*  
*A hum Hugo ermitão salvára a vida,*  
*Que agradecido grande recompensa*  
*Pela acção generosa me fadára,*

\* Veja nota a este verso no fim.

## XXVI.

“ As fronteiras passei ; a pé caminho  
( De noute o meo corcel desaparecêra )  
Sem perguntar estrada, sem vereda  
Seguir mais que a do acaso. Ajoelhavam-me  
Per villas e logares que eu passava,  
Os devotos aldeãos. Ao dia septimo  
Juncto me fui achar, ao romper d'alva,  
D'hum mosteiro. Cantares entoavam  
Vozes tam doces, como vozes d'anjos  
No alto das montanhas celebrando  
As grandezas de Allá. — Todo enlevado  
No mago incantamento d'essas vozes,  
Do templo estive á porta : — franqueá-la  
Nas ousava, — e a vontade m'o pedia,  
Mas retinham-me escrupulos. Ao cabo  
Disse eu: que importam nomes? Deus he o mesmo;  
Christo\* e Mahomet foram prophetas,  
Mas Deus he o mesmo Deus. — Entrei na igreja.

## XXVII.

“ Era hum côro de candidas donzellas  
Que alternadas o cantico solemne  
Entoavam. Sentia-me eu tomado  
Da religiosa e sancta magestade  
Que enchia o templo. Os olhos repoisava  
Com prazer innocente n'essas virgens

\* He discorrer d'um mahometano.



Que por Deus renunciaram a prazeres,  
 A delicias da terra — quando subito  
 Porta se abriu do templo á extremidade  
 E huma virgem entrou: seo ar, seo gesto  
 A mostrava entre as outras a primeira,  
 E entre ellas parecia tam brilhante,  
 Como em capella de jasmims a rosa,  
 Ou como o lirio n'hástea debruçado  
 Sobre o campo arrelvado de violetas.

## XXVIII.

Deu-me rebate o coração no peito:  
 Era essa imagem a que eu víra em sonhos;  
 Essa, essa propria; a mesma cruz brilhava  
 Em seo peito.... Perdi razão, sentidos;  
 N'hum extasi de gôso indefinivel  
 Cahi como em deliquio. — Longo espaço  
 Devia de durar, que se no templo  
 Acordando me achei: findára toda  
 A cerimonia, e as virgens retiraram-se.  
 Sahi então, e soube que o convento  
 Era Lorvão, e.... „  
 —“ Tu., — interrompendo-o,  
 Branca lhe diz —“ tu eras o ermita,  
 Que em nossa igreja huma manhan entraste,  
 E que tam enlevado parecias  
 Na oração? „  
 —“ Era eu mesmo.,,  
 —“ Oh Deus! e eu propria  
 Com quanta devoção te contemplava!  
 Tam joven, eu dizia, e tam deixado



Do mundo ja!...Mas tu o ermitão eras?

## XIX.

„ Eu sim, que extasiado em teu semblante  
Ahi perdi o coração, e a vida;  
Ahi n'esse momento se compriram  
Os meus destinos todos. — O fadado  
Ramo consulto: florescia o myrto,  
Ceos! clamei, he quebrado o meu incanto!  
Mas que fazer! a noite veio; a hum proximo  
Olival me levará incerto passo,  
E na soidão, minha alma se intranhava  
Em pensamentos vagos, em projectos  
Mais vagos. — Hum corcel vejo pascendo  
Embridado, e mourisca sella tinha:  
Era o meu fiel Adir; chameio, corre  
A mim alegre, estende-se abaixando  
O alto costado, como convidando-me  
A montá-lo. — Hesitei; — mas dirigido  
Por occulto poder não he meu fado?  
Montei, partimos; trouxe-me a estes pagos.  
Não vi Alida; mas teu nome, o sítio  
Onde te encontraria em teu caminho  
Para castella, como libertar-te  
De teus brutaes dervizes deveria;  
Tudo li n'huma tarja transparente  
De jaspe em letras d'ouro. Outra vez parte  
C'os mais fieis dos meus, fui emboscar-me  
N'huma escarpada rocha, e te esperámos.  
O resto sabes tu: — sábe-lo, ó Branca,  
E ja teu coração me ha perdoado.,,

## XXX,

Os braços da donzella se enlaxaram,  
Como hum festaõ de candidas boninas,  
Emtórno ao collo do gentil mancebo.  
— O propheta, se víra n'esse instante,  
Emendára o Koran, e não vedára  
A hum anjo tal do paraizo a entrada.

---

---

# DONA BRANCA,

---

## CANTO QUINTO.

### I.

Toca o sino a completas; era noute  
Em Cacella : — seo branco sobrevestem  
Manto co'a roxa cruz sobre a armadura  
Reluzente , e ao côro se encaminham  
De Sanctiago os nobres cavalleiros.  
As espadas , terror do mauro Algarve ,  
Depoem juncto do altar , e vão devotos  
Ante o Deus dos exercitos prostrar-se  
Em humilde oração. Ha poucas horas  
Guerreiros na batalha , egora simplices ,  
Silenciosos , austeros cenobitas  
Rezam em côro ; — ámanhan , quem sabe ?  
Correraõ aventuras namoradas ,  
E nos braços de languida beldade  
Cumpriraõ o terceiro mandamento  
Da muito nõbre e respeitavel ordem  
Da andante , singular cavalleria.

## II.

Oh! quem ve hoje na ponteada casa  
 De aperaltada, esguia casaquinha  
 Brilhar a mesma cruz, symbolo d'honra,  
 De patriotismo e glória, que pendêra  
 D'aureo collar em peitos d'aço duro,  
 Peitos que sem pavor per entre selvas  
 De lanças, de azagaias se arrojavam;  
 Que as vê hoje, — a cruz sancta de Christo,  
 Pendão de glória, que guiou no Oriente  
 Castro, Albuquerque e Vasco, — a roxa espada  
 De Sanctiago, que arvorou as Quinas  
 Nos castellos do Algarve, — penduradas  
 Pelas librés da infamia e da injustiça; \*  
 Quem, de sua nobre origem cogitando,  
 Ousará de dizer: "São cavalleiros,  
 São portuguezes cavalleiros esses?,"

## III.

Tremulava a bandeira de Sanctiago  
 Nos mouros de Cacella, que vencida  
 Aos fortes cavalleiros se rendêra.  
 Mas Tavira resiste: fatigados  
 Os de Christo, e Mahomet formaram treguas,  
 E da guerra continua repoisavam.  
 Ja gran'parte do Algarve succumbíra  
 A's armas de dom Paio e dos seus freires,

\* Veja a nota no fim.

Depois que Aben-Afan de seo alcagar,  
 — Sem se saber aonde — se ausentára.  
 Tavira a forte, Sylves a maritima,  
 Firmes porêm sustentam porfiosas  
 Ao mouro rei a vacillante c'roa.  
 As principaes, e as mais famosas  
 Em valor e riquezas essas eram  
 Per todo o á quem dos aridos Algarves.

## IV.

Findára o côro: a hora do repasto  
 N'hum fresco eirado, á lua, passeiando,  
 Os cenobitas campeões aguardam.  
 De batalhas e cercos fallam velhos,  
 Das justas e torneios do bom tempo  
 Que foi; — moços d'amores e caçadas,  
 D'aventuras, e cousas que mais prazem  
 A' idade em que veceja a flor da vida,  
 E folga o coração no peito á larga.  
 — “ Sabei ( disse dom Alvaro ), senhores,  
 Que dois falcões tenho eu, que os mais manhosos  
 D'elrei de Leão não tem que ver com elles.  
 Pena he que em terras nossas não ha caça,  
 Com que entreter o tempo d'estas treguas:  
 Senão verieis.,,

— Gran'desejo tenho

De o ver eu,, ( Mem do Valle respondia )  
 Que as minhas aves atéqui as tinha,  
 Em que peze a dom Alvaro — as melhores  
 Que hei visto em vida minha. Mas, senhores;  
 Cousas vos direi eu, que vos agrade,

Pois cavalleiros sois : p'rigoso he o caso ,  
 Mas de gôsto será. Sabei que em Antas  
 He a caga melhor de todo o Algarve :  
 Mister he de passarmos per Tavira ;  
 Mas em paz , como estamos , de impedir-nos  
 Não ousaraõ os mouros : e se ousassem . . . . „  
 — Tanto melhor , que sua perda fôra :  
 ( Voltam á huma os jovens cavalleiros )  
 Vamos , e ámanhan ja . ,

Foram-se ao mestre ,  
 E do que haõ concertado lhe dadõ parte.

## V.

Com prudencia dom Paio , e bom aviso  
 Lhes ponderou da empreza os contratempos :  
 Quanto ciosos eram de suas terras ,  
 E mulheres os mouros. — “ Nem por isso ,  
 — Accressentou sorrindo o grave Paio —  
 Lhes quero eu mal , que ha hi fermosas damas,  
 E a ver taes cavalleiros costumadas  
 Não estaõ ellas. „ — Rindo agradeceram  
 O comprimento ao mestre , e pois lhe dava  
 Cuidado sua idade , lhe disseram  
 De paz , e guerra iria hem armados.  
 E assim no alvor do dia se partiram  
 Com suas aves e armas , cavalgando  
 Em andaluzes , relinchões ginetes.

## VI.

Seis eram os mancebos ; mas tam guapos ;  
 Tam gentis cavalleiros não vestiram



Nunca em terras d'Hispanha arnez ou malha.  
 C'o denodo e despejo d'essa idade,  
 Para quem p'rigos são delicia e brinco,  
 Caminho vão direitos de Tavira;  
 A ponte passam a veloz galope,  
 E ás frescas margens de ribeira placida,  
 Onde Antas jaz, alegres começavam  
 Suas aves a soltar, seguir-lh'os voos,  
 E a entreter-se em folguedos innocentes,  
 Disputas joviaes, e outros singelos  
 Passatempos de alegre confiança.

## VII.

Mas o diabo, que jamais não dorme  
 Quando ve gente moço em bom caminho,  
 E que não para sem fazer das suas,  
 E os metter em camizas d'onze varas,  
 O diabo se deo aos diabos todos  
 De ver seis rapazetes tam bem postos,  
 Tam gallardos e bellos, — de sua regra  
 Cumpridores fieis, e mais honestos  
 Que o mais honesto monge da Thebaida.  
 Ora, sabido he que o tal amigo  
 Lucifer, Belzebut, Satanaz, diabo,  
 Demonio, ou como quer que he sua graça,  
 ( Na miuha terra as heatas o designam  
 C'o extravagante nome do *Baétas*;  
 Nome a que nunca pude achar o furo  
 Da ethymologia; e desafio  
 O carmelita auctor do dictionario,  
 Que traduzia — triztriz — pratos quebrados;

Dêsse tamanhas voltas ao miolo  
 Como as eu dei para encontrar com elle.)  
 — O diabo pois—que emfim este he seo nome —  
 Tanto fez, que até sanctos da Thebaida  
 Com suas tentações voltou do avego,  
 E se metteu sem medo á queimaroupa  
 Com Cilícios, jejuns e agua benta:  
 Como lhe havemos d'escapar nós outros,  
 Pobres e miseraveis peccadores!

## VIII.

E como pôde entrar este inimigo  
 Jurado da adamitica progenie  
 Os austeros limites da Thebaida?  
 — Com môças: môças são cousas do diabo,  
 Se he que o diabo não são ellas mesmas:  
 — Que em quanto para mim—Deus me perdoe—  
 Por taes as tenho, ás tentações malignas,  
 Que sinto cá per dentro quando as vejo,  
 E me dão taes ventades... Abrenuncio  
 O diabo ellas são, ou ellas d'elle

## IX.

Pois o pae da malicia, que bem sabe  
 O podêr de taes armas perigosas,  
 Assentou de apanhar n'huma das suas  
 Os jovens caçadores: vai, e enfia-se  
 Que he mestre n'isto, e não lhe custa nada  
 Entender-se, agachar-se, encarquillar-se,  
 Acagapar-se curto e pequenino

Como hum mosquito , ou alto alevantar-se  
 Como a tôrre dos clérigos \* ) enfia-se  
 No papo d'hum falcão dos da caçada ;  
 E o falcão , que ficou , como la dizem ,  
 Co'diabo no corpo , larga o paio ,  
 E desanda a voar per esses ares ;  
 Voou , voou , té que estacou mui longe ,  
 E se poz a pairar como quem mira  
 A caça , e a fita bem para empolgá-la.

## X.

Acertou que o falcão dos dous gabados  
 De dom Alvaro era. — “ Estranho voo  
 ( Mem do Valle lhe disse ) he o da vossa ave :  
 Nunca vi hum falcão voar d'essa arte. ,,  
 — “ Crede , senhor ( dom Alvaro lhe torna )  
 Que he fina caça a que elle paira agora ;  
 E afè não ha hi ave em toda Hespanha ,  
 Que tal a avente , e tanta. ,,  
 — “ Ir-lhe-hei no alcance ,,  
 — Volve o outro. — “ Ide embora , porêm crede-me ,  
 Que a mim somente , e não a outro , a entrega. ,,

## XI.

Mem do Valle picou , e per hum trilho  
 Agreste e rudo entre árvores e mato  
 Mette o corcel fragueiro , e costumado  
 A mais agros caminhos. — Ja chegava

\* Tôrre ferrosissima no Porto.

A hum valle estreito , que em redor fechavam  
 Ingremes , escarpadas serranias  
 Tam arida , tam sêccas e escalvadas ,  
 Quanto era amena , vecejante e bella  
 A varzea , que hum arroio dividia  
 Despenhado do cume alto da serra  
 Com rúido , em cataracta picturesca ,  
 Onde em brilhantes prismas concentrando  
 O matutino sol seus raios puros ,  
 Ahi nas côres d'Iris se extremava.  
 A relva de boninas esmaltada  
 Amorosos perfumes recendia ;  
 E áquem , além festões de verdes balsas  
 Prendiam com seus ramos enlagaços  
 A's vigoras figueiras. Ramilhetes  
 De murta em flor brotavam pelo prado ,  
 E á sombra dos mais altos arvoredos  
 Vigava o tenro , dobradigo arbusto  
 Que em nossos bosques semeiou de perlas  
 Para envêlo da infancia a natureza ;  
 Oh ! idade feliz , em que as eu via ,  
 As alvas camarichas resplendendo  
 No limpido ceirão , e as cubigava  
 Essas perlas mais finas a meus olhos  
 Do que as da bella egypcia mal pudica.

## XII.

Sobre este ameno delicioso valle  
 Paira a pranto o falco : mas extasiado  
 Nas bellezas do sítio , e firmosura  
 Da grata solidão só pensa e cuida

Na maravilha que lhe incanta os olhos,  
Que alma lhe ameiga, o joven cavalleiro.  
Quando subito a ave — qual se víra  
Saltar lebre fugaz de espessa moita —  
De-se veloz, e atraz de árvores densas  
A' vista se esconden do cavalleiro.  
Ve-la baixar, e correr prompto ao poiso,  
Que lh'a occultava — foi hum só momento.

## XIII.

Facil era a entrada da espessura  
Per hum lado onde as árvores fallecem.  
Entra; e a caça que viu... — Tenteio embalde  
As cordas do romantico alaúde,  
Que os genios das montanhas me afináram  
Para os singelos sons desalinhados  
De meu simples cantar; falliam-me as notas,  
Desafina a canção. — Que verso póde  
Descrever os segredos da floresta  
Do Alouargem! — onde incantos estupendos,  
Nocturnas festas celebrar se hão visto  
A's fadas, e os espiritos da noute:  
Floresta, onde jãmais pé de homem vivo  
Depcis do pôr do sol entrar não ousa;  
E so do alto da serra o pegureiro  
Via luzinhas — signal certo de braxas —  
A surdir e a esconder-se a hum lado e outro,  
Saltando ( como estrellas namoradas,  
Que via o grego antojador de favas  
Ao brando som de harmonicas espheras  
Bailar no azul do ceo as tripecinhas ),

Ou perdido viandante arripiado  
De medo, ouviu confusas gargalhadas,  
Estranhos cantos e gemidos funebres.

## XIV.

Jaz sobre a relva, á delectosa sombra  
Do espesso arvoredado adormecida  
Joven heldade. — Oh! se anjos divagando  
Acaso pela terra, adormeceram  
Algun'ora em recinto delicioso,  
Que lhes fez recordar d'Eden os bosques,  
Seo formoso dormir como este fôra.  
Alva, ligeira tunica apertava  
Pelo meio do corpo delicado  
Cinta de verde côr; douradas tranças,  
Sem mais ornato que o formoso ondado  
De seus proprios anneis, se debruçavam  
Per hombros, onde quebra a fôrça do aivo  
Ligeira côr de desbotada rosa.  
Seus olhos! — com as palpebras escuras  
Fechado tem o somno esse thesouro  
De brilho e de innocencia: — mas nos labios  
A innocencia surri. A hum lado jaz-lhe  
Pequeno livro. O atonito guerreiro  
No raptó dos sentidos alheados  
Longo tempo ficou absorto, mudo,  
Como a quem maravilha tem cortado  
Co'a razão ametade da existencia.



## XV.

Que livro será este? — Abre; e redobra  
 Seo pasmo: de orações e rezas sanctas  
 Era hum livro christão. — Como he possivel!  
 Em terra de infieis, virgem tam bella....  
 Hum agnus-dei que pende ao lindo collo  
 Da bella, e c'o sereno movimento  
 Do seio brandamente se agitava,  
 A certeza lhe augmenta. Christian virgem  
 N'este paiz de mouros! — oh! roubada  
 Foi de certo; e a seus barbaros deleites,  
 Sous infames prazeres a reservam  
 N'algun castello proximo. — Sem duvida.  
 Mas como n'este sítio adormecida?  
 Baldam ahi de todo as conjecturas.  
 Fugiu talvez..... — acaso communica  
 Este bosque com parte mais escusa  
 Do parque, ou cêrca dos mouriscos paços,  
 Onde escrava a reteem. — Christian he ella;  
 E eu christão cavalleiro, que hei jurado  
 De defender a fê e a formosura,  
 Devo....o que? — Libertá-la d'esses gryphos  
 Dos montros que a innocencia se preparam  
 A' devorar lhes crus: — devo, oh! sim devo.

## XVI.

Dest'arte reflectia o cavalleiro,  
 E levado de zêlo — ardente zêlo  
 Da fê — (Travêso duende me sussurra

No ouvido menos puro sentimento :  
 Vai-te , espirito mau , não te acredito ;  
 Era boa a intenção ; que faz ao ponto  
 Se profanête\* , acaso algum desejo  
 Na tenção se ingerio ? Vasos de barro  
 Somos nós , quebradiços e achacados ;  
 E raro , a obra melhor do homem mais justo ,  
 O ouro mais puro da virtude humana  
 De liga vil seo tanto não encerra. )  
 Levado pois *da fé* — “ Salvá-la ,, : clama :  
 “ Salvá-la he fôrça , e ja ,, — Mas , se a desperta ,  
 Se reciosa a tímida virtude  
 D’essa dama em fugir c’hum cavalleiro....  
 Saberá convencê-la. — E se no emtanto  
 Perdido o tempo..... Oh Deus ! urge o perigo ;  
 Cumpre deliberar. — Toma-a nos braços ,  
 Salta na sella , — e parte , corre , voa.

## XVII.

No papo do falgaõ raivava o diabo ,  
 Vendo tam mal sahir-lhe o estratagemã ;  
 E que o laço , onde creu ter apanhado  
 A virtude do sancto cavalleiro ,  
 Nova c’roa de glória lhe viçava  
 Na honesta frente. — Em tam escura sombra ;  
 Tal formosura...ocasião tam bella !....  
 Capacitar-se o diabo não podia  
 Que tanta fôrça houvesse n’hum mancebo ;  
 Que resistisse a tal. — Mas onde a leva

\* Diminutivo necessario.

Elle agora? — *Sabido* he que o diabo,  
 Que tudo *sabe*, so futuro ignora.  
 Deu a voar, e segue pelos ares  
 O joven par no rapido galope.

## XVIII.

Nos braços appertando o dôce pêso  
 Corria o cavalleiro, e lhe batia  
 O coração. — Surriu de ouvir-lh'o o diabo  
 Tam apressado, e disse la comsigo:  
 “ Não bate o coração com tenções boas.”  
 Mas no entanto a donzella mal desperta  
 Do somno ainda, que pensar não sabe  
 Do estranho successo que a acordára:  
 Se vela ou sonha, se anjos a conduzem  
 A's regiões do ceo, ou se o maligno  
 Espirito a arrebatá ás profundezas  
 Do abyssmo, duvidosa, nem se atreve  
 A brir os lindos olhos, mas tremendo,  
 Encolhendo-se toda, mui baixinho  
 Ao bento anjo rezava da sua guarda.

## XIX.

Porém alfim curiosidade vence  
 Afinal sempre em feminino peito.  
 Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?  
 Ver-lhe a cara deseja. — E se elle he negro....  
 Credo! — Mas pouco e pouco vai abrindo  
 O cantinho do ôlho. Alta a viseira  
 O mancebo levava; e o bello rosto

— Que bello era e gentil — se descubria  
Entre as lozentes armas de aço fino,  
E sob o elmo implumado — qual nos pintara  
O triumphante archanjo aos pés calcando  
Revel esp'rito, que venceu nos plainos  
Do ceo em regular, campal batalha.

## XX.

Ao encarar com tam formoso gesto,  
O medo todo lhe fugio do seio;  
E a grata persuasão que em corpo e alma  
A leva ao ceo hum anjo tam bonito,  
Certeza foi; que de prazer celeste  
Lhe inunda o coração. — Mas será sonho?  
Nunca elle acabe sonho que he tam bello  
Com medo de acordar, seos lindos olhos  
Fogem da luz do dia, e so se entr'abrem  
Para gosar da angelica presença  
Do roubador gentil. Emtanto o joven  
Sente o dôce calor do brando corpo  
Os membros repassar-lhe, e dar rebate  
Ao sangue, que agitado ja circula,  
E em seo tropel o espirito envolvendo,  
Ja menos puras sensações e ideias,  
E lembranças, por fim, peccaminosas,  
E ao cabo tentações. — Ja não surria,  
Mas dava pulo o diabo de contente.

## XXI.

Eis ao subir de pelregosa encosta  
 Agra e difficil, do alto da montanha  
 Vozes mil a gritar: "Ei-los vão, ei-los!  
 O roubador infiel! ei-la a princeza.  
 Acudi, acudi, vingae no infame  
 Nossas injúrias todas., — E redobra  
 O alarido das vozes tumultoárias;  
 E gritando corriam, e descendo  
 Dos lados todos, breve tem cercada  
 O cavalleiro multidáo de mouros,  
 Que em furia cresce, e emtórno se amontoa  
 Embalde elle o corcel a voltar fôrça,  
 Embalde tenta de descer de novo,  
 E salvar-se na fuga: a turba immensa  
 De toda a parte acode, Atropelados  
 Do feroso cavallo, a muitos prostra;  
 Mas outros, e outros vem: ceder he fôrça.

## XXII.

Ceder! hum portuguez, e hum cavalleiro!  
 Oh! que pesado entáo lhe foi o leve,  
 O doce pêso que o seo peito apperta!  
 Que fará? Langa e escudo lhe fallecem.  
 Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça;  
 Defende a linda dama que estremece:  
 A dextra brande a espada formidavel,  
 A cujos golpes o infiel desmaia;  
 E cahem como espigas em calmosa  
 Sesta d'estio aos golpes do ceifeiro.

E a bella! — Oh! despertada alfim do sonho,  
 Suas magas illusões se desvanecem.  
 Cruel realidade! Quem he elle?  
 Como a roubou, e aonde, onde he que a leva?  
 Porque assim o perseguem esses mouros?  
 Ai! isso entende, isso conhece a triste;  
 Claros os gritos são. Assim podéra  
 Evitar ella que lhe a face vejam.  
 Se a reconhecem — Deus! — que horror a espera,  
 Com o seo roubador, seo cavalleiro,  
 Seo defensor (ou como ha de chamar lhe?)  
 Se abraça, e esconde o rosto delicado  
 No seio aspero e ferreo da armadura.  
 Mas he ja tarde, ja reconhecida  
 Foi da turba infiel. — “ Oriana!, bradam;  
 “ Oriana!,, soa emtórno. Co'este nome  
 Cresce a raiva, o furor nos combatentes,  
 A quem resiste impavido hum so homem.

### XXIII.

“ Oriana,, repetindo, embravecidos  
 Investem, mas o nome que os excita,  
 Como se fôra magica palavra,  
 Respeito lhes inspira: os golpes vibram,  
 Mas no meio do golpe a mão descaí lhes,  
 E o peito deixa aos hotes desarmados  
 Da espada do christão. — Ja da matanga,  
 Ja de tanto ferir lhe affroixa o brago;  
 E as fôrças pouco a pouco a fallecer-lhe.....



## XXIV.

Fôrça he pois succumbir. Perega embora ;  
Embora ; — mas á furia d'esses barbaros  
Abandonar a victima innocente  
Que elle insensato ao sacrificio trouxe.  
Homa virgem christan ! — Ceos ! — e tam bella !  
Subito lhe accordou : resta-lhe hum meio  
De salvagão ainda , de esperanza.  
O corno toca ; os sons repete ao longe  
O echo das montanhas. Ja o ouviram ,  
E o usado som de Mem reconheceram  
Os socios , que , não longe , começavam  
A ouvir o alarido da peleja.  
O passo dobram : ei-los — oh ventura !  
Saõ a milhares a mourisca turba ;  
Mas seis de Sanctiago ! — A'vante ! e rompem,  
Sanctiago ! e ávante. — Em roda estaõ do amigo.  
Vidas como estas caro saõ vendidas ;  
E tarde , — se a perderem , — a victoria  
So coroarã os lividos cadaveres  
Do vencedor , a quem se deu mau grado.

## XXV.

O inimigo recúa. Seccos troncos  
De figueiras , que ahi jazem , encastellam  
Huns , em quanto outros á langada viva  
Seo trabalho defendem. Ja completa  
He a tranqueira , e a tempo ; que os cavallos  
De cangas e feridas se abatiam.

A suas frageis muralhas se acolheram,  
 E da turba que os cerca se defendem,  
 Como leões á boca do seo antro  
 Pelos filhos e esposa combatendo.

## XXVI.

Ai da formosa incognita donzella,  
 Que ao deslagar os braços delicados  
 Do corpo do mancebo, os lindos olhos  
 Cheios de amor e lagrymas levanta  
 Para o ceo, para elle, e: "Adeus",—lhe disse—  
 "Adeus! Que breve foi, e que amargado  
 O prazer d'este abraço!,, — Oh cruas vozes,  
 Tam meigas, tam crueis! Abriu se-lhe alma  
 Ao joven; e a paixão, que lhe escondiam  
 Suas chymeras vaus, toda lhe avulta;  
 Co'esse golpe de morte lhe rebenta  
 O amor télli no coração occulto.  
 Oh transe! — amor travando o braço á morte!  
 A eternidade em meio da ventura!  
 Que abysmo se abre entre elle e os seus desejos!  
 Os olhos do mancebo se enturvaram,  
 E o sangue, que vertiam mil feridas,  
 Parou: — n'esse momento lhe suspende  
 A vida e o coração da dor o accesso  
 Co'a fôrça do prazer. — Qual só em oppostos  
 Ventos parar em cabo procelloso  
 A sogobrada nau.— Anjo da morte,  
 Porque retiras a aza côr da noute,  
 Que lhe estendas sobre a frente livida?  
 Doce he morrer assim; mas todo o calix

Do passamento, té ás fezes negras,  
Bebê-lo! — Oh! cruel és, anjo terrivel

## XXVII.

De novo jorra o sangue das feridas;  
Volveu á vida.—“Oh Deus!,,—clamou seus labios  
Descorados na face da doazella  
Oculo imprimem, o primeiro — e o último!  
A virgem não corou: solemne, e augusto  
He o extremo da vida; não ha pejas  
Na despedida ás portas do sepulcro.

## XXVIII.

— “ E quem és tu, incognita beldade?,,  
— “ Eo? ( volve a virgem ) eu ? sangue inimigo  
Teu, e da cruz nas minhas veias gyra;  
Sangue de reis, — sangue fatal! Raiou-me  
A fe per entre as trevas do meo êrro:  
Este o crime, que os barbaros imputam  
A’ irman de Aben-Afan.....,,

— “ Tu irman d’elle!,,

Toma a espada, e com impeto que mostra  
Fôrgas maiores ja do que as da terra.  
E sem mais proferir, dá sobre os mouros  
Com furia tal, que innumerados lhe cahem  
Aos pés d’hum bote sq. — Porém foi esse  
De Sansão moribundo extremo exfôrço:  
Sobre o montão das victimas que immolla,  
O sacrificador exangue accurva;  
Sem vida cai: não o vingueis, amigos:

Naõ cahiu bravo em campo de batalha  
Mais gloriosa quèda; naõ deis lagrymas  
A quem so derramou em vida e morte  
Sangue inimigo e seo. Mem naõ existe:  
Folgae, filhos d'Agar, sobre o seo tumulo.

## XXIX.

Olhos formosos que lhe a morte destes,  
Chorae vós, sim chorae! — Mas tanta perda  
Ignora ainda a bella causa d'ella.  
Náo o viste cahir, gentil Oriana,  
Que no meio dos fortes cavalleiros  
No chão prostrada, supplice invocavas  
Ao ceo perdão, do ceo misericordia,  
E gemes, como a rôla solitaria  
Sobre o lascado ramo do pinheiro,  
Quando os ventos do outomno tempestuoso  
Da emigraçã a quadra lhe annunciam:  
Ai! caçador cruel lhe ha morto o esposo  
E seo terno arrulhar o chama ainda.

## XXX.

Com a morte de Mem coragem ganhara  
Os infieis, e affroixa nos de Christo  
O ânimo não, mas esse mais que humano  
Exfôrço gigantesco, enthusiasmo,  
Que não so p'rigos sem pavor arrosta,  
Mas a infallibil perda, a morte certa,  
Sem lhe atentar o horror, com gôsto encara.  
Lassos de combater, de sangue exaustos,

Que a jorros corre dos golpeados membros,  
 Os que fortes exercitos venceram,  
 E são terror de bellicosas hostes,  
 Ante huma vil, desordenada turba  
 De alvoroçada plebe já succumbem.  
 Eis a correr do alto da montanha  
 De redea larga vem hum cavalleiro  
 Anciaõ, de longas barbas venerandas,  
 Nem armado, nem seo trajar indica  
 Linhagem nobre; mas nobreza d'alma  
 Brilha em suas feições. Ao chega perto  
 Dos combatentes, moderára o passo,  
 E grave sê approxima do tumulto  
 Com semblante sereno. Erguendo a dextra:  
 “Suspendei,, — disse — “suspendei as armas;  
 Escutae-me hum instante.,,

A inesperada

Falla do velho á sanha da peleja  
 O furor suspendeu: para o combate;  
 E curiosos da causa que o alli trouxe,  
 Attentos mouros e christãos o fitam.

### XXXI

— “Illustres cavalleiros, escutae-me,  
 Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra  
 Fazeis todos: o sangue desparzido  
 N'este dia fatal ao ceo bradando  
 Está vingança, e todo ha recalhido  
 Sobre minha cabeça. Eu a princeza  
 Oriana dos reaes pagos de Tavira  
 Na fuga auxiliei, e ao respeitado

Basque d'Almargem a levei, e em guarda  
 A hum eremita sancto a dei eu mesmo.  
 Mas essa que buscaes ha tanto tempo,  
 Mas essa, por quem hoje heis combatido,  
 Não he ja vossa, não; Oriana, a bella,  
 A real Oriana aos erros e mentiras  
 De vossa falsa lei tem renunciado;  
 Christan he hoje.....,

—“ Ella christan!,, exclamam  
 A maura turba com horror e espanto.  
 —“ Sim, christan sou ,,—lhes diz, alevantando-se  
 A prioeza gentil; e no ar, no gesto  
 Lhe brilhava hum splendor de magestade,  
 Que entre essa multidão d'homens armados,  
 Sanguentos, golpeados, parecia  
 Anjo de paz que vem de ordem do Eterno  
 O cru flagello suspender da guerra.  
 —“ Sim christan sou: e o Deus só verdadeiro,  
 Que á sua sancta luz abriu meus olhos,  
 Constancia me dará para o martyrio,  
 Para alcançar a immarcessivel palma  
 Que me espera no ceo. Vinde; essas armas  
 Para meo peito dirigi: tormentos  
 Inventae novos; tudo com delicia  
 Receberei de vós, com prazer d'alma;  
 Tudo — Piedoso Deus! que hei visto! ,,—Para-lhe  
 A voz e a vida; cai: no gesto livido  
 Veo de morte se estende. A malfadada  
 No cadaver de Mem, que jaz per terra,  
 Fixára acaso os olhos descuidados;  
 E do golpe fatal, que inda ignorava,  
 Repentino ferida, á dor succumbe.



## XXXII.

Alvaro e os mais christãos, que a viram subito  
Desmaiar e cahir! — não suspeitosos  
Da causa de seo mal, hallucinados  
Em tanta confusão, — de tredo golpe  
Per mahometano archeiro a crem ferida.  
De horror e indignação furiosos bramam;  
E Alvaro lhes bradou: — “ Amigos, eia!  
Este resto de sangue que inda gyra  
Em nossas veias, pouco he, porém corra  
Portuguez té á gotta derradeira.  
Que nos sobra de vida? Escassas horas:  
Seculos fossem ellas, à vingança  
De crime tanto e tal votadas sejam.  
Sanctiago, e ávante! nossa he a victoria,  
E triumphando nos receba a morte. „

## XXXIII.

As fogosas palavras do mancebo  
Nos corações que apenas palpitavam  
Exangues, semimortos, vida e fogo  
D'enthusiasmo infundem. Quaes rompentes  
Leões, investem sobre o mouro em furia.  
A jorros corre o sangue; a vozeria  
Dos combatentes, gritos dos feridos,  
E o arrancar dos moribundos fórma  
Consonancia medonha. Acostumado  
Não era á guerra o venerando velho,  
Que esperando salvar os cavalleiros

A' custa de sua vida, alli viera.  
 Conhece todo o Algarve o nome e fama  
 De Garcia Rodrigues, o mais rico  
 E honrado mercador d'aquellas eras,  
 Que em seo tráfico e vida, recovando  
 Entre os mouros do Algarve e as portuguezas  
 Terras vizinhas, grande accumulára  
 Haver de ouro e riquezas. — Indo aos paços  
 De Tavira vender suas mercancias,  
 Co'a princeza Oriana costumado  
 Era a fallar: e quando convertida  
 A' christan fe, por muitos rogos d'ella  
 Alevounas recovas escondida,  
 Que o não senhou ninguem. — Caminho agora  
 Ia de Alvor, quando escutou o ruído,  
 E a causa soube do fatal combate,  
 Que a apaziguar correu — em vão. “ Salvá-los  
 He impossivel!... pois ( disse elle ) morra-se  
 Como homem tambem., — Empunha a espada,  
 E sobre os mouros deu como homem que era.

## XXXIV.

Novas emtanto da fatal peleja  
 A Cacella chegaram. Parte à pressa  
 C'os seus o mestre, esperançado ainda  
 De soccorrer os nobres combatentes:  
 Tavira passa; os mouros aterrados  
 Do furor com que vem, passá-lo deixam.  
 Chega: — ai!...tarde. Ja lividos cadaveres  
 Sobre montões dos que immolou seo ferro  
 Jazem os sette heroes. Tropheos d'emtôrno

Seus inimigos lhe saõ , que os precedêram ,  
E às regiões baixaram do sepulcro  
A annunciar do vencedor a vinda.

## XXXV.

Mas os mouros do campo da batalha ,  
Em vendo o mestre vir , se retiraram  
Açodados c'õ medo da vingança.  
E elle , a quem no peito áncia rebrama  
De punir tam cruel aleivosia ,  
Os preciosos despojos recolhendo  
Dos nobres cavalleiros e do honrado  
Mercador , no alcance vai dos mouros ,  
Que em vaõ fogem. Cruento sacrificio  
As sombras dos heroes alli recebem :  
Milhares cahem. De Tavira ás portas  
Accossados os leva ; e as portas , que abra  
Para acolher os seus o musulmano ,  
Ao mestre foram triumphal entrada  
Na capital do subjugado reino.

## XXXVI.

Do Algarve a capital cede a dom Paio ;  
Mas em Sylves o rei no forte alcaçar  
Crem todos ; e acabar c'õ infame jugo  
Dos infieis em terras portuguezas  
Jurára o mestre. Bem guardada e forte  
Deixa Tavira , e sobre a antiga Sylves  
Vai com a flor dos seus ebrios de glória.



171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

171

---

# DONA BRANCA.

---

## CANTO SEXTO.

### I.

Ai de ti, Sylves, de tuas nobres tórres,  
Teu alcagar tam forte! Quem resiste  
A's espadas terriveis de Sanctiago?  
Ja de redor dos mouros, que de lanças,  
De frexas, de hesteiros se coroam,  
Suas tendas assentou, suas azes posta  
O invencivel mestre. Ja trabucos  
Acestam, catapultas vem de rôjo,  
Machinas, ligneas tórres; e se dobram  
Acubertados couros, protectores  
De escaladas e assaltos. Mas de dentro  
Dos muros os cercados se apercebem  
Para a defesa: ardentes alcanzias,  
Duros cantos, ferradas longas varas  
Que os incendiarios fachos arremessam  
A's inimigas fabricas. Redobra  
Corage em huns e outros o perigo.  
Pregam no campo frades indulgencias,  
Na cidade os immans novas promessas

Fazem de houris e paraizos: folga  
 Emtanto a morte, e para a ceifa crua  
 C'um perfido sorriso a fouce affia.

## II.

Dom Paio em snas tendas rodeado  
 Dos cavalleiros principaes, com elles  
 Nos desenhos do assédio practicava,  
 E no mais que a seo cargo e pôsto cumpre.  
 Hum homem d'armas entra, e ao conselho  
 Annuncia que ao campo hum messageiro  
 Do rei de Portugal n'essa hora chega.

D. PAIO.

“ Que novas traz? „

HOMEM D'ARMAS.

“ Sabê-lo-heis muí presto,  
 Que não tarda comvosco; e sua mensagem,  
 Diz so a vós dara. „

D. PAIO.

“ Embora venha:  
 E praza ao ceo que do valente Afonso  
 Nos traga alfin o tam pedido auxílio.  
 Gran'mister hemos d'elle. Cavalleirō,  
 E generoso he Afonso; a nenhum outro  
 De toda Hespanha com mais gôsto dera  
 Preto do que hei ganhado: mas importa  
 Que a levarmos ao cabo ésta conquista  
 Nos ajude elle; senão...reis não faltam;  
 Deus provera, e a nossa espada ao resto. „



## III.

## ARAUTO.

“ Da parte do mui alto e poderoso  
 E temido senhor, rei dom Afonso  
 De Portugal e Algarves, a dom Paio,  
 Mestre de Sanctiago, cavalleiro  
 Muito nobre e esforcado, vem dom Nuno;  
 Sua embaixada traz. ,,

Com ricas armas

Armado vinha o portuguez: em cima  
 Da malha sobreveste d'ouro e seda  
 Orlada com franjoens de fina prata,  
 Passamanes do mesmo, e sobre o peito  
 Bordada a cruz azul, insignia antiga  
 Do reino, e embaixador que o representa,  
 Segundo usança he.

## D. NUNO.

“ Senhor dom Paio,  
 Elrei, e meu senhor, que a vós me manda,  
 Vos envia saudar, como a quem preza  
 E muito estima vossas nobres partes,  
 E a respeitavel ordem de Sanctiago,  
 Cojo sois digno mestre. Sabei como  
 Prouve ao muito alto rei de Leão, Castella,  
 De Toledo, de Cordova e Sevilha,  
 Murcia e Jaen, a meu senhor e amo,  
 Elrei de Portugal, n'este seo reino  
 Investi-lo do Algarve; e vos ordena  
 Que lhe entregueis castello e fortalezas  
 E logares e villas que heis tomado;

E preito lhe façais e homenagem ,  
 Como a senhor e rei. E mais vos trago  
 Que em marcha com sua gente a estes sitios  
 Vem elrei meu senhor , com tenção firme  
 De ajudar-vos na sancta empresa vossa  
 De libertar suas terras do pesado  
 Jogo de mouros ; no que muito conta  
 Comvosco , e vossos nobres cavalleiros ;  
 A quem honra e mercês fara condignas ;

## IV.

D. PAIO.

“ Sejais bem vindo vós , e a vossa alegre  
 Mensagem que trazeis , senhor dom Nuno.  
 Portuguez sou , e portuguez me prezo  
 De ser do coração ; e muito folgo  
 De entregar nossas praças e castellos  
 A rei tal e senhor. Em hora boa  
 Venha elle a tomar nossa homenagem ,  
 E a conquistar o mais que no seo reino  
 Inda infieis lh’o tem. Com mãos á obra  
 Nos achais , cavalleiro : d’esta Sylves ,  
 Onde o mourisco rei temos cercado ,  
 O resto da conquista está pendente ;  
 E... — Mas vejo-vos rir ! — Não sei... ,  
 De feito  
 Surrria Nuno , e em gestos se expressava  
 De quem do mestre aos dictos fe não derá.

D. NUNO.

“ Não tomeis , senhor meu , para mã parte  
 Este sorrir. De Aben-Afan dizeis

Que o tendes hi cercado; e sei eu certo  
 Que algures elle está, que não em Sylves ;,

## V.

D. PAIO.

“ Sabeis? ,,

D. NUNO.

“ Sim sei. ,,

— Entaõ reconta ao mestre

Como da infante em companhia a Holgas  
 Indo, o rei mouro subito os tomára,  
 E elle so, per estranho caso, a vida  
 Salvára, e liberdade; — que escondido  
 Na cêrca do convento, deparando  
 Com hum mouro, o matára, e em seus vestidos  
 A' pressa disfargado, Aben seguíra  
 Té a huns formosos paços, onde a infante  
 So com Aben-Afan entrar poderam.  
 E que subito os paços se sumiram.  
 Que certo havia alli incantamento  
 Ficou elle; porê m lugar e sítio  
 Bem o conhece, e taes signaes tem pôsto;  
 Que hade com elle dar. D'ahi partiu-se,  
 E a elrei se fôra a lhe contar do roubo  
 E desacato da real infante.  
 Que de vingar sua honra, e a de sua filha  
 Jurára Afonso; e a Beatriz, sua esposa  
 Ao pae mandára a lhe pedir do Algarve  
 Terras e senhorio, resoluto  
 A acabar d'esta feita co'a vil raga  
 De Mahomet. A tudo o castelhano

Assentiu : e elrei caminho á pressa  
 Vem do Algarve, e a nobre invicta espada  
 Juron não embañar sem que no sangue.  
 Do derradeiro mouro a injúria lave.

## VI.

“ Mas se incantada a infante ( diz dom Paio )  
 C'o mouro está , que vale guerra e sangue  
 Para a cobrar ? ,, — “ A tudo se ha provido :  
 ( Nuno volven ) com elrei vem quem sabe ,  
 E tudo póde em cousas taes d'incantos.  
 Certo , que nomear tereis ouvido  
 Frei Gil de Santarem . . . . ,,

— “ Frei Gil ! — valha-nos

Sanctiago ! ( á huma os cavalleiros dizem )  
 Traz comsigo esse frade dom Afonso ? ,,

D. NUNO.

“ Sim traz ; mas não sabeis quanto mudado  
 Está frei Gil. Do diabo , a quem vendêra  
 A alma polo poder da bruxaria ,  
 O escripto cobrou que lhe fizera  
 De obrigaçãõ , lavrado com seo sangue.  
 E agora o diabo , a quem servíra escravo ;  
 Como a senhor o serve ; e he maravilha  
 Ouvir casos e cousas que se haõ feito  
 Per sua intervengaõ. Pega mais fina  
 Nunca sanato a pregou a fino diabo ,  
 Do que o padre frei Gil ; fa-lo ir ao côro  
 Resar c'os frades , ouvir missa inteira ,  
 E confessar-se até . ,,

— “ Mas quem ye isso ? ,,

— “ Ninguém senhor frei Gil : boa era esta !  
Se o víra alguém , forte milagre fôra \* ,”

## VII.

Riram os cavalleiros do bom lôgro  
Que pregára ao demonio o sancto frade,  
E o mestre , encarregando da ordenança  
Do cêrco , e mais govêrno que cumpria ,  
Ao commendador mor , se foi com parte  
Do conselho da ordem ao caminho  
De Selir , a esperar elrei Afonso ,  
Que para ahí direito em marcha vinha ,

## VIII.

Mas longo o cêrco a parecer começa  
Aos sitiantes ; rapida a victoria  
Télli os precedeu : enfim o auxílio  
Do monarcha pora termo ás delongas ;  
E acabará c'o imperio mussulmano  
Nos libertos Algarves. — Se podessem  
Todavia vencer sem esse auxílio !  
Veda-lh'o a ausencia do esfoçado mestre  
Sem elle aventurar-se a dar assalto  
Naõ ousarãõ , nem devem. Surdas minas  
Lavrando vaõ caladamente emtanto  
Com direcçaõ do alcacar , que o mais forte  
Lango he da praça toda , e decisivo,  
Segue de perto aos que trabalham , prompto

\* Veja nota a este verso , no fim.



A escolha dos mais bravos e atrevidos  
 Na subterranea estrada, que ja longa  
 Crescea: prestes entao de peito e d'armas  
 A qualquer caso; ou contramina os cruze,  
 Ou, repentino, a bem guardada estancia  
 De inimigos os leve seo trabalho.

## IX.

O ardido Nuno entre os primeiros sempre  
 He na gloria e perigo. Voluntario  
 Se off'rece a ir na subterranea empresa.  
 Trabalhavam hum dia, eis — “ Vozes sinto ,”  
 Disse parando n'obra hum dos soldados.  
 — “ Escutemos: silencio! , — Nuno accode:  
 E alerta ouvidos, e calado he tudo.  
 Vozes se ouviam, mal distinctos echos,  
 Sons abafados, como huns ais perdidos  
 De infeliz a quem vivo sepultassem  
 Nas entranhas da terra, e que em lamentos  
 — Vãos! — conjurasse o horror de seo destino.

## X.

“ Manso continuee vosso trabalho;  
 ( Diz Nuno ) descubramos d'onde nascem  
 Estes estranhos sons. , — Vaõ pouco e pouco  
 Leve e leve, minando a dura terra.  
 Ja clara a voz se ouvia: feminino  
 Era o accento gemedor e afflicto,  
 E como supplicante: crebros golpes  
 Se ouviam c'os lamentos misturados,



E hum rouco murmurar de voz austera :  
 — Supplicio, algoz, e victima parecem.  
 Tam proximos estaõ, que se distinguem  
 As fallas ja.

— “ Piedade ! — diz voz trémula —  
 Piedade ! eu desfalleço, eu morro... ”

— “ Amigõs  
 (Bradou Nuno) á huma os ferros, eia !  
 Salvemos essa victima innocente  
 Da mahometana barbara maldade.  
 Rompei d’hum golpe so o estreito espaço. ”

## XI.

Mal dissera ; aos alviões nas mãos robustas  
 Cede a terra, e cahindo patenteia  
 A’ vista dos atonitos guerreiros  
 O lobrego recinto de medonho  
 Subterraneo, horrivel calabouço.  
 Huma lampada funebre, que ardia  
 Suspensa em meio, triste luz reflecte ;  
 Clara porêm na profundez do antro.  
 Em pé spadaúdo mouro como estatua ;  
 De medo e pasmo está ; seus olhos fixos,  
 Seo gesto em contracções de horrído espasmo ;  
 O pavor, a crueza, o susto, o crime  
 Alternados debucha. Tem na dextra  
 O instrumento de barbaro supplicio,  
 Azorrague sanguento. Juucto d’elle  
 No chaõ prostrada huma mulher : — vergonha  
 Me abafa os sons nas cordas que estremecem ;  
 A indecorosa posição... pintá-la

Meus versos ousarão? — Em terra os joelhos  
 Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas  
 Cobre-a, de pejo, — o seio encobrem vestes;  
 Mas o restante — oh! não as tem mais bellas,  
 Nem mais patentes Callipygia Venus,  
 As fórmãs divinaes que nome e fama  
 Dão ao cinzel e marmore divino.  
 Matizam crus signaes o alvo dos lírios,  
 Como sóe no vergel tulipa roxa  
 Entre as cecems brotar. — Mais se divisa  
 Outra flor... Veo de Apelles no meu quadro.

## XII.

Veo de pudor cubriu os olhos castos  
 Dos guerreiros christãos. Seo manto arroja  
 Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando  
 Da barba hirsuta do algoz: — “ Malvado,  
 ( Lhe brada ) mas que vejo! tu! — he sonho,  
 Ou és tu mesmo? Como n'estes habitos  
 Co'esse turbante, infame renegado?  
 Eterno Deus! — Vil monstro de maldade,  
 Falla: quem he esta innocente victima  
 De teu furor cruel? porque a ferías  
 Tam despiedado? Falla, ou n'este instante  
 A merecida morte...;”

Hum suor frio

Cubria o mouro; os dentes lhe batiam,  
 E os membros contrahidos lhe estremecem.  
 Qual ceifeiro robusto, a quem na messe  
 Tomou quartan violenta, co'a mão trémula  
 Aperta a foice, e em vão chamar os socios,

Bradar procura em vaõ; no aberto sulco  
Sobre os feixes d'espigas que ha colhido,  
Cai opprimido d'ância e quebramento.

## XIII.

D. NUNO.

“ Miseravel! — Soldados segurae-o;  
Mas respeitae o sangue d'esse monstro  
Ao cutello votado da justiça.  
E vós, senhora, cobrae força, e ânimo,  
Que não estais com barbaros: respeito  
E piedade achareis. Auxílio e amparo  
Por cavalleiros, e christãos devemos  
A's damas; nem nos veda a differença  
Do culto e religião.....,

C'hum gesto a dama,  
Em que, a pezar do pejo e abatimento,  
Sobresai dignidade e formosura  
De nobreza e virtude, alevantando-se  
Gravemente, o interrompe co'estas vozes:  
“ Meu culto e religião, senhor, he o vosso;  
Christan sou, por christan hei padecido,  
E de meu padecer huma só queixa  
Tenho elevado ao ceo — que lento e brando  
Não me haja dado a suspirada morte. „

D. NUNO.

“ Nobre dama, comosco ao regio Afonso  
Vinde; e recebereis honra e justiça,  
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro  
De tam bella senhora; mas porcerto  
D'alta progenie o tenho. „

DAMA.

“ Em mal! bem alta.,”

D. NUNO.

“ E portuguez....,”

DAMA.

“ Senhor mouro he meu sangue;

Todos os meus o são, christan eu unica.

Não me pergunteis mais; eu vo-lo rógó

Por vossa cruz: levae-me presto ao campo,

Onde os soccorros que ha mister minha alma,

Encontrar possa.,”

Prompto, Nuno ordena

A's guardas e vigias o que devem

Em sua ausencia fazer, e co'a formosa

Dama e c'o velho mouro ao campo volve.

## XIV.

Soavam atabales e trombetas,

Que tangeo menestreis: todo hum triumpho

O arraial parecia. — “ Ei-lo que chega,

Ei-lo! Real, Real por dom Afonso

Do Algarve e Portugal!., mil vozes clamam.

E do mestre e dos seus acompanhado

O magnanimo Afonso n'hum formoso

E suberbo andaluz montado vinha

O campo entrando. Os vivas de alegria,

As saudaçoens do povo e dos soldados

Benigno acolhe: mas profunda mágoa

No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios

Doce affabilidade, que os monarchas

Portuguezes outr'era distinguia:

Mas a frente pesada de cuidados  
 Em vão se aliza, as rugas da tristeza  
 Sob o diadema d'ouro se lh'encrespam.

## XV.

Chegado á tenda elrei, breve repouso  
 Toma a rôgo dos seus; mas logo ordena  
 Que lhe chamem frei Gil; e a sós com elle:

REI.

“ Que heis descuberto, padre, que esperanças,  
 Que novas me trazeis? „

FR. GIL.

“ Tem confiança  
 Em meu podêr, ó rei dos Portuguezes;  
 Tua filha veras, ve-la-has; mui cedo  
 He para se cumprir a grande obra,  
 Em que empenhado tenho as minhas artes,  
 Minha sciencia toda. „

REI.

“ Muito ha, padre,  
 M'ô prometeis assim, e... — Desculpae-me;  
 Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,  
 Como eu a minha Branca; nem mais digna  
 De amor e de ternura houve outra filha.  
 A meu pezar, confesso, que aos altares  
 A cedi — e inda mal! Triste presagio  
 Me agoutava seo fado. „

FR. GIL.

“ Rei, és homem:  
 E como homem és fraco e miseravel.  
 Peza-te o que? Da filha que has votado

A hum Deus que reino a reino te accrescenta? „

REI.

“ Oh! mas a minha filha, a minha Branca? „

FR. GIL.

“ Tua filha verás: sou eu, Afonso,  
Que t’o asseguro. Do immundo espirito,  
Que hei forçado a servir-me e obedecer me,  
A resposta alcancei: não está longe  
A abbadega d’Holgas d’estes sitios. „

REI

“ Aonde, aonde está? Com esta espada  
Per minha propria mão....

FR. GIL.

“ Tua mão, tua espada,  
A tua croa, o teu sceptro que empenhâras,  
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,  
Reis da terra, que fôra o vosso throno,  
Sem o amparo do altar? — Ouve: liberta  
Será Branca per mim; nem longe he o dia.  
Quando o ramo de peste em talha de ouro  
For escondido, quando bento orvalho  
Estender seo influxo a terras d’impios,  
Quando em noute mais clara do que o dia  
Esaurecer o ceo sombra de mortos,  
E o gallo preto annunciar a hora  
Fatal a incantamentos e á possanga  
Dos espiritos do ar — liberta he Branca.  
N’isto confia, ó rei: mas grande e forte  
He o podêr que a guarda. Grande imperio  
He o do genio que a retem captiva.  
De confiar-t’o duvidei té-gora;  
Porêm forga he que o saibas: protegido



Da rainha das fadas he o joven  
 Roubador de tua filha. Nem violenta  
 Em seus torpes abraços está ella :  
 Fatal incanto a cega , poderoso  
 Feitigo a enamorou . . . ,

REI.

“ Oh Deus! que horrores ;  
 Meu sangue , a minha filha ? Que vergonha  
 Me annuncias ! — Oh ! venha a desgraçada :  
 Seu juiz , seo algoz serei eu mesmo , ,

FR. GIL.

“ Não o permitta o ceo ; altos decretos  
 São do destino eterno : adorar debes ,  
 E conformar tua vontade humilde  
 Com a vontade summa. Penitencia  
 De seo êrro fará ; e hade applacar-lhe  
 A penitencia sua as íras justas  
 Do esposo e do ceo. — Mas a salvá-la ;  
 A quebrar seo incanto he necessario  
 Huma difficil cousa. , ,

REI.

“ O que ? , ,

FR. GIL.

“ Tres gottas  
 Sem ferro havidas , e do sangue proprio  
 Do roubador. , ,

REI.

“ De Aben-Afan ? Burlais-me ;  
 Padre , zombais de mim ? Não me haveis dicto  
 Que com ella no mesmo incantamento  
 Esse perfido mouro está ? , ,

FR. GIL.

“ Sim disse. „

REI.

“ E Entaõ ? „

FR. GIL.

“ Perto de nós está seo sangue. „

## XVI.

Mal estas vozes pronunciára o frade ,  
 A' entrada da tenda hum cavalleiro  
 D'huma formosa dama açompanhado  
 Assim falla : — “ Perdoae minha ousadia ;  
 Rei e senhor : justiça ante vós venho ,  
 E piedade implorar. Horrendo crime ,  
 Barbara affronta a Deus e á humanidade ,  
 A' formosura hum monstro ha perpetrado.  
 A queixosa , senhor , he a bella dama ,  
 Que aqui vedes ; — o reo... Interrogae-a ,  
 E d'ella o sabereis. „

REI.

“ Formosa dama ,  
 Justiça vos farei ; tende bom ânimo.  
 E se de vossa affronta he tal o caso ,  
 Que so a desaggrave espada ou lança  
 Em campo raso ; cavalleiros tenho ,  
 Que por tam bella dama se apresentem  
 A defendê-la em cêrco ou estacada  
 Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos  
 A' usança mourisca me parecem ;  
 E vós , senhora , sois?... „

DAMA.

“ Moura hei nascido ,

E christan sou. Mas de meu triste caso

Vos dirá esse honrado cavalleiro.

Desculpae-me , senhor ; longos discursos

Meu padecer e mágoas não toleram. ,,

## XVII.

Nuno entãõ conta o que no campo soube

Dos cavalleiros que ao fatal combate

De Antas em tardo auxílio haviam ido ,

E esta dama em podêr da maura turba

Quando fugia , a viram : e sabido

Tinha dos prisioneiros como a causa

Do combate ella fôra ; como filha

Era de regio sangue ; e a fé de Christo

Convertida , ao Almargem a levava

A hum santo ermitaõ , e em guarda a dera

O mercador Rodrigues. Depois conta

D'Antas a crua historia , e como havendo

Succumbido os christãos na fatal lucta ,

Os infieis a Sylves a levaram ,

E n'hum medonho subterraneo carcere ,

Per comêgo de trattos , a arrojaram.

— “ Como foi minha dita liberta-la ,

Vós o sabeis , senhor ; ( Nuno acrescenta )

Mas os tormentos crus , mas a impiedosa

Injúria atroce que hum perverso monstro

Lhe ha feito — oh ! não me atrevo a proferi-la.

Concedei-me , senhor , que ante vós traga

O reo , e pasmareis de conhecê-lo. ,,

REI.

“ Ide. ,,

D. DUNO.

“ Perto elle está. Trazei, soldados,  
A' presenca d'elrei esse malvado. ,,

## XVIII.

Os soldados e'o velho mouro entravam;  
E o rei com attençaõ fixo o contempla.

REI.

“ Approximae-o—Oh pasmo! Hum mouro he esse?  
Hum mouro, dizeis vós! — He frei Soeiro. ,,

A DÁMA.

“ Hum christão—justo Deus!—e hum religioso! ,,

REI.

“ Frei Soeiro! o confessor de minha filha?  
Miseravel! defende-te se podes;  
Treme infiel das penas que te aguardam.  
Per que enormes peccados has chegado  
A esse estado de infamia e de miseria?  
Renegar do teu Deus, teus sanctos votos!  
Como, infeliz, como chegaste a tanto?

## XIX.

Atonitos emtôrno estavam todos,  
E com horror ao renegado frade  
Observa cadaqual, attento ouvi-lo  
Para escutá-lo dando. Mas calado,  
Mudo, quedo, e'os olhos esgaziados,  
Como se não ouvira, immovel fica.

REI.

“ Pensas com teu silencio has de illudir-me?  
 Cuidas salvar-te assim? Como te enganas!  
 Falla, eu t’o ordeno, falla, senão...,,

Mudo,

Estatico, impassivel como d’antes.

REI.

“ Soldados, co’as espadas nas baínhas  
 Por que as não manche o vil, as duras costas  
 Lhe macerae com rija mão. — Veremos  
 Se lhe passa a mudcz. ,,

Executada

Foi a sentença — em vaõ: nem signal leve  
 Da menor dor amostra. Pasma Afonso,  
 Espantam-se os que vêm. Entãõ d’hum lado  
 Donde atélli calado ésta observára  
 Scena de maravilha, se approxima  
 Frei Gil, e com hum brado tremebundo,  
 Erguendo a esquerda mão: ‘ Falla eu t’o ordeno,,  
 O criminoso treme, e revolvendo  
 Com furia os olhos, n’hum arranco horrivel:  
 — ,, O que queres de mim (lhe disse) mestre?,,

FR. GIL.

“ Es tu frei Soeiro? ,,

Mouro.

“ Não. ,,

REI.

“ Naõ es frei Soeiro  
 Quem és tu pois? ,,

FR. GIL.

“ Responde. ,,

MOURO.

“ Sou o diabo. ,,

REI.

“ Zombas de mim , traidor? ,,

FR. GIL.

“ Não zomba , Afonso :

Ouve. Escutae-me , todos , em silencio ,  
E não me interrompais. ,,

Tira da manga ,

Curta varinha dobradiça e negra ,  
Que tres vezes no ar com pausa agita.  
No chaõ depois hum círculo descreve ,  
Emtórno ignotos characteres fórma ,  
Palavras cabalísticas murmura ,  
E em silencio , os braços descahidos ,  
Eriçada na frente a rara grenha ,  
Com os olhos fechados , como espectro  
Que se ergue sobre a campa em hora aziaga ,  
Estatico , terribil permanece.

## XX.

Subito exclama com accento horrido :  
— “ Espirito infernal , anjo das trevas ,  
Que ao meu podêr , rebelde , hei sugeitado !  
Pelas sublimes artes , e execrandas  
Palavras não sabidas d’homem vivo ,  
Nem pronunciadas per humanos labios  
Diante da luz do sol — eu te esconjuro ,  
Immunda creatura , que declares  
O que pertendes d’esse immundo corpo  
De frei Soeiro ? como , e por que causa



A renegar da fe e de Dens sancto,  
 Teu e seo creador, o compelliste?  
 E paraquê per suas mãos impuras,  
 Déste á bella Oriana crus tormentos?  
 Falla, e verdade, em que te pez, nem mintas;  
 Ou as fataes palavras do castigo  
 Sobre ti, vil creatura, pronuncio.,,

## XXI.

## DIABO.

“ Essa Oriana he filha do peccado,  
 E de nascença minha escrava, e d'elle.  
 Robou-ma hum tal tratante de Garcia,  
 Mercador que ahi jaz em Antas morto.  
 (E foi-se a tempo, que por nada o pilho  
 N'huma onzena em que quasi, quasi o empalmo.)  
 Custava-me a perder essa donzella:  
 E ao velho ermitão que a tinha em casa  
 Tentei, tentei de balde hum anno inteiro —  
 Debalde, que o mofino velho e tropego  
 Não tinha que tentar. — Quando vi junctos  
 Em Antas seis tam jovens cavalleiros,  
 Assentei de caixar-me no mais moço  
 E mais gentil dos seis. Perto dormia  
 Essa Oriana: — cuidei que a tinha feita:  
 Mas, por mau fado, os cavalleiros todos  
 Não se esqueceram de trazer ao peito  
 Aquella cousa que adorais vós outros,  
 E que nós...,,

FR. GIL.

“ Vai per diante, e não blaphemes.”

## DIABO.

“ Fiquei *desapontado* , — como dizem  
 Os Inglezes ; — não ha na vossa lingua  
 Com que o dizer — e venha ou não do diabo,  
 Tomem-na, que hão mister d’essa palavra. —  
 N’hum falcão me enganchei, voei de sorte,  
 Que o joven me seguio té juncto d’ella.  
 Dormia, e em tam formosa, tam lasciva  
 Postura estava, que eu á fe vos juro  
 De diabo que sou — arrependi-me  
 De pôr tam fino mel em boca d’asno.  
 E, não fôra eu falcão n’esse momento,  
 Meu incubo podêr...,,

— Corou a bella

Oriana ; e indignado o interrompe  
 Frei Gil : — “ Spirito immundo, não abuses  
 Da liberdade que te dei. Prosegue. ,,

## XXII.

## DIABO.

Quem tal diria? o parvo do mancebo  
 Babado a olhar para ella huma hora inteira...  
 E porfim...e porfim — toma-a nos bragos ;  
 E desanda a fugir como hum damnado,,  
 Para a levar a terra de baptismo ,  
 E fugir — dizia elle la comsigo —  
 Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho :  
 E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos  
 Os seis e o mercador ir direitinhos  
 Para o ceo com palmítos e capellas ;  
 E eu raivando me fui direito a Silves,  
 Onde a môga levaram. Vi ahi Soeiro,

Com quem antigas contas tenho ha muito, ,  
 Escravo fôra dum villão mourisco?  
 Que nem toucinho, seo manjar querido,  
 Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,  
 Lhe dava. Renegou per fome o frade;  
 Não fui eu que o obriguei: ja negra e moura  
 A alma tiuha, quando eu lhe entrei no corpo.  
 Renegou; mas ninguem fez caso d'elle;  
 Mouro, ou Christão, ficou sempre *bernardo*.  
 Metti-me n'elle, e fiz taes diabruras,  
 Taes trattos dei a outros christãos escravos,  
 Que alguns fiz renegar, dei cabo d'outros:  
 E por zêlo da lei tomando-o os mouros,  
 Lhe encarregaram da princeza a guarda,  
 O mais que fiz foi tudo bagatella;  
 Nada alcancei: ella ahi'stá com vosco;  
 E eu vou-me embora d'este sujo frade,  
 Que nunca entrei em mais immundo corpo;  
 Nem temos la no inferno lagartixa  
 De mais nojo e fedor que este maldicto.,,

## XXIII.

FR. GIL.

“ Ainda não; espera: onde escondeste  
 A infante dona Branca? ,,

DIABO.

“ He outro caso  
 Esse de dona Branca, não sei d'ella  
 Anda ahi mor podêr que o meu.,,

FR. GIL.

“ Alida ;

A rainha das fadas? ,,

DIABO.

“ Sim. ,,

ER. GIL.

“ E quando

Se lhe acaba o incanto? ,,

DIABO.

“ A' meianoute,

Em dia de san'João. ,,

FR. GIL.

“ Com sangue? ,,

DIABO.

“ Sangue.

Solta-me , ou nada mais tórno a dizer-te,

Maldicto frade ! affoga-me de gordo. ,,

FR. GIL.

“ Vai-te , inimigo , sume-te ,,

Hum estoiro

Medonho retumbou per todo o campo ;

E em negro boqueirão se abriu a terra.

Estremeceram todos , e aterrados

Se benzem. — Enxoprado fumo e cheiro

Exala o boqueirão. — Com agua benta

Purificam o ar ; e a terra fecha-se.

## XXIV.

Frei Soeiro despossesso — como hum parvo

Olhava para tudo , e bocejando ,

Se he hora de jantar pergunta a Nuno.



---

# DONA BRANCA.

---

## CANTO SEPTIMO.

### I.

CARO es, prazer, quando remorsos custas!  
Quanto mel de seo favo amor espreme  
Na taça das delicias, — se o tocaram  
Labios impuros, negro fel se torna,  
Que embriaguez de morte, e não suave  
Devanção de languido repouso  
N'alma agitada convulcivo excita.  
— Gôso da vida, amor, tam breve passas!  
Males que deixas são tam duradouros!

### II.

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos  
De ternura e deleite, o adeus extremo  
Deu suspirando á virgindade; e morta  
De prazer e de amor — cahiu nos braços  
Do roubador gentil. As horas correm,  
Os dias fogem, — voa o tempo a amantes:  
E n'hum seio de glória adormecidos  
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem,



## III.

Eram fins d'esse mez festivo e bello ,  
Consagrado o João , sancto o mais suapo ,  
Mais garrida e brincão do kalendario ;  
Sancto do proprio mouro festejado ,  
Cujos orvalhos bentos daõ saúde ,  
Ao corpo e alma , cuja noite amiga  
D'amor e dos prazeres , tanto encobre  
Gôsto furtivo bejo , namorado ,  
E o mais que vai per arraiaes , per feiras ,  
Pelas fermosas margens de teus rios ,  
Muito devota Elysia , quando as môças ,  
Quando jovens tafues , pimpões da aldeia  
Na abençoada noite vaõ devotos  
Ao milagroso banho ! Sancto amavel ,  
Advogado das limpidas correntes ,  
Amigo protector das frescas fontes ,  
Para quem tece de géntis boninas  
Recendente grinalda a maõ mimosa  
Da dõnzella innocente ! Oh ! lindo sancto ;  
Qual ha hi renegado iconoclasta ,  
Metaphysico , abstruso protestante ,  
Que ao ver-te assim gentil c'o surraõsinho  
Pastoril d'alvas pelles e affagando  
O corderinho que a teus pés nem bala ;  
Que será que tal vista não converta ?

## IV.

E entã as agoureiras alcachofras ,



Oraçoes d'amor, e as crepitantes  
 Fogueiras! — e a torneada, fina perna,  
 Que se mostra ao saltar — como a descuido..  
 “ Ai, *maman*, que me viram quasi!... Nada;  
 Não solto mais.—Hum so, hum so.,,—E o medo  
 De crestar a orla crespa e bem frejada  
 Do tafalo vestido, o ergue mais alto;  
 E viu-se quasi — quasi tudo agora.  
 Bemdicto san'João, tudo desculpas,  
 Tam bom que es — e sanctificas tudo!

## V.

Era pois a estaçaõ formosa do anno,  
 Em que todo o seo fasto em luxo e galas  
 Per nossos meigos climas pavoneia,  
 De rica esperdigada, a natureza.  
 O sol, que tam benefico despende  
 Para tanto aderêce os raios de ouro,  
 Em seo zenith ás vezes dobra o fogo;  
 E a calma intensa aos ledos habitantes  
 De seo paiz dilecto a miudo offende.  
 Mas então vós, ó sombras deleitosas  
 Do annoso freixo, do alamo copado,  
 Que ao pé da porta respeitado cresce,  
 E a gerações que he venerando abrigo  
 De paes e filhos no queimoso estio;  
 Mas a floresta espessa, que dá conto  
 No ardor da seita ao ceifador cançado,  
 Ao caçador sequioso; e a gruta fresca  
 Aopé do rio que salgueiros bordam,  
 E os regalados pomos saborosos,

Corados — como a face da donzella  
 Quando ao primeiro amor diz — *não* modestia  
 C'os labios — porque o *sim* la ficou n'alma :  
*Ficou*, — se o não revelam olhos languidos,  
 Que o tem ( só para cegos ) escondido.

## VI.

Oh! cresos de Britania! oh! que vos vale,  
 Ricassos lords, tanto formoso parque,  
 Tanta grutta ( de *libras* sumidouro ),  
 Tam lindas relvas, tam gentis ribeiros!  
 Onde a calma que dê valor á sombra?  
 Que he do sol que dê prego a tanto esmêro  
 D'arte que em vão luctou co'a natureza?  
 Em vão: — humida nevoa, fumo negro  
 Pesam n'esse ar; e as urnas incessantes  
 Os pluviosos gemeos não descansam,  
 Quasi fixos no immobile zodiaco,  
 De as emborcar na terra apaúlada.  
 — Oh, doce clima! oh! sol da minha terra!  
 Quando te verei eu! quando á tua branda  
 Resteame aquentarei, e ao suspirado  
 Lumiar da minha porta as vestes humidas  
 D'estes gelos do exilio heide seccá-las!

## VII.

Abençoado protector d'amantes,  
 Glorioso san'Joaõ que tudo alegras,  
 Que até descritos mouros te festejam  
 E canibaes pedreiros te veneram,

Teu sancto dia, tua benta noite  
 Suspirada d'amor, bem vinda a todos,  
 Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?  
 Teu serêno saudavel, quem o evita  
 Quem teme a vinda de tam fausto dia?  
 — Dous amantes. — João sancto, advogado  
 Naõ és tu d'elles? teu amparo amigo  
 Negaste-lho? porque? — Fadas o vedam;  
 E no tempo em que fadas e feitiços  
 (Antes que a inquisição queimasse as bruxas)  
 Imperavam na terra, sancto ou sancta,  
 O mais pintado e milagroso — embalde  
 Se opporia ao poder d'hum bom feitiço.

## VIII.

A embriaguez d'amor e dos prazeres  
 Ai! perpétua não he: o bello mouro  
 Da formosa abbadega aos lindos braços  
 Ja tam sedento de prazer não corre.  
 Sacidadade fatal! — Em vão te esforças,  
 Delicado amador, por encubri-la.  
 Que amante ha hi, que os resfriados osculos,  
 Que o affroixar do appêto nos abraços;  
 O entibiar das caricias não descubra  
 N'aquelle, a cujo amor a vida, a honra,  
 Tudo sacrificou, — toda se ha dado?  
 Branca o percebe; -- misera, a seus olhos  
 Crédito não quer dar: suspiros nascem  
 Do triste peito, que no peito affoga;  
 Lagrymas vem aos olhos, e olhos bebem  
 Lagrimas, — que as não veja a causa d'ellas.

## IX.

Oh sero generoso! e ha tal ingrato,  
 Que traia tanto amor? — Traidor não era  
 Aben-Afan: mas vós que haveis amado,  
 Dizei o vós; quando a explosão primeira  
 Do fozço se exhalou, que amor o accende?  
 Culpa he do amante se em quieto fogo,  
 Mas tranquilla a paixão no peito lhe arde?

## X.

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória  
 Esquecida télli lhe dá lampejos  
 Na phantasia: acodem, pouco e pouco,  
 A' memoria que surge do lethargo  
 Em que o deleite ajouve, — ora do sceptro  
 O brilho, o resplendor do diadema, —  
 Ora a patria em perigo, ora a victoria  
 Cingindo-lhe na frente outro diadema  
 Mais refulgente c'os ganhados louros.  
*Louros!* — “Ramo fatal do meo destino,”  
 Exclama o joven rei — “emmurcheceste,  
 Succaste para sempre! Não ha glória  
 Mais para mim! a inutil existencia  
 Arrastarei aqui n'estes dourados  
 Salões em ocio vil e afeminado!  
 Ramo fatal! se á custa do meu sangue  
 Reverdecer podesses! — Desgraçado,  
 Que proferi! — E amor, e Branca? — oh sorte

## XI.

Mal os extremos sons dos lábios rompem,  
 O sol se obscureceu; medonha noite  
 Cai sobre o ceo, com hum funereo manto  
 Sobre a cinerea urna: estala hum raio,  
 Com vívido lampejo fende as nuvens,  
 E horrisono trovão nos ares brama.  
 “Voto fatal!,, — estremeecendo disse  
 O mancebo: seus ramos incantados  
 Observa: sêcco myrtho, verde o louro...  
 Oh vista! — esmoreceu. Sem voz, sem animo,  
 Entre a morte e a existencia suspendido  
 Desfallece, cahiu. — Sophá ditoso,  
 Que outros desmaios ha tam pouco viste,  
 Thalamo de prazer, de dor és hoje.

## XII.

Branca era longe; triste e solitaria  
 Pelos vergeis sosinha passeiava,  
 E pelo mais umbroso da espessura  
 Suas mágoas entre as flores escondia.  
 Do escurecer do sol, do trovão subito  
 Aterrada a fugir aos pagos vinha,  
 Vinha esconder as delicadas faces,  
 Que o susto descorou, no seio amado.  
 O coração batia-lhe no peito;  
 O respirar violento e apressado  
 A suffocava. Huma lembrança acode:  
 — “Noite de san’João he esta noite!,,



Noite de san'João! — E a prophécia  
 Da fada lhe souo no íntimo d'alma,  
 Como o funebre som descompassado  
 De sino, ao longe, que por mortos dobra.

## XIII.

Noite de san'João! — Já, mais de meie  
 Seo gyro o sol correu. Prazo terrivel,  
 Quam perto estás! Affroixa o passo, teme  
 De o ver, de lhe fallar, de recordar-lhe  
 Os p'rigos d'essa noite que avizinha.  
 Mas que perigos são? Não disse a fada  
 Que enquanto o ramo florecer da murta,  
 Seguro he seo amor, sua ventura?  
 Animo cobra, novo alento, e voa  
 Nas azas da esperanza ao doce amado.

## XIV.

Triste! mal sabes que fatal desejo  
 No coração entrou d'esse que adoras!  
 Mal sabes, infeliz, que agouros negros  
 Esse ramo de esp'rança te hão marchado.  
 — Suas penas e os sentidos cobrára  
 O mancebo real, chegar a sente,  
 E á pressa os ramos escondeu no peito;  
 O semblante compõe, serena os olhos,  
 E da illudida virgem ao encontro  
 Vem com tranquillo, socego gesto.



## XV.

Estreitou-os amor em doce abraço:  
Doce direi? — As lagrymas soffria  
A linda infante; — elle os tormentos todos  
Do inferno padecia.

BRANCA.

“ Oh doce amado,  
Esta noite !,,

ABEN-AFAN.

“ Esta noite !...,,

BRANCA.

“ Tu receias ?

O que ? oh, não ! m'ò encubras ; falla.  
Communiquemos nossas mútuas penas,  
Nossos temores. ,,

ABEN-AFAN.

“ Pois tu temes, Branca :,,

BRANCA.

“ Ai ! d'esta fatal noite não recordas  
O que nos disse a fada ?,,

ABEN-AFAN.

“ Mas promessas

Tam seguras nos fez !,,

BRANCA.

“ Se os teus desejos

O sècco ramo....,,

ABEN-AFAN.

“ Branca !... — oh ! não profiras

A sentença fatal. ,,

BRANCA.

“ De que ? ,,

ABEN-APAM.

“ Perguntas ?

Queres sabê-lo ? — Misera... não queiras. ,,

BRANCA.

“ Ramos fataes ! — Não ouse perguntar-te  
Se... — Mas tu, doce amor, não desejava ?... ,,

ABEN-APAM.

“ Eu ? desejei — desejo só a morte. ,,  
 No chão os olhos d'ambos se cravaram ;  
 E, de todos os males do universo ,  
 Incerteza, o mais eru, co'as azas fuscas  
 Liv'esvoaga dentro dos afflictos peitos.  
 Quanto o extremo prazer ou dor extrema  
 He maior que a expressão ! Silencio, a funebre  
 Eloquencia da mágoa — com teu sêllo  
 Os descorados labios lhe cerraste.  
 — Em tanto o dia se perdeu nas trevas ;  
 E a receada noite, dobra a dobra ,  
 Estende sobre a terra o veo de lucto.

## XVI.

Dizei-me, ó fadas que inspirais meu canto,  
 Espiritos das lobregas cavernas,  
 Que à meia noite volteais d'emtórno  
 Dos tumulos co'as azas membranosas,  
 Dizei-mo vós ; com que fataes palavras,  
 Per que terriveis ritos se prepara  
 No arraial portuguez o formidavel  
 Incanto em que empenhou suas artes todas

O sabio Gil, d'alta sciencia mestre,

### XVII.

São horas dez; e clara e doce a lua  
 Vai pelo azul do ceo, como de gôsto,  
 Desafiando as cantigas e fogueiras,  
 Com que tua noite festejar he d'uso,  
 Milagroso João, aos teus devotos.  
 Mas a rôgo de Gil, de ordem de Afonso,  
 Arautos prohibiram pelo campo  
 Folias e cantares, qualquer mostra  
 De regosijo, quando em tanto empenho  
 Da christandade contra infieis — so preces  
 E rogações deviam de fazer-se.  
 Isto o arauto pregou: e ao regio mando,  
 Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

### XVIII.

Manso, frei Gil na tenda real entrava,  
 E a Afonso diz: — “A hora se aproxima;  
 Vaõ consumir-se os horridos mysterios  
 Queirão de volver-te a filha, e entregar-te  
 Nas mãos seu roubador e teu imigo.  
 N'esta redoma ja sem ferro havidas  
 Tres gottas levo de seo proprio sangue.  
 Com bebida inçantada adormecida  
 Oriana foi per mim; do esquerdo braço  
 Com hum vitreo cutello infeitigado  
 Lh'as extrahi per magicas palavras.  
 Vella em que o assalto, no momento proprio

Em que a lua no ceo subitamente  
 Per esconjuros meus ha de esconder-se ,  
 N'esse instante se dê : naõ arreceis ,  
 Vai certo da victoria ; a mesma hora  
 Que vir Sylves em mãos de Portuguezes ,  
 Vera Branca liberta , e Aben punido . ,  
 Sahiu ; e Afonso , que a seus cabos todos  
 Ordens ja deu e dividiu batalhas ,  
 E prestes fez para o assalto as tropas ,  
 Armado e prompto o prazo dado aguarda.

## XIX.

Cêrca dos muros da torreada Sylves ,  
 E á fala d'ham outeiro , curto valle  
 Se estende : *Val de morte* lhe chamaram  
 Em tempo antigo ; ahi per essas eras  
 Os seus mortos os mouros sepultavam.  
 Porê m o aspecto placido e sereno ,  
 Qual convem aos que somno eterno dormem ,  
 Nem medonho , nem lugubre parece ;  
 Triste sim , melancholico ; mas doce  
 He a melancholia que hi respira.  
 No fim do valle broncas penedias ,  
 Como acaso das mãos da natureza  
 Esquecidas alli , homas sobre outras  
 Em massa irregular se encastellavam.  
 Fenda ha na terra , estreita , entre os penedos ,  
 Per onde huns degraus toscos , porê m d'arte  
 Feitos , á profundez descem da terra.  
 Longa caverna ahi jaz , dos reis do Algarve .  
 Antiga , respeitada sepultura.

## XX.

Negro manto cubrindo, e abordoado  
Em nodoso cajado atravessava  
Frei Gil o Val de morte; á boca chega  
Da sepulcral caverna, o manto poisa,  
Tira da manga mão de infante, morto  
Antes que em fontes baptismaes lavasse  
A mancha orginal, — ao dia septimo  
Desenterrado á lua, e entaõ cortada  
Essa mão, que he a esquerda: ignotas vozes  
Murmurou baixo o frade; e a resequida  
Mão se accendeu de si, luz haça e opaca,  
Propria a feitiços dando. Co'ella desce  
A' escura estancia. — Longo, mas estreito,  
O subterraneo vasto se estendia;  
A hum lado e outro pela rocha viva  
Os tumulos cavados se enfileiram.

## XXI.

Co'a infeitiçada luz dia sombrio  
N'essa estancia de morte se diffunde.  
Ao cabo do carneiro, sobre a lousa  
D'hum sepulcro pousando a tocha aziaga  
Estas palavras diz: "Morto que dormes!  
Lousa que o cobres! Cinza que repoisas!  
Ossos que vos myrrais! — Com esta gotta  
Dê sangue que desparzo, recobrae-vos,  
E à minha voz se de encerre a campa,,  
Da redoma que traz, hum golpe verte,  
E com ronco estridor os ossos rangem

Dentro da campa. — Já segunda entorna,  
 E a lousa se ergue. — A terceira esparze,  
 E de dentro da campa hum secco braço  
 Surde como buscando, sobre a borda  
 Do atahude, apoio para alçar-se.  
 A carcomida mão firmando a custo,  
 Se eleva em pé esqueleto descarnado,  
 Mal cubertos de andrajos lacerados  
 Do sudario que, ha seculos, por último  
 Vestido, trouxe à estancia dos finados.

## XXII.

## SPECTRO.

“ Que pertendes de mim? Porque vieste  
 De meu eterno somno despertar-me?  
 Peza-te a paz dos mortos, homem vivo,  
 Não tens assás de guerra e de disturbio  
 La sobre essa inquieta superficie  
 Da terra que inda habitas? — Acabadas  
 Entre os meus e os christãos pelejas foram;  
 Ou já meu sangue o sceptro dos Algarves  
 Conquistados per mim, perdeu covarde?,,

## FR. GIL.

“ Sobeja-lhe huma hora de reinado  
 A’ tua geraçãõ: mas da fadada  
 Ampulheta dos seculos o extremo  
 Bago d’areia cai; a derradeira  
 Hora chegou do imperio de teus filhos. ,,

## SPECTRO.

“ E isso vens anunciar-me? ,,



FR. GIL.

“ Isso. ,,

SPECTRO.

“ Com honra

Minha progenie acabará ao menos? ,,

FR. GIL.

“ De ti depende: ou perecer com glória  
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;  
Ou longa vida em ocio vergonhoso  
E criminaes deleites lhe he fadada. ,,

SPECTRO.

“ Pereça. ,,

FR. GIL.

“ Alto podêr em prisões doces  
O prende e guarda: incanto que o defende  
So a ti não empece: da ignominia  
Se desejas salvá-lo, vem e segue-me.  
Gripho alado acharás no Val de morte;  
Sobre elle montarás: voa-lo deixa.  
No atrio pousará d'huns bellos paços.  
Bate á porta tres vezes quatro: o resto  
La saberás. ,,

SPECTRO.

“ Irei.— Porêr, se a lua  
Clara he no ceo, não posso; não consente  
Sombra de mortos o clarão da lua. ,,

FR. GIL.

“ Parte: cubrir lhe-hei com esconjuros  
A face, e a esconderei. ,,

A lento passo

O esqueleto caminha; andando, os ossos  
Se lhe deslocam, e medonhos rangem.

Adiante o frade vai, e à boca apenas  
 Chega da cova, com fataes palavras  
 Impreca á lua que sua bella face  
 Envolve em negro veo, nem interrompa  
 Com a alva luz, das trevas os mysterios

## XXIII.

No ceo se apaga o luminar da noite,  
 Trevas a face do universo cobrem;  
 E os ares negros negro fende o hyppogripho  
 C'o finado guerreiro. Emtanto aos muros  
 De Sylves mansamente se aproximam  
 As escadas, as gravidas balistas,  
 Catapultas que amorte ao longe atiram;  
 E as movediças tórres lentas rodam,  
 Cada hum dos chefes o seo lanço toma  
 Do muro; e divididas as batalhas,  
 A hum signal dado o ataque se começa.

## XXIV.

Ja sobre o alto do muro os mais affeitos  
 Subindo chegam; ja bradar: "Sanctiago!,"  
 Ia Afonso mandar: vela de mouros  
 Os descobre, e gritou: "Alarma, alarma!,"  
 Os sitiados, que despertos sempre  
 Prestes estão, à defensão acodem.  
 Trava a peleja; langas se aremeçam,  
 Ardentes alcanzias, duros cantos;  
 Nuvens de settas pelo escuro á toa  
 Silvam pelo ar: do alto despenhados

Das escadas huns cahem, semque aos outros  
 O ânimo de subir lhes acovarde.  
 Dobra co'as trevas o terror; augmenta  
 Com a gritta confusa a sanha, a furia  
 D'hum lado e outro; e longo permanece  
 Entre tanto valor dubia a victoria.

## XXV.

Lindos paços que tanta formosura,  
 Tanto lustre encerrais, tanto amor vistes,  
 E de tanto prazer theatro fostes,  
 Paços da maga Alida, a vós me volto  
 Velas tu, bella infante, — e tu, formoso  
 Mouro, velas tambem, ou brando somno  
 Em repouso fallaz vos tem sopitos  
 Para cru despertar? — Tristes, não dormem.  
 Hum c'ó outro abraçados, a terrivel  
 Hora fatal da meianoite aguardam.  
 — “ Tanto não poderão,, Branca dizia;  
 E os soluços palavras lhe cortavam:  
 “ Tanto não poderão que dos meus braços  
 Te separem. A morte embora...,,  
 — Bate  
 Dura pancada n'esse instante á porta  
 De paço e vezes doze se repete  
 O mesmo rudo som lento e pausado.  
 — “ Ai!,, gritou a donzella, e embalde aperta  
 O seo amor n'esses formosos braços  
 Em vão! — a hora fatal soou: quebrou-se  
 O incanto. N, hum momento os lindos paços  
 Desapparecem. Sos na ingreme roca

De calvo outeiro ficam. Abragar-se  
 Inda c'o amante a misera se esforça :  
 Sêcca mão d'hum espectro arrasta e leva  
 Com invencivel fôrça o mouro joven ;  
 Em alado corcel com elle foge ;  
 Ja nos ares se perdem.... —

Branca , oh ! Branca ,  
 Baldado he teu chamar , balbado o choras ;  
 Nunca mais o verás : leva-t'o..... a morte.

## XXVI.

HUMA VOZ.

“ Teu execrando amor os ceos puniram  
 Segue-me : o Deus , que desleal trahiste ,  
 Vem aplacar com dura penitencia ,  
 Vem abjurar tua paixão nefanda ;  
 Vem , — ou n'este momento has pronunciado  
 Sobre tua cabeça criminosa  
 Condennação eterna.,,

BRANCA.

“ Mes'ricordia,  
 Senhor meu Deus ! — maior castigo ainda  
 A meu peccado tens ? maior do que este ?  
 Deus de piedade ! — separar-me...,,

VOZ,

“ Cega !  
 Emmudece , blasphema ,,,  
 — Da mão trava  
 A' donzella infeliz mão ruda e aspera.  
 Semimorta da dor , n'hum quasi espasmo  
 Que a vida lhe parou , languida a frente  
 Lhe descai , como ao lirio delicado ,

Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços  
Frei Gil ( d'elle era voz que lhe fallava ),  
E per seus iucantados poderios  
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,  
Per atalhos ja d'outrem não sabidos,  
Per devezas, per bosques, per silvados  
Illeso passa; e quando mor se ateia  
O furor do combate e assalto, chega  
Ante os muros de Sylves. Despontava  
A arraiada no extremo do oriente;  
E a luz que nasce de mostrar começa  
Os estragos da noite. Mor se augmenta  
Co'a vista horrivel, da peleja a furia.  
Emtanto Gil co'a infante á régia tenda  
Invisivel entrava; — e sobre os muros  
Da forte Sylves o pendaõ das Quinas  
O intrepido Nuno ovante arvora.

## XXVII.

Aqui, aqui ó nobres cavalleiros!  
Aqui de Portugal! vêde: o estandarte  
Lusitano cahiu; prncipitado  
Das altas tórres sobre os corpos rólla  
Exsanges dos que ardidos o hastearam.  
Aqui de Portugal, aqui! salvae-a  
A lusitana glória, que vacilla.  
O moaro exulta e freme co'a esperança  
Recemnada de sangue e de victoria.  
Quem lh'a inspirou? que subita barreira  
Ao valor dos christãos se poz d'avante?  
Fogem, vozes de cabos não escutam:

A fugir Portuguezes ! — Fogem , tremem ,  
 Quem he esse inimigo formidavel  
 Que tanto póde ? Hum so campeão, Armado  
 De enferrujadas armas , que parecem  
 Sobre a campa em tropheo haver jazido  
 De morto cavalleiro , — he elle : o escudo  
 Sua devisa tem ; de myrto e louro  
 Dous ramos saõ , Aben-Afan , que á porta  
 D'Azoia investe ; qual ferido tigre ,  
 As batalhas dos Lusos rompe , acossa ,  
 Affugenta , dispersa Morre o ousado  
 Que as costas naõ voltou : „ Fugi , que he elle ! „  
 Se ouve grito geral ; “ Fugi , que he elle ! „

## XXXIII.

Do alto dos muros o infiel responde  
 Com gritos de victoria aos sons covardes ,  
 E á seu rei , que lha traz , ledos saúdam.  
 Porta de Azoia , que sahir o viste  
 Quando levou consigo esp'rança e gloria  
 Do vacillante imperio , — abre-te agora ,  
 Abre-te a recebê-lo. -- He tarde , he tarde ;  
 Os seus dias e os teus estaõ contados ,  
 Senhorio de Agar , em nossas terras.  
 A porta abriu-se , mas em vaõ ; ja diante  
 De Aben , o mestre de Sanctiago em riste  
 A lança tem. — “ Defende-te (lhe brada)  
 Rei do Algarve , defende-te a vergonha  
 Do nome portuguez layo em teu sangue. „



## XXIX.

Justaram lanças ; lanças se quebraram.  
Espadas nuas, — e as espadas cruzam.  
Golpe he mortal cadaum ; broqueis aparam.  
Os duros botes c'os espontões duros.  
Nunca taes campeões juston a guerra  
Em próva singular de brio e fôrça,  
Cessa o assalto : na muralha os mouros,  
Na esplanada os christãos as armas poisam ;  
E nos dous cavalleiros se concentra  
O combate geral. Mas ja das cotas  
Roxeia o sangue, ja desmantelados  
Braceletes desprendem, ja partido  
Do mestre o escudo c'hum tremendo golpe  
Do joven rei cahiu. Briosos arroja  
O mouro o seo ; lealdade lhe não soffre  
Com armas desiguaes peleja ignobil.  
Sem defensaõ a espada fica o peito,  
Fica a frente : os cavallos mal supportam  
A fadiga, as feridas ; pé em terra  
Poem : de novo as espadas fogo e sangue  
Ferem, redobram ; mas o alfange quebram  
Ao musulmano rei ; — não quebra o ânimo ;  
A seo competidor de arteiro salto  
Corre, nos bragos o travou membrudos ;  
E enlaçados os dous, de corpo a corpo,  
De peito a peito, infatigaveis luctam.

## XXX.

Fôras , sorte , imparcial — nenhum vencêra ;  
 Neutros permaneci , fados da terra ,  
 Nenhum succumbirá. Mas os destinos  
 Nas balanças fatidicas pesaram  
 A sorte das nações ; o mahometano  
 Imperio pende. — Aben-Afan succumbe,  
 Cai : embalde o inimigo generoso :  
 — “ Cavalleiro ( lhe diz ) tua vida he minha ,  
 Não queira o ceo que a tal campeão a tire. ,,  
 Em vaõ ! nos olhos tremulos vacilla  
 A derradeira luz , nas faces pallidas  
 Ja mais sangue não há que o das feridas.  
 So morto cede : vivo se não rende  
 Quem jamais de estacada ou raso campo  
 Sem victoria sahiu. — “ He morto , he morto <sup>25</sup>  
 Clamam christãos , e ás portas se arrojaram.  
 De subito pavor cortado o mouro ,  
 Sem resistir , ao jugo off'rece o collo.  
 De novo as Quinas nos torredes tremolam ,  
 E no Algarve d'aquem Afonso impera.

## XXXI.

Nas ameias da tórre pendurada  
 Foi a cabeça do traidor Soeiro.  
 Em vaõ por elle supplicou Oriana ;  
 Elrei não cede : atroz , horrendo he o crime ;  
 Pune-o de morte a lei ; e á lei não ousa  
 Para tal delinquente o rei magnanimo

Justo rigor embrandecer piedoso.

### XXXII.

A's torturas da dor resiste a vida  
Da linda Branca ; mas razaõ lhe foga.  
Por Aben aclama , por Aben suspira ,  
De remorsos e amor ja ri , ja chora ,  
E c'os olhos no ceo , a alma na terra ,  
Ora implora perdões , blaphema outr'ora.  
— A Holgas a levam : Oriana a segue,  
Oriana , que deixar hum triste mundo  
Onde tudo perdeu , ao ceo votára.  
Unica a vista d'ella a dor acalma  
A afflicta Branca : seo formoso gesto  
Muda , quêda contempla horas inteiras ,  
E huma por huma nas feições lhe colhe.  
O parecer d'aquelle que inda adora.  
Mas ah ! consólo misero e mesquinho !  
Pouco e pouco se esvai o doce engano ;  
E a verdade fatal volve mais crua.

### XXXIII.

Flor da existeucia desfolhou-se o'hístea :  
Ramos que amarellecem vão cahindo ;  
Vejeta o tronco ainda : — mas he vida.  
Esse viver que alimenta em lagrymas.

FIM.



# NOTAS.

---

## AO CANTO PRIMEIRO.

### PAGINA 1.

#### Aureos numes d'Astreu.

Hesiodo de Ascra, a cuja Theogonia (ou geração dos deuses) aqui se allude.

### PAGINA 2.

#### Da minha conversão, sincera he ella...

Deve intender-se este verso e os dous subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, além de absurdas, insossas para nós. E todavia não he propriamente *maravilhoso christão* o de que se servio n'este poema: julga elle a religião muito sublime cousa para se fazer entrar em poemas, cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no Paraizo de Milton, no poema didatico de Racine. N'esta composição, seguio-se visivelmente o exemplo de Wieland no Oberon; todo o seo maravilhoso he tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.

### PAGINA 3.

#### A real Branca, de Lorvão senhora.

D. Nunes de Leão chama à infante D. Branca *senhora* de Lorvão e *abbadeça* de Holgas; não descubro eu razão d'esta distincção; mas conservo-a porque não era tal historiador como Duarte Nunes para a fazer sem motivo.

### PAGINA 3.

#### O castelhano rei...

D. Affonso de Castella e Leão, Imperador eleito que veio a ser d'Alemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Affonso de Portugal o III. e mãe d'el-Rei D. Diniz, de D. Branca, e outros infantes. D'essa filha

D. Beatriz foi elle tão amante, que por seo respeito ce-  
deo ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Al-  
garve, direitos que por de boa lei tinha, já em razão  
da dominação antiga, já porque de novamente o hia con-  
quistando a ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que  
portuguez e portuguezes quasi todos os cavalleiros que an-  
daram na conquista, eram todavia elle e sua ordem vas-  
sallos de Castella. Por amor d'esta mesma filha quitou  
despois D. Affonso ao de Portugal a obrigação das cin-  
coenta langas que com a investidura do Algarve lhe im-  
pozera. Veja D. Nunes. Chron. de D. Affonso III.

## PAGINA 4.

Vassallos estes são que as ferteis varzeas  
De Burgos teem...

O convento ou abbadia de Holgas está situado nas de-  
leitosas varzeas de Burgos; e grande espago em derre-  
dor eram vassallos d'elle os povos que as habitavam. Ain-  
da hoje teem elles grande dependencia do mosteiro; e  
a abbadeça (me disse um biscainho cuja tia o fôra) usa  
de mythra como Abbade: esta singularidade motivou o  
verso acima;

A mais subido,  
Mais alto grão na hierarchia.....

## PAGINA 4.

Salvos conductos do valente Affonso...

Diziam-se salvos-conductos os que davão Reis e Senho-  
res feudaes a quem, receioso de passar por suas terras,  
lh'os pedia para segurança de sua pessoa, porque o não  
atacassem, ou lhe não defendessem a passagem. D'elles  
ha exemplos na historia dados a Reis per outros Reis,  
como foi o que a D. Pedro o cru de Castella deo el-Rei  
D. Pedro I. de Portugal.

## PAGINA 4.

Com ricos pannos d'ouro..,

Chamavam pannos d'ouro a certo tecido feito com pa-  
lhetas de ouro, ao qual, supponho, se dá hoje o nome  
de *lhama* de ouro ou prata, a segunda he o metal de que  
são as palhetas.

“ O corpo de D. Ignez de Castro vinha em humas  
andas, cobertas de hum panno de ouro. ,,

•iz D. Nunes, fallando da trasladação de D. Ignez.



## PAGINA 4.

Que nem o agudo Busembau sonhára,  
Nem o Larraga lhe mettêra o dente.

He evidente o anachronismo; mas além de não ser na boca dos actores, não pude resistir á tentação de fallar em dous tamanhos casuistas. O Larraga foi oraculo dos nossos padros moralistas, e a obra prima da sabedoria humana em a sciencia dos costumes, e direcção das consciencias. Assim no-lo pregavam Jesuitas. Já se vê que ironicamente he dito aqui: os bons Ecclesiasticos hoje são os primeiros que taes livros desprezam.

## PAGINA 4.

Mestre Gil Vaz que em Padua fez prodigios.

Aos physicos e Doutores medicos chamavam então em Portugal *mestres*, ou *messeroes* á Italiana. E não só aos Doutores em medicina, porém aos outros tambem, como he de vêr, nos escriptos d'esse tempo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa Universidade para Physicos, assim como em Bolonha para juristas e theologos. A de Coimbra não veio a fundar-se, senão em o reinado seguinte.

## PAGINA 6.

De monges negros...

Os monges distinguiam-se ao principio, ou por aquellas eras na Europa, pelas côres de sua cogulla: Bernardos ou de Cister os *brancos*, bentos os *negros*. São vulgares, não só as rivalidades d'estas ordens entre si, mas as chufas, dicterios e apodos com que se motejavam huns aos outros sobre negros e brancos, por equívocos e joquetes que d'estas palavras formavam. Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black*, e *white friars*: nem era só popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei porque fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres Bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige á seu saudo instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'esse instituto entre elles reina.

## PAGINA 8.

O que lhes falta, o que? — Falta a tremenda,

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não supponho que haja se em Portugal quem faça

re o uso venerando (por antigo) dos monges de S. Bernardo, uso conhecido pelo nome de *tremenda*. Advertiram-me porém que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente o não sabia, como o sabemos nós provincianos, que mais de perto lidamos com aquelles Padres, e lhes sabemos das...virtudes.

A certa hora da noite, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos Padres, vão pelos dormitórios, leigos, donatos, coristas, ou moços; que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vazillia, cheia de gordas, grossas e pingues postas de cevado toucinho cosidas e adubadas com seo mólho de vinagre, e não sei que mais ingredientes; e batendo às portas das cellas, acordão aquelles penitentes varões para tão frugal repasto, que SS. Reverendissimas mui devotamente, e por sancta obediencia devoram. A isto se chama *tremenda*; porque e com que etymologia não pude ainda descobrir; mais o facto asseveram ser tão real como a existencia dos cachaços dos Reverendos Padres. Talvez d'aquí venba aquelle sabido anechim, que às pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos.

PAGINA 8.

E em caso de mais polpa um bom milagre.

Não interprete algum mal-intencionado que o Auctor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia crenga da Igreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fé publica. Com esses he a ironia d'este e dos versos subsequentes.

PAGINA 11.

Como atahude egypcio que entre os brindes...

Não commento este verso para explicar a allusão historica tão sabida de toda gente, mas para dizer que a comparação não he minha: li-a, porém aonde não me posso lembrar.

PAGINA 12.

Insolúvel theorema a sabios, se ergue

A obra dos Pharaós.

Porque digo theorema, e não problema como geralmente se diria, conhecem os que sabem a differente natureza e significação das duas cousas e palavras

Quanto a *insolúvel*, autilisar-me hei com as observações modernas de um viajante Inglez, que apezar de não

ser tão conhecido e fallado como Voiney, Chateaubriand, e outros viajeiros orientaes, em muitas cousas observou mais reflectido, e intendeu melhor que elles. Eis aqui o que elle diz sobre as celebres pyramides de Egypto:

“ Com imperfeitos conhecimentos da antiguidade, e auxilio de arbitrarias analogias vão esforços se tem feito para romper a obscuridade que envolve a origem d'estes monumentos: as tentativas dos sabios modernos, depois de observações longas e assíduas, antes tem multiplicado do que ajudado a arredar as difficuldades. O fim de tães construcções porventura não foi jamais nem completa, nem geralmente conhecido. Cartas sobre a Palest. Egypto, etc., por J. T. R. — Cart. 25.

He notavel porém que, depois de tal confissão, o auctor nos appresenta a sua opinião como a *unica segura*.

## PAGINA 13.

## Que por velas de mouros o tomara.

Velas na linguagem d'aquelle tempo, quer dizer vigias, sentinellas. Vejam-se os classicos *passim*, e especialmente D. Nuzes na chronica del-rei D. Afonso Henriques, pg. 108, ediç. de Lisboa de 1774; ahi:

“ E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as *velas* estavam mais somnolentas. „

*Rolda*, ou *sobrerolda*, que alguns tem pelo mesmo, he todavia differente. Rolda he a sentinella, ou vela que vigia sobre outras velas; como hoje ha official do dia que visita de noute as guardas para ver se tudo vai em ordem. Outro lugar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte, 109, authentica esta distincção: “ Nisto a *rolda*, que andava pelo muro requerendo as *velas*, chegou perhi, e lhes fallou. „

## PAGINA 13.

## Bem travado co'elles

## Anda o mestre Dom Paio.

D. Paio Correa, portuguez de nascimento, e mestre do Sanctiago em Castella que com seus commendadores e cavalleiros tomou aos mouros os mais dos lugares do Algarve, e depois se fez vassallo d'elrei de Portugal, a quem entregou todo o ganhado por motivo da cessão de D. Afonso de Castella. Foi homem de singular valor e nomeada prudencia.

## PAGINA 13.

## Como as sette

## Aureas tôrres no escudo luzitano...

## Como ao singelo titulo...

As sette tórres do escudo portuguez são pelos Algarves, e aureas porque são amarellas, que em blazoneria he o mesmo que aureas, ou de ouro. As quaes tórres são em campo vermelho; e a razão d'isto refere o citado chronista, foi por os lugares que erão tomados dos mouros, e por os que esperava tomar com spargimento do sangue delles. Quanto ao numero de sette, he elle mais moderno: vêm-se em pinturas antigas, doze e mais castellos nos escudos portuguezes. Li-o algures, mas não me recorde de que rei nosso fixou o numero de sette, para o que não teve razão particular, senão motivo de regularidade para o futuro.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se somente com a singela saudação de Ourique, em Lamego confirmada, de reis de Portugal, o dos Portuguezes, que tambem ha documentos e scripturas antigas, em que vem d'esta ultima fôrma. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — e do Algarve — no singular. O plural — dos Algarves com — d'aquem, e d'além mar em Africa — so o tomaram depois de haver estendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente houve-ra este reino dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa unidos em um so imperio, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Almeria, reino de Granada; e da parte de Africa, desde a boca do estreito corria até Tremezem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere; ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

Algarve *Algarb* he a parte occidental, ou Poente. Assim chamam os mouros á antiga Turdetania. Não pude descobrir onde Dnarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa terra plana, cham e fértil, quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo o toma pela parte occidental.

*Algab* que nos corruptamente chamamos Algarve. Barros, d. c. 1, p. 1., — Vestigios da ling. arab. em Portugal, per Fr. João de Souza. Lisboa, 1789.

PAGINA 14.

## E a hora a costumada

## De suas rezas maldictas.

O escurecer, hora, em que se illuminam os *minarettes* ou *gryppes* das mesquitas, e sobem a elles os *Imans* a chamar para a oração da tarde.

## PAGINA 15.

A pergunta costumada

De — Por quem, cavalleiro ? ,

Era o — qui vive ? — d'então. Ao passar per pontes, lugares fortes, etc., ás entradas das terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as continuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou gentes d'armas, quando em qualquer parte se encontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada, e a miudo acabou o interrogatorio com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos.

## PAGINA 18.

Hymno exemplar e sancto,

Extrahido do cantico dos canticos.

Voltaire, que foi tamanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o sublime *cantico dos canticos* era hum poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sabio: paraphraseou-o a seo modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem so em Voltaire o ler. O cantico dos canticos he hum sublime trecho de inspirada poesia, mas que não he para de todos ser lido e entendido.



## AO CANTO SEGUNDO.

## PAGINA 21.

A ventura, o prazer d'hum nó separa.

Tudo quanto aqui se diz a respeito dos votos religiosos não he sôlta generalidade, nem invectiva contra os sanctos asylos que para o infortunio, para a virtude, para a fraqueza humana abre o claustro e principalmente a hum sexo que per si he destituido da força, da energia que as difficuldades da vida precisam. Mas ninguem pôde negar que terriveis, funestos, desastrosos abusos tem solapado estas instituições. He geralmente demaziado tenra e inexperta a idade da profissão: e muitos varões de grande doutrina e religião contra esse êrro fatal tem clamado: êrro que priva o estado de tanta boa mãe, de tanta esposa excellente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e so a elles se refere o que no poema he dicto.



## PAGINA 23.

**Largas postas do nitido cevado.**

Assim chamam na minha provincia ao porco engordado em casa, e na *cortinha*, ou *eido*, como diz a nossa gente.

## PAGINA 26.

**Basta, padre, á ordem.**

Conheço o anachronismo da expressão; mas desculpe-me, porque ha certas cousas e palavras, que pela muita vontade que me fazem de rir, não posso impedi-las que se me não venham encaixar onde quer que acaso para rir.

## PAGINA 28.

**E em manta enorme atassalhando hum naco.**

Manta, he de toucinho, e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões; mas para exprimir ideias vulgares como se hade fazer sem ellas, ou sem cabir em Gongorismo e Elmanismo? — Não disse virgilio: *Pars in frusta secant*?

## PAGINA 29.

**Digna de ti, ó Wan-derneer mimoso.**

Pintor célebre da eschola flamenga, cujos characteres são a simpleza e naturalidade (porventura demaziada as vezes.) O fundo dos quadros flamengos he quasi sempre negro, ou muito escuro: a isso alludem os versos mais abaixo.

Pinta-me o escuro

Fundo dos quadros teus.

## PAGINA 34.

**Tremendo Allá soou pelas abobedas.**

Voz ou grito de accometter e de guerra dos mahometanos. Em arabe he — *Alla acbar* — *Deos he todo poderoso.*



## PAGINA 36.

Donde vieram ao reclamo tredo  
Do vingativo pae pola offendida  
Honra da loura virgem.

Allusão á entrada dos mouros nas Hespanhas, per ajuda e chamamento do coude Julião, que para vingar a honra de sua filha, infamada per elrei D. Rodrigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas notas á — “Visão de D. Rodrigo”, — parece dar algum pêso ás duvidas de Voltaire (hist. gen.) sobre a authenticidade d’este factó, e talvez porque Gibbon lhes dera tambem valia. Certo he porêm que huma tradicção tam geral e constante não he para ser destruida com simples duvidas, mas que sejam de grandes auctores,

## PAGINA 41.

Tal em cheiroso banho aspide amigo  
Voluptuoso suicida.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era frequente uso dos orientaes, até na morte voluptuosos — ou *deliciosos*, que he expressões do nosso Lucena.



## AO CANTO TERCEIRO.

## PAGINA 44.

E vós, fermosas mouras incantadas,  
Da noute de san’João aopé da fonte  
Aureas tranças....

He crença popular entre nós que a noute de san’João todos os incantamentos se quebram. as mouras incantadas; que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam n’essa noute sua bella e natural presença, e vão pôr-se aopé das fontes, ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de ouro*. Os thesouros sumidos no fundo dos pozos vem a tona d’agua, e mil outras maravilhas succede em tam milagrosa noute.

Ja indo , ás duzias , em casquinha d'ovo.

Ainda hoje he superstição commm nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comido , por temor, dizem e crem , que d'ellos se não sirvam as bruxas para ir á India , ou a outras partes longes onde costumam de ir embarcadas em taes navios , chupar sangue de meninos por baptisar , ou fazer alguma outra maldade de seo officio. Todavia he miste que se recolham cedo , e antes do cantar do gallo—preto que são os mais certos co'a meianoute — porque a essa hora acaba-se-lhes o incanto e podêr : assim muitas tem morrido affogadas per esses mares de Christo. A isso allude o verso mais abaixo:

E ai ! se o gallo cantou , que à meia noute  
Incantos quebram , e o podêr lh'acaba.

Não gôsto de Irminsulfs , nem de Theutates.

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson , que tantos annos correram mundo com o nome de Ossian , foraõ de tanta moda aqui ha tempos , que os phantasmas scandiavios , caledonios , e todos as outras invenções e mythologia runica andavam na baila per vesos e versinhos de toda a gente. Cesarotti , o erudit e profundo Cesarotti quasi que dá preferencia ao imaginario bardo ecossez sobre o proprio homero ; e elle , que ambos os traduziu , certo que os tinha estudado. Buonaparte , cuja imaginação gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este genero , foi grande prezador d' Ossian , e o preferia á todos os poetas : n'esse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante Lebrun , unico lirio que tenho conheo do francez , de geito ( digam o que quizerem de Malherbe , e Rousseau ) em huma gallante odesinha graciosamente combate , e mette a ridiculo esta preferencia.

Quanto a mim , tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella , e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas , são magnificas nas montanhas e despenhadeiros da alta Escocia , nos gelos e neves das terras polares ; mas nos nossos dulcissimos , e risinhos climas não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento ; e repito que essas bellezas glaciaes.

“ Do sol do meio dia aos raios vividos  
Parvos ! — se lhes derretem ; a brancura  
Perdem co'a nitidez , e se convertem  
De Incidos christaes , em agua chilra. ,

## O saxeo promontorio, que de Sagres Tem hoje nome.

Para explicação de tudo o que vai dicto até o fim da estancia IX, copiarei aqui hum tracto de huma mui breve, porém mui bem escripta descripção d'esta parte do Algarve, cujo auctor supponho ser hum doutor Silva, medico e homem de muito saber e gôsto, de quem possui alguns preciosos mss

“Entrando na praça de Sagres dous contrarios effeitos se observam; per huma parte admira-se hum quasi isthmo composto de hum enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum*, ora horisontaes, ora obliqnos, ora verticaes, cuja revolução assas mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dous grandes hyatos que la se encontram; per outra ve-se com espanto o que fôra theatro das observações astronomicas de nosso famosissimo infante D. Henrique reduzido a ruínas, que á exceção das baterias, m is inculcam huma praça abandonada, que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este pôrto sahiram as expedições, que abriram o primeiro caminho á descoberta das nossas colonias, cuja epocha faz figurar tam gloriosamente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo pôrto he demandado como asylo de todos os navios que atrevessam os nossos mares, tanto mais se magôa todo o bom portuguez: porque se não accredita a origem de tanta honra que d'alli resultou á nossa patria; envergonhando-se de que o estrangeiro esperando achar hum padrão distincto de tem heroicos feitos, não encontra senão huma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam: tanta he a penuria e despopulação d'aquellas pobres terras!...

“Na distancia de mil passos andantes do nordeste da praça fica huma pequena lagoa... As plantas que crescem dentro d'aquelle recinto são a mor parte de *fragaria*, alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos, e poucos almeires, azedas, e grama .., alecrim, rosmaninho, tojos, e carqueja...”

## Onde o pródigo insecto auxiliando Trabalhos d'arte, e fôrças da natura, A sacarina flor no botão pira

O insecto que se gera ou desinvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo. fura o figo onde nasceu, e vai picar os das outras. Plantem para este fim os Algarvios aquella casta de figueiras entre as ma-

is, porque o figo assim piado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *sacarina flor*, porque he sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flor, ou antes involucro de flores.

PAGINA 52.

### E o grave da saxonica rudeza.

A architectura saxonica differencia-se da gothica pelo massudo e grosseiro de suas fórmãs. As arcadas gothicas são ligeiras e aguçadas, as saxonicas redondas, pesadas e achatadas. Não so em Inglaterra, e Alemanha, como alguem crê, mas em Portugal, per todas as Hespanhas ha monumentos de ambas ellas.

Não lhe descobriria o proprio Volney...

Nem tu famoso Jones....

Volney nas viagens do Egypto, e sir W. Jones *Essays on eastern poetry and on the imitative arts*, (Lond. 1777) são, quanto a mim, os mais intelligentes antiquarios, que de cousas orientaes escreveram. Não sei se me ingano, mas tenho por mais profundo o inglez.

PAGINA 54.

### Os leões de incanto

Os olhos, quando dormem, arregolam.

Em todos os contos de fadas e castellos incantados se deparará com esta circumstância arrepeito de leões, dragos, serpentes, etc.

PAGINA 56.

Ja em Cacella, prego offerecido

Por Estombar, e Alvor.

D. Paio, mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinha tomado aos mouros do Algarve os lugares de Alvor e Estombar; e estes lhes offereceram por ellas a praça de Cacella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça forte e mui defensavel dos mouros. D. Paio acceitou, e d'hi com mais força continuou e acabou a conquista. veja-se D. N. de Leão Chr. de D. Afonso III.

PAGINA 56.

Abre-te , porta ,  
Porta d'Azoia.

Célebre porta de Sylves , da qual faz menção o citado D. Nunes no mesmo lugar.

PAGINA 59.

Mais fragrantés que o oleo precioso  
Das rosas do Thibet.

Este oleo , que se vende carissimo , he celebrado per todo oriente , e ja hoje o luxo europeu o fez conhecido entre nós. Hum dos primeiros poetas d'estas eras , é agora (depois da morte de Byron) o primeiro dos hoje viventes , o suavissimo Anacreonte do norte , Thomaz Moore eternizou na sua Lala Rook a memoria de tal oleo.

---

## AO CANTO QUARTO.

PAGINA 65.

Falso o meu Deos ; e o teu he verdadeiro ?

Note-se que falla hum infiel dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes , e sem a guia da revelação. Assim na estancia seguinte . a VI , se diz :

Os theologos sabem mil respostas....

PAGINA 68.

Flexivel ; curta vara tem na dextra.

A célebre varinha de condão , ou *divinatoria* , insignia e instrumento de fadas , encantadoras , etc.

PAGINA 75.

Sois vós outros ,  
Portuguezes , imigos do descanso ,  
E delicias de paz.

São expressões de hum rei , ou régulo da India em car-



ta, ou falla a hum de nossos capitães per aquellas partes, nos bons tempos da glória da nossa gente. — Hoje.....

PAGINA 76.

Embriagando-se em sangue de parentes,  
De amigos....

Superstição muito geral no oriente que veio a prevalecer depois para o septentrião da Europa. O nome de *Vampyro* he hoje c lebrê pela historia de Lord Byron, ou de quemquer que he seu auctor.

PAGINA 78.

Como a espada de fogo, que fulmina  
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

Os mahometanos citam, e dam crédito a grande parte dos livros do Testamento Velho, e fallam de Moisés, Abraham, etc. como a mesma veneração que judeus, e christãos.

PAGINA 82.

O burel de santão.

Nome que dão os musulmanes a certos loucos, ou fanaticos, que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito; e não he de admirar que hum mahometano como Aben-Afan confundisse os seus miseraveis *santões* com os nossos sanctos ermitães.

PAGINA 83.

Christo e Mahomet foram prophetas  
Mas Deos he o mesmo Deus.

Tal he a impia fé e misero credo dos mahometanos. Dizem elles em sua cegueira, que não sendo completa a missão de J Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandára reformar, ficára peor do que estava, mandára Deus a Mohemet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch.



## PAGINA 86.

O propheta , se a víra nesse instante ,  
Emmendara o Koran.

Todos sabem que Mafoma no seo Koran , ou Alkoran  
negou a entrada do paraizo ás mulheres, e apenas conce-  
de por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes, e  
amantes de seus maridos, que de longe estejam vendo a  
glória de seus antigos esposos.

## AO CANTO QUINTO.

## PAGINA 88.

Pelas librés da infamia e de injustiça.

Convimos todos os Portuguezes que muitos, ao menos  
algumas d'estas venerandas insignias andam deshonradas  
sobre peitos d'ella indignos, ou porque taes se tornaram  
depois de as obter, ou porque suprehenderam a religi-  
ão do gran'mestre. Toda a generalidade he inexacta: inten-  
da-se d'aquelles a quem a carapuça servir.

## PAGINA 95.

Como estrellas namoradas.

Allusão ás harmonias das espheras de Pythagoras, cu-  
jo antôjo ás favas he bem conhecido.

## PAGINA 103.

Seccos troncos

De figueiras que ahí jazem, encastellam.

Historico. Veja Chr. de D. N.

## AO CANTO SEXTO.

PAGINA 115.

Bordada a cruz azul , insignia antiga  
Do reino...

Primeiras armas de Portugal e do conde D. Henrique , mudadas depois da gloriosa batalha do Ourique , mas conservadas em bandeiras e outras cousas muito tempo depois.

PAGINA 115.

N'este seo reino.....  
Investi lo do Algarve.....

Historico. V. todas as chron.

PAGINA 119.

Se o víra alguém , forte milagre fôra,

A igreja reconhece os milagres ; e a crença dos feis se deve conformar com esta : mas não se segue d'hi que não haja sobre este ponto muita superstição entre o vulgo , e sobre tudo n'aquelles seculos ignorantes. Além de que a bem entendida piedade nos deve fazer aguardar a decizão da igreja antes de prestarmos fé ; pois em verdade muitos falsos milagres tem havido , que para serem taes foi mister que ninguem os visse : com o que se dá gôsto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião.

PAGINA 127.

Quando ramo de peste em talha de ouro.

Allusões a várias crenças populares sobre a noute e madrugada de S. João. He com effeito real que a noute de S. João , a festejam os mahometanos da mesma sorte que nós com fogueiras , danças , etc. Modernos viajantes testimnham do Egypto e outras partes do oriente que não he conto de velhas o que celebra aquella tam sabida canção :

Té os mouros na mourama  
Festejam a san'João. —

V. Dupuis. O. dos C.

PAGINA 134.

Meu incubo podêr.

Veja-se a respeito de *incubos e succubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactancio, padres da Igreja que todos accreditaram n'este podêr dos demonios. Veja-se tambem as notas do P. Pereira ao VI. cap. do Genesis, e á I. epistola, XI, 10, Cor. de S. Paulo: dous lugares da biblia, que deram origem, por mal entendidos; áquella imaginação pouco decente.

## AO CANTO SEPTIMO.

PAGINA 141.

Antes que a inquisição queimasse as bruxas.

Em testemunho da sanctissima verdade se deve dizer que as mesmas atrocidades e fanaticas persiguições da ignorancia commettidas nas duas peninsulas pela inquisição, taes e tamanhas se commetteram nos ouros paizes, onde a não havia. A Saint Barthelemy, a Dragonade, e as horriveis crueldades do reinado da bloody Mary não succederam para áquem dos Pyreneus, nem para elêm dos Alpes, onde querem atirar com tudo quanto he d'este genero. E em que seculo foi *Dragonade!*

PAGINA 148.

Ordens ja deu, e dividiu batalhas.

Chamavam os nossos antigos *batalhas* ao que na technologia da nova tactica militar se chama *columnas*. Por algum resto da antiga derivação subsiste ainda hoje talvez a palavra *batalhões*, que todavia não he exactamente o mesmo. As *columnas* ou divisões d'hum corpo d'exército chama tambem *azes*, talvez do latino *ala*, Damião de Goes Ch. de D. Man. Batalhas era o mais geral

PAGINA 148.

Ahi per essas eras

Os seus mortos os mouros sepultavam.

Os mahometanos fazem sempre seus cemiterios fóra das

ciudades, e escolhem para elles appraziveis e amenos, se não alegres sitios. Veja-se Volney viag. ao Egypt. — Cha-teaubriand, itineraio, etc.

PAGIEA 149.

Tira da manga mão de infante morto.

Toda esta estancia he compilada dás crencas vulgares e superticiosas dos nossos povos. Todavia he isto commum em toda a parte, e não he so a nossa gente a que cré em bruxas. Veja-se *Dictionaire infern.* etc.




---

BAHIA : TYP. CONSTITUCIONAL IMP. G. J. D. DE BARBUBA,  
Rua do Tyjôlo n. 31 — 1839,







WERT BOOKBINDING

JAN 1989

Grantville, PA

